

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
PUC-SP



Francisco Carlos Ribeiro

**A “*missão*” na literatura:  
A redução jesuítica em *A fonte de O tempo e o vento***

MESTRADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2016

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Francisco Carlos Ribeiro

**A “*missão*” na literatura:  
A redução jesuítica em *A fonte* de *O tempo e o vento***

**MESTRADO EM HISTÓRIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação da Profª. Drª. Olga Brites.

SÃO PAULO

2016

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olga Brites

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yvone Dias Avelino

---

Prof. Dr. Ubirajara de Farias Prestes Filho

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário da Cunha Peixoto  
(suplente)

---

Prof. Dr. Mirna Busse Pereira  
(suplente)

*Dedico esse trabalho de pesquisa aos meus pais,*

*J. Francisco e Francisca M.,*

*e também a todos aqueles que o inspiraram,  
mas, que não terão tempo, desejo ou paciência para lê-lo.*

Agradeço de modo especial o apoio financeiro oferecido pela

**CAPES**

– *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* – do Ministério da  
Educação

e pela

**FUNDASP**

– *Fundação São Paulo* – da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## Agradecimentos

*Quanto mais velho fico, mais pessoas de meu passado tenho o desejo de encontrar para abraçá-las e dizer-lhes sem mais explicações: Obrigado! Obrigado! Obrigado!*

*Erico Verissimo*

Assim como um filme, que é fruto do trabalho de equipe (produtor, diretor, roteirista, intérpretes e técnicos), uma dissertação de pesquisa também se concretiza como resultado do esforço de um grupo de pessoas que direta ou indiretamente estão relacionadas com a sua realização. Desejo, portanto, mencionar aqueles que se destacaram de alguma forma durante a trajetória de meu trabalho como pesquisador. Agradeço:

Pela paciência, pelo respeito e pelo rigor metodológico à professora **Olga Brites**, orientadora desta pesquisa.

Pelas reflexões, pelos conhecimentos e pelos estímulos intelectuais aos caros professores do Programa de Pós-Graduação: **Maria do Rosário da Cunha Peixoto**, **Antônio Rago Filho**, **Denise Bernuzzi de Sant'Anna**, **Antônio Pedro Tota**, **Yvone Dias Avelino** e **Estefânia Knotz Canguçu Fraga**, além de minha orientadora.

Pelas orientações especiais oferecidas na Banca de Qualificação, que proporcionaram um enriquecimento significativo ao trabalho de pesquisa as professoras **Maria do Rosário da Cunha Peixoto** e **Yvone Dias Avelino**.

Pelos conselhos oferecidos como leitor externo na disciplina de “Pesquisa Histórica” ao professor **Alberto Luiz Schneider**.

Pelo companheirismo em dúvidas, crises e debates aos colegas das disciplinas cursadas, em especial a **Lucas** (Cândido de Oliveira), **Renata** (Alves Melki de Souza) e **Felipe** (Eugênio de Leão Esteves).

Pelo apoio institucional da IPAEAS concedido pela professora **Maria Cristina Banhara**.

Pela solidariedade e pelo incentivo constante aos professores-amigos ***Ubirajara de Farias Prestes Filho, Alenice Batista Esteves, Paulo Tadeu de Oliveira Deusdeante, Telma Cavalieri Oliveira, Débora Niciolli Coutinho, Bruno José da Silva e Angélica Pires de Souza.***

Pelo afeto, pela confiança e pelo alento moral a minha ***família***, em especial a minha ***mãe***.

E, por fim, agradeço pela vida, pela saúde e pela sabedoria, outorgadas por ***Deus***.

*Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece.  
Nasce o sol, e o sol se põe, e apressa-se e volta ao seu lugar de onde nasceu.  
O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e  
volta fazendo os seus circuitos.*

***Eclesiastes 1:4-6***

*Petei javegua kuery oaxa 'rã, há'e gui amboae javegua ju 'rã ikuai.  
Há'e rã yvy ma itui riae 'rã.  
Kuaray ma oe 'rã, há'e gui oike ju 'rã.  
Há'e gui oiague katy ju 'rã oo, oe ju aguã.  
Yvytu ma oo 'rã kuaray puku-a katy, há'e gui ojere vy kuaray ijapu'a'ia katy ju rã oipeju.  
Ojeapa 'rã ovy, há'e gui ojevy ju rã ojeapaaty rupi.*

***Ayvu mombe'ua ombopara va'ekue 1:4-6 (guarani)***

## Resumo

A presente dissertação tem como problemática central a análise do episódio *A fonte*, do romance *O continente*, da trilogia *O tempo e o vento* de Erico Verissimo, dentro do debate intelectual desenvolvido durante os anos de 1930-1940 entre a matriz lusitana (Moysés Vellinho) e a matriz platina (Manoelito de Ornellas) da historiografia gaúcha sobre a importância de Sete Povos das Missões no processo de formação do Rio Grande do Sul.

Seu objetivo principal é examinar a relevância da região missioneira no processo de construção da identidade étnico-cultural do território sul-rio-grandense, a partir das problematizações elaboradas por Erico Verissimo em seu romance.

A relevância desse estudo se justifica pelo fato de não existirem muitos estudos acadêmicos tomando como base específica o episódio *A fonte* dentro do contexto do já mencionado debate historiográfico dos anos 30.

O tema foi construído, em primeiro lugar, a partir do contexto histórico em que Erico Verissimo viveu e produziu sua trilogia, procurando apresentar desse modo as raízes e as características do solo e do clima em que essa árvore literária foi concebida, esboçada, redigida e publicada. Em segundo lugar, procurou-se explorar o episódio *A fonte* visando estabelecer um diálogo entre as possíveis relações do texto narrativo ficcional com o texto narrativo historiográfico no processo de desenvolvimento de construção do conhecimento histórico.

Palavras-chaves: romance histórico, romance de 30, matriz lusitana, matriz platina, jesuíta, Guarani, Rio Grande do Sul.

## Abstract

This work has as its central problem the analysis of the episode *A fonte* of the novel *O continente*, the trilogy *O tempo e o vento* Erico Verissimo, within the intellectual debate developed during the years 1930-1940 between the lusitanian matrix (Moisés Vellinho) and the platinum matrix (Manoelito of Ornellas) of the historiography “gaucha” on the importance of Sete Povos das Missões in the formation of Rio Grande do Sul.

Its main objective is to examine the relevance of missionary region in the construction of ethno-cultural identity of South of Rio Grande territory from problematizations developed by Erico Verissimo in his novel.

The relevance of this study is justified by the fact there are not many academic studies taking as a basis the specific episode *A fonte* inside context of the mentioned historiographical debate 30s.

The theme was built in the first place, from the historical context in that Erico Verissimo lived and produced his trilogy, trying to show in this way the roots and soil characteristics and climate in which this “literary tree” was conceived, drafted, written and published. Secondly, we tried to explore the episode *A fonte* to establish a dialogue between the possible relationship of the fictional narrative text with the historiographical narrative text on the historical knowledge building development process.

**Keywords:** historical novel, 30 novel, lusitanian matrix, platinum matrix, jesuit, Guarani, Rio Grande do Sul.

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b>	12
<b>CAPÍTULO I – A década de 1930: o ambiente cultural</b>	25
1.1 <i>O ambiente literário</i>	26
1.2 <i>O ambiente historiográfico</i>	38
<b>CAPÍTULO II – No galope do tempo: trajetórias de um artista</b>	54
2.1 <i>A trajetória de sua formação literária</i>	56
2.2 <i>A trajetória de formação de sua trilogia</i>	67
<b>CAPÍTULO III – A fonte: a “missão” na literatura</b>	78
3.1 <i>Os Sete Povos das Missões</i>	81
3.2 <i>Ad majorem Dei gloriam</i>	92
3.3 <i>Co yvy oguereco yara</i>	110
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	121
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	124
<b>ANEXOS</b>	129

# Apresentação

*História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido.*

*Sandra Jatahy Pesavento*

A Literatura sempre foi uma fonte de conhecimento de grande relevância em minha vida, sendo a ficção algo que nos remete ao mundo mágico da imaginação, elevando-nos ao balão multicolorido da nossa fantasia concedendo-nos um manancial inesgotável de prazer estético. Meu contato inicial com ela se deu por influência de minha mãe que, ao cair da noite, lia para mim e meus irmãos as histórias de *Charles Perrault*<sup>1</sup>, dos irmãos *Grimm*<sup>2</sup>, e de *Hans Christian Andersen*<sup>3</sup>. Ela não tinha noções de crítica literária, mas soube escolher muito bem os autores iniciais de minha infância. Curiosamente não havia nenhum livro de *Monteiro Lobato*<sup>4</sup> em minha casa, mas minhas professoras do “antigo primário” souberam suprir essa lacuna imperdoável.

O encontro com a História, no entanto, ocorreu somente com o meu ingresso no sistema formal de ensino. Aos doze anos, minha mente, durante as aulas maravilhava-se ao imaginar as pirâmides do Egito, os incêndios de Troia e Roma, as batalhas das Cruzadas e as viagens marítimas em busca das cobiçadas especiarias. Através dela descobri um mundo repleto de piratas, corsários e guerreiros, mas também de filósofos,

---

<sup>1</sup> **Charles Perrault** (1628-1703) foi um autor de contos de fadas nascido na França. É considerado o “pai da literatura infantil” por ter sido o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura. Suas obras mais importantes são *Chapeuzinho vermelho*, *A bela adormecida*, *O gato de botas* e *O pequeno polegar*.

<sup>2</sup> **Jacob Grimm** (1785-1863) e **Wilhelm Grimm** (1786-1859) foram compiladores de fábulas infantis nascidos na atual Alemanha. Seus textos mais célebres são *Rapunzel*, *João e Maria* e *Branca de Neve*.

<sup>3</sup> **Hans Christian Andersen** (1805-1875) foi um escritor de obras infantis natural da Dinamarca. Suas obras mais famosas são *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia* e *A roupa nova do rei*.

<sup>4</sup> **Monteiro Lobato** (1882-1948) foi um dos escritores brasileiros mais influentes de todos os tempos. Tornou-se conhecido nacionalmente por suas obras destinadas a literatura infantil de onde se destacam *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *O Sítio do Picapau Amarelo* (1939). A partir de 2010 sua obra tem sido alvo de acusações de racismo como, por exemplo, em seu único romance *O presidente negro* (1926).

artistas e muitos escritores. Em especial *Jules Verne*<sup>5</sup> com as aventuras do Professor Lidenbrock em sua viagem ao centro da Terra, *Mark Twain*<sup>6</sup> com as peraltices de Tom Sawyer, *Machado de Assis*<sup>7</sup> com as proezas amorosas de Brás Cubas e *William Shakespeare*<sup>8</sup> com os dilemas do jovem Hamlet.

*Erico Verissimo*, todavia, só entrou em meu universo literário aos dezoito anos, quando li *Olhai os lírios do campo*, que me causou um grande impacto emocional. Depois, também li os episódios “*Ana Terra*” e “*Um certo capitão Rodrigo*” de ***O tempo e o vento***, com seus personagens enigmáticos, corajosos e intrépidos.

Com sua escrita desprovida de afetação e rica em imagens, *Erico Verissimo* conseguiu me transmitir tanto a fecundidade, quanto a aridez das experiências humanas. Desde então meu interesse por sua obra tem crescido constantemente.

Durante minha graduação em História, em especial durante as aulas do professor *Leandro Karnal*<sup>9</sup>, a consciência de que tudo era digno do estudo da História se consolidou em mim. O “*bom historiador*”, no dizer de Marc Bloch, deve se parecer “*com o ogro da lenda [que] onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça*”<sup>10</sup>. Pois, para ele, “*a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele*”<sup>11</sup>. Desse modo, conforme Paul Veyne, “*nenhuma tribo, por minúscula que seja,*

<sup>5</sup> **Jules Verne** (1828-1905) foi um romancista francês considerado um dos criadores da literatura de ficção científica. Suas obras mais célebres são *Viagem ao centro da Terra*, *Vinte mil léguas submarinas*, *A volta ao mundo em oitenta dias* e *A ilha misteriosa*.

<sup>6</sup> **Mark Twain** (1835-1910) foi um romancista estadunidense que se notabilizou com os livros *A aventura de Tom Sawyer* e *A aventura de Huckleberry Finn*.

<sup>7</sup> **Machado de Assis** (1839-1908) foi um escritor brasileiro que se dedicou a quase todos os gêneros literários. É considerado por muitos como a maior expressão literária do país. Suas obras conhecidas são *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.

<sup>8</sup> **William Shakespeare** (1564-1616) foi um poeta e dramaturgo inglês tido como o maior escritor da língua inglesa. Suas obras mais destacadas são *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Rei Lear*, *Macbeth*, *Otelo*, *Sonho de uma noite de verão* e *Ricardo III*.

<sup>9</sup> **Leandro Karnal** (1963) é professor de História da América na Universidade Estadual de Campinas. Foi curador da exposição *A Escrita da Memória* e do Museu da Língua Portuguesa. É autor de livros na área do ensino de história, história das religiões e história da América. Foi meu professor de História da América na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) em 1997.

<sup>10</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 54.

<sup>11</sup> BLOCH, Marc. **Idem**, p. 79.

*nenhum gesto humano, por mais insignificante que aparente ser, são indignos da curiosidade histórica; ... tudo o que é histórico é digno da história*<sup>12</sup>. Sob essas influências, o absolutismo da história político-econômica que até então em mim reinava, cedeu espaço para outras áreas que até então só borrifavam o meu interesse historiográfico como a arte e a literatura.

Gradativamente foi se configurando em minha mente a possibilidade de se urdir os fios da complexidade histórica com os da literária, compondo no tear da investigação, uma tapeçaria que vislumbrasse um conhecimento da representação do passado sob a sensibilidade do estético. Nasceu assim o desejo de estudar a História em conexão com a Literatura.

Contudo, foi somente no dia 6 de julho do ano 2000, em uma aula do professor *Nicolau Sevcenko*, na Universidade de São Paulo, que se consolidou em mim o interesse de utilizar o texto ficcional do romance histórico como fonte documental para uma pesquisa sobre a História do Brasil.

A escolha de *Erico Verissimo* como objeto de estudo para essa investigação já estava no meu inconsciente há vinte e dois anos. Despertá-lo foi só uma questão de tempo que o vento da oportunidade promoveu.

Minha dissertação, como se pode ver, insere-se nos domínios da História Cultural<sup>13</sup>. Portanto, ela se propõe a “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações”<sup>14</sup>, buscando trabalhar no campo de investigação das relações entre a História e a Literatura.

O título que escolhi – *A “missão” na literatura* – é uma homenagem intelectual a *Nicolau Sevcenko* e a sua obra seminal “Literatura como missão”, sendo que a expressão “missão” aqui aponta para a redução jesuítica e sua obra missioneira.

A problemática central da pesquisa consiste em caracterizar a interpretação que *Erico Verissimo* oferece para a questão do papel das missões jesuítico-guarani na

---

<sup>12</sup> VEYNE, Paul. **História e historicidade**. Lisboa: Gradiva Publicações, 1988, p. 14.

<sup>13</sup> Segundo Peter Burke “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações”. BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 10.

<sup>14</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**, Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 42.

formação histórica do Rio Grande do Sul, através do episódio **A fonte**, do romance **O continente**, da sua trilogia **O tempo e o vento**.

O objetivo é analisar a relevância da região missioneira no processo de construção da identidade<sup>15</sup> étnico-cultural do território sul-rio-grandense, a partir das problematizações elaboradas por Erico Verissimo em seu romance.

A hipótese de trabalho aponta para a tese de que o episódio **A fonte** é *uma resposta* de Erico Verissimo ao debate intelectual desenvolvido durante os anos de 1930-1940 entre a matriz lusitana (Moysés Vellinho) e a matriz platina (Manoelito de Ornellas) sobre a identidade étnico-cultural gaúcha.

O recorte temporal abrange o período em que a obra foi concebida, esboçada, redigida e publicada (1935-1962), e também o período da narrativa ficcional desenvolvida pelo romancista no episódio (1745-1756), época em que a região de Sete Povos das Missões esteve no apogeu de seu desenvolvimento econômico, cultural e religioso.

A sua relevância se justifica no fato de não existirem muitos estudos acadêmicos tomando como base específica o episódio **A fonte**, especialmente no contexto do já mencionado debate historiográfico dos anos 30.

O suporte teórico-metodológico se fundamenta no sistema de interpretação desenvolvido por Antonio Candido (1918), em sua coletânea de ensaios *Literatura e sociedade* (1965). Em seu modelo, Candido estabelece um método de interpretação estética, que se baseia em dois princípios hermenêuticos. O primeiro busca compreender os *aspectos sociais externos* da obra, isto é, a contextualização das condições de sua produção, como a autoria, a época, os objetivos do autor, seu ambiente social etc. O segundo procura analisar os *aspectos estéticos internos* do texto, como conteúdo e forma, significado e significante etc.

---

<sup>15</sup> Segundo o sociólogo jamaicano Stuart Hall (1932-2014) o conceito de “identidade” é demasiado complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido nas ciências sociais contemporâneas. Para ele “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”, hoje nos tornaram fragmentados. As antigas identidades, que deram estabilidade ao mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades. Para ele não devemos falar em “Identidade”, mas sim em “identidades” culturais. Para maior aprofundamento ver “A identidade cultural da pós-modernidade” de Stuart Hall, Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2014.

Os fatores sociais, segundo ele, são constitutivos da estrutura da obra literária, devendo-se, portanto, analisar o fator externo (social) dialeticamente com o fator interno (estético). Cândido afirma “que o externo [...] importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”<sup>16</sup>.

Ao afirmar que os fatores externos se tornam internos no processo da realização de uma obra textual, Cândido evita a dicotomia da historiografia positivista que desconsiderava os elementos característicos dos textos literários, entendidos como passivos em relação à sociedade. Desse modo as formas literárias são históricas e sociais, no entanto, mantendo suas especificidades do fazer ficcional.

Adotei essa linha de interpretação por julgar ver nele uma compreensão mais ampla sobre a natureza da obra literária, e também por ele permitir um melhor diálogo com as tessituras do fazer historiográfico.

Quero destacar, todavia, duas pesquisas que ajudaram no processo de amadurecimento de minha proposta original de estudo.

A primeira é a tese de doutorado de Luiz Henrique Torres<sup>17</sup>, que analisa as características das diferentes interpretações da historiografia gaúcha em relação ao papel das missões jesuíticas no processo de formação do Rio Grande do Sul. Sendo um trabalho de fôlego, discute a historiografia sul-rio-grandense desde 1819 até 1975. Contribuiu para a minha pesquisa sua análise sobre a historiografia republicana voltada para o estudo das missões jesuítico-missionárias no período de 1882 a 1950.

A segunda é a dissertação de mestrado de Agnes Hübscher Deuschle<sup>18</sup>, que desenvolve uma investigação sobre as figurações do índio na ficção sul-rio-grandense. Usou como objeto de análise os personagens Pedro Missionário (*O continente*, de Erico Verissimo) e Francisco Abiaru (*Breviário das terras do Brasil*, de Assis Brasil). O trabalho também enfoca a figuração dos indígenas na literatura brasileira, comentando

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, São Paulo: T. A Queiroz / Publifolha, 2000, p. 5-6.

<sup>17</sup> TORRES, Luiz Henrique. *Historiografia sul-rio-grandense: o lugar das missões jesuítico-guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)*. Tese de doutorado em história. Orientação de Arno Alvarez Kern. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

<sup>18</sup> DEUSCHLE, Agnes Hübscher. *Figurações do indígena na ficção rio-grandense*. Dissertação de mestrado em literatura. Orientação de Pedro Brum Santos. Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

os romances *Iracema* e *O guarani*, ambos de José de Alencar; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Quarup*, de Antônio Callado, e *Maíra*, de Darcy Ribeiro.

Ambas as pesquisas colaboraram para minha dissertação no sentido de posicionar a obra de Erico Verissimo, no contexto da produção nacional sobre o tema das missões, desde o século XIX até o final do XX. Porém, além desses autores, desejo apontar a relevância das obras de Sandra Jatahy Pesavento<sup>19</sup>, Maria da Glória Bordini<sup>20</sup>, Regina Zilberman<sup>21</sup> e Flávio Loureiro Chaves<sup>22</sup> para o aperfeiçoamento do meu ofício de pesquisador da obra de Erico Verissimo.

A intenção original de meu trabalho é analisar as relações possíveis entre o texto narrativo ficcional do romance histórico com o texto narrativo historiográfico no processo de desenvolvimento de construção do conhecimento histórico. Portanto, em minha pesquisa, não há o propósito de se discutir literatura ou teoria literária, mas tão somente utilizar o romance de fundo histórico verissiano com o intuito de enfocar o tema e os períodos propostos.

Antes, porém, de apresentar a temática específica de minha dissertação, realizo abaixo como forma de preâmbulo, uma breve análise sobre as relações existentes entre a História e a Literatura.

Originalmente, nos primórdios dos tempos, ambas surgiram como um ser único, pois quando o rapsodo cantava a sua epopeia, “fundia, semimagicamente, o real e o imaginário, o humano e o divino, a sociedade e o indivíduo”<sup>23</sup>. Em torno das fogueiras antigas, os 15.690 versos da Ilíada atribuídos a Homero, eram narrados com o objetivo

<sup>19</sup> Sandra Jatahy Pesavento (1945-2009) foi uma importante professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, se destacando como pesquisadora da História Cultural. Escreveu vários artigos em periódicos e livros sobre a obra de Erico Verissimo.

<sup>20</sup> Maria da Glória Bordini (1945) foi uma destacada professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Possuidora de grande experiência na área de Teoria Literária tem na obra de Erico Verissimo uma de suas especialidades.

<sup>21</sup> Regina Zilberman (1948) é professora na área de letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sido também professora na mesma área na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Colaborou na publicação de vários textos sobre a obra de Erico Verissimo.

<sup>22</sup> Flávio Loureiro Chaves (1944) foi professor de letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade de Caxias do Sul e da Universidade Federal de Santa Maria. É considerado um dos grandes especialistas da obra de Erico Verissimo.

<sup>23</sup> MAESTRI, Mário. **História e romance histórico: fronteiras**. Revista Novos Rumos, nº 36, 2002, p. 38.

de se explicar as origens e o desenvolvimento do grande conflito bélico entre aqueus e troianos. Desse modo as dimensões literárias e históricas da narrativa estavam presentes sem causar estranheza.

Hoje, porém, trabalhar nos domínios de Clio e de Calíope<sup>24</sup>, significa atuar em duas áreas complexas da experiência humana. Todavia, essa “*complexidade... abre para o pesquisador um campo muito vasto de possibilidades de investigação*”<sup>25</sup>, que devem ser analisadas a partir das *aproximações e distanciamentos* pertinentes a cada uma das respectivas áreas. Pois, na relação existente entre o texto narrativo historiográfico e o texto narrativo ficcional, coabitam semelhanças e divergências.

A problemática dessa relação tem início com as definições terminológicas, que caracterizam as ciências humanas. O vocábulo “história” designa os acontecimentos que ocorreram no passado humano, o estabelecimento do que é ou não importante e significativo no estudo desse passado, com a análise de suas relações com o presente e com o seu registro documental, quer seja ele por escrito ou não. Por sua vez, a palavra “literatura” é usada para designar a produção de textos ficcionais de qualquer ordem, como também o estudo dessa produção e de sua análise crítica.

O primeiro autor notável a teorizar sobre o tema das diferenças entre o texto narrativo historiográfico e o texto narrativo ficcional foi Aristóteles (384-322 a.C.). Ao estudar sistematicamente a natureza das poesias trágica e épica, ele fez uma separação entre as áreas de atuação do historiador e do poeta (ou ficcionista):

O historiador e o poeta não se diferenciam pelo fato de um usar prosa e o outro, versos. A obra de Heródoto poderia ser versificada, com o que não seria menos obra de história, estando a métrica presente ou não. A diferença está no

---

<sup>24</sup> Clio e Calíope eram filhas de Zeus e de Mnemósine. No Monte Parnaso Clio exercia a posição de musa da História, sendo representada com o estilete da escrita em uma das mãos, e com a trombeta da fama na outra. Com o estilete fixava em narrativa o que cantava e com a trombeta imortalizava ao que celebrava. Por sua vez, Calíope com sua bela voz, era a musa da poesia épica e da eloquência, sendo também representada com um estilete de escrita e um rolo de papel em ambas as mãos. As duas irmãs possuíam muitas afinidades, e é se explorando essas afinidades que podemos fazer conexões entre a História e a Literatura. COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 62-63.

<sup>25</sup> PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 2007, p. 8.

fato de o primeiro relatar o que aconteceu realmente, enquanto o segundo, o que poderia ter acontecido.<sup>26</sup>

Para o filósofo helênico, o historiador trabalha com as coisas que realmente acontecem (a veracidade), enquanto o ficcionista trata das coisas que poderiam ter ocorrido (a verossimilhança). Nicolau Sevcenko (1952-2014), séculos depois, analisando as relações entre História e Literatura, afirmou que,

enquanto a Historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser... Ocupa-se portanto o historiador da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade. Eis aí, pois, uma diferença crucial, a ser devidamente considerada pelo historiador que se serve do material literário<sup>27</sup>

Com isso pode-se afirmar que existe uma distinção peculiar entre os compromissos (objetivos) de cada uma das narrativas (ficcional e não ficcional) em relação à realidade. A História tem como condição básica para a recriação dessa realidade a obrigatoriedade de que *tudo* tenha acontecido. Ao historiador cabe escolher os meios de como o seu texto vai recriar o passado, mas a ele não cabe inventá-lo.

Ainda pensando sobre a relação do ficcionista com sua obra Sevcenko declarou que

todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> ARISTÓTELES, **Poética**, São Paulo: Edipro, 2011, p. 55.

<sup>27</sup> SEVCENKO, Nicolau, **Literatura como missão**, São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 29-30.

<sup>28</sup> SEVCENKO, Nicolau, **Idem**, p. 29.

Para Sevcenko a obra ficcional está ligada a uma realidade histórica que corresponde a de seu autor e a de sua feitura. O escritor vai escrever sobre os anseios de sua época e geração, buscando através da imaginação criativa, pensar os problemas que lhe afigem a alma. O ambiente histórico-social é seu solo-clima de onde germina sua obra.

Por sua vez, Yvone Dias Avelino assegura que “*o valor do texto literário não está propriamente na confrontação que dele se pode fazer com a realidade exterior, mas na maneira como esta realidade é abordada, aprofundada, questionada, recriada*”<sup>29</sup>. O texto literário apesar de possuir uma linha de interesse comum com a História, tem uma maneira própria de dialogar com a realidade que a circunscreve.

Ao comparar o discurso do texto historiográfico com o discurso da narração ficcional, ela afiança que

a História é um discurso que avisa a realidade teórica e científica, não ignorando o caráter de relatividade da verdade histórica, e toda subjetividade que comporta a elaboração desse conhecimento. O texto literário tem como objetivo fundamental a produção da realidade estética, o que não exclui que ele possa ter relações com a realidade objetiva, ou seja, com tudo aquilo que lhe é exterior, e de que certa forma o envolve.<sup>30</sup>

Percebe-se que para Avelino o olhar do historiador está voltado para o conhecimento da “*realidade*” dos acontecimentos históricos, sem se esquecer das limitações de seu ofício. O olhar do literato, por sua vez, está voltado para a realidade, mas visando a construção do estético. Não que isso signifique uma clivagem ou abismo de interesses, pois apesar de distintos os seus discursos, há uma busca pela compreensão da realidade. Uma abordagem distinta, porém, afim.

François Hartog (1946) afirma que “*a história se singulariza pela relação que mantém com a verdade, pois ela tem de fato, a pretensão de remeter a um passado*

---

<sup>29</sup> AVELINO, Yvone Dias. História e literatura: cidades, memórias e esquecimentos na América Latina. In FLÓRIO, Marcelo. BARREIRO FILHO, Roberto Coelho. AVELINO, Yvone Dias (orgs.). **Olhares cruzados: cidade, história, arte e mídia**. Curitiba: Editora CRV, 2011, p. 276.

<sup>30</sup> AVELINO, Yvone Dias. **Idem**, p. 277.

*que realmente existiu*<sup>31</sup>. Pretensão, porque, o historiador jamais poderá fazer reviver o que está narrando. O historiador viaja no tempo, mas num tempo que realmente existiu. Seu compromisso está com a pesquisa das fontes e não com a quimera de sua imaginação.

A História realmente produz um texto narrativo, mas ele não é *mímesis*<sup>32</sup>, pois busca descrever o que realmente aconteceu. Procura traduzir as mudanças que ocorreram com o passar do tempo, implicando com isso na recriação de sociedades e épocas que obedeciam a outras formas de pensar, agir, sentir e viver diferentes do pesquisador. É verdade que no processo dessa recriação o historiador se utiliza de ferramentas literárias como a organização do enredo, escolha do vocabulário, seleção de informações, descrição de paisagens e personalidades, e o esclarecimento dos sentidos explícitos e implícitos das fontes que está utilizando. Porém, o historiador busca elaborar uma versão a mais próxima possível de um fato que um dia *realmente* ocorreu.

Segundo Sandra Jatahy Pesavento (1945-2009), “*na busca de construir uma representação sobre o passado, o historiador está preso a algo que tenha ocorrido e que tenha deixado traços objetivos, pois ele não cria traços, ele os descobre, pela pergunta que faz*<sup>33</sup>” às suas fontes, cabendo-lhe criar apenas uma versão interpretativa de seu estudo.

Diante da impossibilidade da repetição da experiência histórica, o historiador tem na fonte documental a base de sua pesquisa. Através de uma metodologia rigorosa, ele interroga essa fonte com perguntas que visam obter as respostas mais precisas possíveis para se chegar a uma veracidade dos acontecimentos. Essa atitude de investigação é mais um dos elementos de distanciamento do historiador em relação ao literato. A Literatura mantém uma modalidade narrativa com pretensões aproximativas

<sup>31</sup> HARTOG, François. A arte da narrativa histórica. In: BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (orgs.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: UFRJ e FGV, 1998, p. 193.

<sup>32</sup> O termo *mímesis* vindo grego (*μίμησις*) significando originariamente (séc. IV a.C.) “imitação”, “representação”, “expressão”, “indicação”. O primeiro sentido acabou predominando no decorrer do tempo, designando a interpretação da realidade através da representação literária ficcional. Para maior aprofundamento ver “*Dicionário de termos literários*” de Massaud Moisés, São Paulo: Editora Cultrix, 2004. Ver também “*Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*” de Erich Auerbach, São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

<sup>33</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. Revista História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, nº 14, 2003, p. 35-36.

com a realidade e, não, como foi dito anteriormente, usando de total veracidade. Por isso não há a necessidade de comprovar o que está afirmado ao seu leitor. O romancista não usa notas de rodapé ao construir seus argumentos ficcionais.

Pode-se considerar o texto literário um documento histórico? Maria do Rosário da Cunha Peixoto responde da seguinte forma:

Se pensarmos a palavra documento no sentido positivista de prova, capaz de apreender a realidade tal qual, então o texto literário não é documento. Mas se usarmos o documento, isto é, a obra literária, não como espelho da realidade, e sim como espaço que também expressa possibilidades de devir elaborados pelos grupos sociais em luta, ela é documento.<sup>34</sup>

Para esta dissertação o texto literário ficcional é um documento histórico, pois como afirma Maria do Rosário, ele mais do que apresenta um testemunho de sua época, “*revela momentos de tensão*”<sup>35</sup> de grupos sociais em luta. A obra do historiador, portanto, é tratar “*a Literatura como elemento ativo no social... na condição de construtora de experiências, atuando no real e participando de sua elaboração, sendo objeto de conhecimento e sujeito de sua prática social*”<sup>36</sup>, visando realizar projetos que dialoguem com outras práticas sociais.

Segundo Maria Elena Camara Bastos e Maria Teresa Santos Cunha, a Literatura e a História mantém uma relação especial, em que a leitura de uma está imbricada com a outra, numa sucessão de relações textuais de complementação cognitiva.

A Literatura não é um mero documento para a História. É uma prática simbólica que coloca em cena determinados acontecimentos históricos, como a organização e as convenções de representação de um certo tempo. É também um dispositivo educativo e pedagógico que permite entrever os espaços discursivos de um tempo, as representações sociais forjadas em cada época, o imaginário de atores sociais – reais e ficcionais. Historicizar a obra literária significa, para o historiador, inseri-la no movimento da sociedade, investigá-la

<sup>34</sup> PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Saberes e sabores ou conversas sobre história e literatura**. Revista História e Perspectiva. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Volume 24, nº 45, 2011, p. 27.

<sup>35</sup> PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Idem**, p. 27.

<sup>36</sup> BRITES, Olga. **Infância, trabalho e educação: a Revista Sesinho (1947-1960)**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004, p. 20 e 29.

em suas redes de interlocução social e desvendá-la como constrói ou representa sua relação com a sociedade e a cultura.<sup>37</sup>

Para as autoras, a Literatura é uma fonte de pesquisa para a História, na medida em que ela problematiza as questões sociais de uma época. Época esta, tanto do autor, quanto da sociedade esteticamente descrita por ele. Cabendo ao historiador saber dialogar com a obra literária, e retirar dela o significado das representações elaboradas pelo ficcionista.

A presente dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro – *A década de 1930: o ambiente cultural* – apresenta o ambiente intelectual dos anos 30 em que Erico Verissimo produziu seu romance histórico *O tempo e o vento*. Estabelece as características literárias do *romance de 30* contextualizando os fatores históricos que levaram ao seu desenvolvimento. Contempla também uma descrição do debate historiográfico ocorrido nos anos 30-40 entre a matriz lusitana e a matriz platina sobre as origens étnicas, culturais e políticas do Rio Grande do Sul.

O segundo – *No galope do tempo: trajetórias de um artista* – examina a formação pessoal e intelectual de Erico Verissimo até o início de 1940. Apresenta também uma análise introdutória a sua trilogia *O tempo e o vento*, abordando o seu processo de concepção, produção e publicação. E por fim faz um estudo introdutório ao episódio “A fonte” abordando sua estrutura literária e histórica como abertura para o terceiro capítulo.

O terceiro – *A fonte: a “missão” na literatura* – expõe a partir das representações e problematizações feitas por Erico Verissimo sua visão sobre a relevância político-cultural da região de Sete Povos das Missões no processo de construção da identidade étnico-cultural do território sul-rio-grandense.

---

<sup>37</sup> BASTOS, Maria Elena Camara & CUNHA, Maria Teresa Santos. Olhai o que o tempo não levou: a literatura de Erico Verissimo. In: GONÇALVES, Robson Pereira. **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria: UFSM. Bauru: EDUSC, 2000, p. 181.

Por fim, a expectativa é que esta pesquisa tenha atingido os seus objetivos, colaborando assim com outros trabalhos que pretendam tratar da leitura da História pela mediação estética da Literatura.

# Capítulo 1

## A década de 1930: o ambiente cultural

*O Sul é um romance vivo, agitado, mas contínuo, como uma trama una de seguimento ininterrupto.*

*José Honório Rodrigues*

Dentro da paisagem literária brasileira, a obra de Erico Verissimo ocupa um lugar de grande proeminência. Foi, segundo Antonio Candido, “*um autor que sabia narrar com simplicidade rara, numa linguagem aparentemente neutra, mas cheia de poesia e expressividade*”<sup>38</sup>.

Localizado historicamente dentro da “Época Urbana e Industrial” da literatura gaúcha<sup>39</sup>, Verissimo estreou sem alarde em 1932 com o livro de contos *Fantoches*. Sucesso de público e de crítica praticamente ao longo de toda a sua carreira, ele tem sido lido e estudado com afinco por uma parcela considerável da intelectualidade brasileira<sup>40</sup>. A interpretação e análise do conjunto de sua obra, no entanto, tem se demonstrado uma tarefa multifacetada, pois ele foi um artífice da palavra que soube caracterizar o ambiente cultural, artístico e literário de sua época.

Para se interpretar a natureza estética de sua literatura, se faz necessário estudar as transformações políticas, econômicas e sociais, que se sucederam no Brasil e no mundo a partir do início do século XX. Pois, como ensina Antonio Candido, “*a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais*”<sup>41</sup> que

---

<sup>38</sup> CANDIDO, Antonio. Entrevista. In: PESAVENTO, Sandra et al. **Érico Veríssimo: o romance da história**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001, p. 12.

<sup>39</sup> MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985, p. 46-53. Luiz Marobin (1921-2011) em sua periodização divide a história da literatura do Rio Grande do Sul em quatro fases: Época Pastoril (1737-1896), Época Agropastoril (1896-1930), Época Urbana e Industrial (1930-1982) e Época Pós-Industrial (1982-Atual).

<sup>40</sup> Como exemplos, pode-se citar Antonio Candido, Wilson Martins, Otto Maria Carpeaux, Tristão de Atahyde, Flávio Loureiro Chaves, Regina Zilberman, Sandra Jatahy Pesavento etc.

<sup>41</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz / Publifolha, 2000, p. 20.

se relacionam com o artista, visto que a obra literária recebe o influxo de sua contemporaneidade através dos valores morais, ideológicos e políticos de sua geração.

Nesse primeiro capítulo, portanto, pretendo analisar o ambiente intelectual de Erico Verissimo no âmbito literário e historiográfico, identificando seus parceiros de vida inteligente, pois se é verdade que a obra literária “exige necessariamente a presença do artista criador”<sup>42</sup>, também é verdade que ele não vive isolado ou num vazio social.

Desejo, com isso, responder a quatro questões importantes: “Com quais autores está Erico Verissimo relacionado esteticamente?”, “Quais as características literárias que lhe são atribuídas em conjunto com seus pares?”, “Quais as circunstâncias histórico-sociais em que sua obra se desenvolveu?” e “Com quem está ele dialogando historicamente no episódio ‘A fonte’?”.

## 1.1 O ambiente literário

Segundo Alfredo Bosi as décadas de 1930 e 1940 são lembradas como “a era do romance brasileiro”, não somente na prosa de ficção regionalista, mas também na de temática cosmopolita e na de sondagem psicológica<sup>43</sup>.

Essa literatura apresentou um caráter extremamente vigoroso e crítico em relação à realidade nacional, consolidando em suas obras os graves problemas do Brasil moderno. Seus autores escreveram sobre a desigualdade social, os resquícios da escravidão, a vida sofrida dos retirantes e camponeses e a luta pelo direito a terra. Seus romances se caracterizaram, portanto, pela denúncia social. Da crítica literária ela recebeu várias denominações, no entanto, a que mais se difundiu foi *romance de 30*.

Essa expressão – *romance de 30* – se refere, portanto, ao conjunto de obras de ficção em prosa escritas no Brasil a partir de 1928, com a publicação do romance *A bagaceira* de José Américo de Almeida (1887-1980). Esse grupo de obras não se caracterizou por uma organicidade homogênea, mas, apresentou elementos formais e temáticos em comum, permitindo seu aglutinamento sob essa nomenclatura.

---

<sup>42</sup> CANDIDO, Antonio. **Idem**, p. 23.

<sup>43</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985, p. 438.

Do conjunto de escritores que surgiram dessa geração, se destacaram Graciliano Ramos (1892-1953), José Lins do Rego (1901-1957) e Jorge Amado (1912-2001) na prosa regionalista<sup>44</sup>, José Geraldo Vieira (1897-1977) na prosa cosmopolita/urbana<sup>45</sup> e Cornélio Pena (1896-1958), Cyro dos Anjos (1906-1994), Otávio de Faria (1908-1980) e Lúcio Cardoso (1912-1968) na prosa de abordagem psicológica<sup>46</sup> (ver anexo 1).

Na verdade a expressão *romance de 30* é bastante imprecisa, uma vez que essa nomenclatura se fez necessária pelas conveniências do mercado editorial que cataloga autores e obras, das necessidades didáticas das ciências humanas e das classificações de estilo da literatura. Essa imprecisão também está relacionada a complexidade de se homogeneizar as características de seu grupo de realizadores. Graciliano Ramos, Jorge Amado e Erico Verissimo, por exemplo, produziram tanto obras de temática urbana, como são tidos típicos autores regionalistas.

Desse modo podemos dizer que a geração de 30 apresentou uma diversificada produção, possuindo como elemento comum a finalidade de registrar e documentar a realidade social e política de seu tempo<sup>47</sup>, pois afinal, a preocupação social foi uma das principais marcas de seus autores. Porém, não se pode esquecer, que foi através dessa preocupação que ocorreu o encontro desses autores com as camadas pobres brasileiras<sup>48</sup>. Com isso, pode-se também afirmar que essas preocupações sociais do romance de 30, são um “*produto e reflexo dos primórdios do Brasil moderno, que se superpunha ao Brasil arcaico/agrário*”<sup>49</sup> do litoral e de suas proximidades.

---

<sup>44</sup> O **romance regionalista** busca retratar os diferentes aspectos de cada região do Brasil em sua intensa diversidade cultural.

<sup>45</sup> O **romance urbano** busca retratar e criticar a vida social dos centros urbanos com suas paixões, comportamentos e interesses de classe social da época em foco.

<sup>46</sup> O **romance psicológico** está voltado mais para os motivos íntimos que condicionam as escolhas e ações dos seres humanos.

<sup>47</sup> MASINA, Léa. APPEL, Myrna Bier. (org.). *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 109.

<sup>48</sup> Por povo brasileiro deve-se entender o conjunto dos vários grupos étnicos que habitam o território do Brasil como os indígenas, portugueses, africanos, espanhóis, alemães, italianos, poloneses, ucranianos, japoneses, sírios, libaneses, árabes etc.

<sup>49</sup> DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 17.

A partir da seleção dos autores acima mencionados, pode-se didaticamente estabelecer um conjunto de características essenciais do que hoje se chama *romance de 30*, expressão que segundo José Hildebrando Dacanal<sup>50</sup>, “*se pouco ajuda também não complica*”<sup>51</sup>. As características fundamentais do romance de 30, conforme Dacanal podem ser reunidas em dois grupos.

O primeiro deles agrega as de *natureza formal*:

a) *Verossimilhança*: O romance de 30 obedece rigorosamente a tradição da ficção realista/naturalista europeia dos séculos XVIII-XIX e da brasileira do século XIX, isto é, o que é descrito e narrado é passível de ter acontecido. Na esteira de Aristóteles, comprehende que “*não é função do poeta realizar um relato exato dos eventos, mas sim daquilo que poderia acontecer e que é possível dentro da probabilidade ou da necessidade*”.<sup>52</sup> Não há a quebra de leis naturais, não existem forças sobrenaturais atuando contra ou a favor dos personagens.

Erico Verissimo no episódio em estudo utiliza a verossimilhança para construir o ambiente histórico de seus personagens. Com isso ele pretende tornar crível a “realidade histórica” do Rio Grande do Sul.

Alonso olhou em torno da cela. Repetira-se, como ele temia, o sonho das outras noites. **Levantou-se, acendeu a lamparina, lavou-se** - e enquanto fazia essas coisas o único som que se ouvia naquele cubículo era o rascar de suas sandálias nas lajes do chão. **Vestiu a sobretúnica, pendurou o rosário no pescoço, apanhou o Livro de Horas e saiu para o alpendre**. A brisa picante da madrugada bafejou-lhe o rosto (Grifo do autor).<sup>53</sup>

No trecho acima a verossimilhança se apresenta no desenrolar da ação que está organizada como se desenvolvesse na realidade do século XVIII, onde o padre Alonso se levanta, acende uma lamparina e se lava, para depois vestir-se, pendurar um rosário, pegar um livro de oração e sair para um alpendre. Nesse caso, Verissimo

<sup>50</sup> José Hildebrando Dacanal (1943) nasceu no Rio Grande do Sul, é formado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É jornalista e ensaísta e publicou mais de vinte obras sobre literatura, história, política e economia.

<sup>51</sup> DACANAL, José Hildebrando. **Idem**, p. 13.

<sup>52</sup> ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011, p. 54.

<sup>53</sup> VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento: O continente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 44.

seguiu uma coerência plausível (natural), semelhante a que dirige uma vida comum de um padre missionário daquela época.

Essa verossimilhança foi adotada ao longo de toda a trilogia de *O tempo e o vento*, e no episódio “A fonte” em especial, visto que, o objetivo do autor é construir uma narrativa fundadora da história gaúcha.

Mesmo que, o personagem Pedro Missionário apresente em algumas passagens aspectos místicos, onde ele afirma falar com a Virgem Maria, ver a morte de Sepé Tiaraju ou conhecer o momento de sua morte.

Pedro estava parado no meio da sala, de braços caídos, os olhos fitos num pálido pedaço de céu que a janela emoldurava. Alonzo começou a andar calmamente dum lado para outro, com as mãos trançadas às costas. Houve alguns segundos de silêncio. De repente o jesuítá estacou na frente do menino e perguntou:

- Viste Nossa Senhora?
- Vi.
- Onde?
- No cemitério.
- Quando?
- Todos os dias.
- [...]
- José Tiaraju morreu, padre.
- Morreu? Quem te disse?
- Eu vi.
- Que foi que viste? ...
- Vi o combate. O alferes foi derrubado do cavalo por um golpe de lança. Vi quando ele quis erguer-se e um homem... um general... de cima do cavalo varou-lhe o peito com uma bala.

[...]

- Pedro, vamos embora daqui!

Ele ficou em silêncio. Um quero-quero guinchou, e sua voz metálica espraiou-se na noite quieta.

- Vamos, Pedro!
- Pedro sacudiu a cabeça.
- Demasiado tarde – respondeu.

...

Mas por quê? Por quê? ... Vamos embora.

- Demasiado tarde.

- Que é que vamos fazer então?

- Demasiado tarde. Voy morrer.

- Pedro!

- Eu vi... Vi quando dois hombres enterraram mi cuerpo cerca dum árbol.

Demasiado tarde.<sup>54</sup>

Esse misticismo de Pedro Missionário, no entanto, não visa quebrar a verossimilhança desenvolvida no interior da obra, pois em nenhum momento as visões interferem no desenrolar do enredo. Elas podem ser entendidas, pelo leitor, como crenças exageradas do personagem ou como excentricidades espirituais de um índio envolto pela religiosidade jesuítica das missões. Padre Alonzo, por exemplo, expressa sutilmente sua incredulidade ao ouvir a afirmação de Pedro de que ele pode ver a Virgem. Ana Terra<sup>55</sup> ao não compreender o que Pedro lhe falava sobre a *rosa mística* demonstrou desconfiar de sua lucidez mental ao afirmar que “lhe passou pela mente a ideia de que talvez o índio não fosse bom do juízo”.<sup>56</sup>

O misticismo de Pedro visa estabelecer, no romance, um elemento simbólico-misterioso na construção do tempo ficcional, que cubra a história gaúcha desde “os quase míticos tempos missionários até meados do século 20”.<sup>57</sup>

b) *Estrutura narrativa linear*: Existe uma correspondência cronológica entre o fato (ação) narrado com o espaço (lugar) onde se desenrola a narração. Os romances de 30 na sua maioria possuem “início, meio e fim” bem definidos, indicando a presença

---

<sup>54</sup> VERISSIMO, Erico. **Idem**, p. 73, 86-87 e 137.

<sup>55</sup> Ana Terra é a personagem feminina da trilogia *O tempo e o vento* que fica grávida de Pedro Missionário, dando por sua vez, origem ao clã Terra-Cambará gênese do Rio Grande do Sul.

<sup>56</sup> VERISSIMO, Erico. **Ibidem**, p. 137.

<sup>57</sup> WEINHARDT, Marlene. *O tempo e o vento: um diálogo entre ficção e história*. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria: UFSM e Bauru: EDUSC, 2000, p. 101.

constante do narrador em terceira pessoa. A narração em primeira pessoa é rara, mas pode acontecer, como por exemplo, em *São Bernardo*<sup>58</sup> de Graciliano Ramos.

Embora em *O tempo e o vento* possa ocorrer ocasionalmente a quebra dessa linearidade, contudo, isso não acontece de um modo tão violento que, não se possa dizer que o romance seja uma obra de “começo, meio e fim”. A narração dos acontecimentos e dos fatos consiste em uma descrição da ação, do movimento e do transcorrer do tempo de um modo evidente e progressivo. Entendemos sem maiores dificuldades o que a narração quer nos transmitir.

O governo português resolvia então povoar o Rio Grande de São Pedro, a fim de facilitar as comunicações entre Laguna e Sacramento, bem como para garantir a posse deste último estabelecimento. Laguna, pois, ficou sendo o ponto de partida das muitas levas de homens que entravam nos disputados campos do extremo sul, para abrir caminho até o rio da Prata, de onde retornavam com novas da colônia. E naqueles vinte últimos anos muitos lagunistas e vicentistas se haviam fixado em vários pontos do Continente, estabelecendo invernadas e currais que mais tarde se transformavam em estâncias. Contava-se até que quase todos eles já tinham conseguido cartas de sesmaria. E o fato de os portugueses haverem fundado em 1737 um presídio militar no Rio Grande indicava que estavam decididos a tomar posse definitiva do Rio Grande de São Pedro.<sup>59</sup>

No caso de “A fonte”, a estrutura narrativa linear se demonstrou a mais acertada, porque cria uma noção de desenvolvimento cronológico da história sul-rio-grandense. No excerto acima, entendemos claramente que o governo português decidiu povoar o Rio Grande de São Pedro por razões estratégicas de sua política colonial na região platina. Para os defensores da matriz lusitana, a menção do ano de 1737 dentro da narração do episódio, solidifica suas teses historiográficas.

c) *Linguagem filtrada pelo código “culto” urbano*: Tanto o narrador como os personagens se expressam segundo as regras gramaticais do mundo urbano, mesmo

<sup>58</sup> **São Bernardo** é um dos principais romances de Graciliano Ramos publicado em 1934. A obra compõe uma trama que descreve a situação dramática do Nordeste brasileiro, que ocasionou o êxodo rural, a pobreza generalizada e a busca pela sobrevivência do sertanejo da região. O romance se difere de outras obras de sua geração pelo seu estilo narrativo, por se apresentar na primeira pessoa e em estilo psicológico.

<sup>59</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 45.

quando os personagens não pertencem a esse meio. Impera o código culto da língua para que ocorra a aceitação do leitor urbano e com maior utilização da linguagem coloquial. Apesar de fugir do artificialismo linguístico de vários autores do século XIX, o romance de 30 ainda está vinculado ao espaço urbano.

– Padre!  
– Que é?  
– Quando o índio morrer ele vai para o céu?  
– Se seguires os mandamentos de Deus, se fores um bom cristão, irás para o céu.  
– E se eu for para o céu, Deus me dá um olho novo?  
– Claro, Inácio, claro. Deus te dará um olho novo...  
– Padre, eu quero um olho azul como o de Pay Antônio.  
– Está bem, Inácio. Reza e pede a Deus que te dê no céu olhos azuis como os de Pay Antônio.<sup>60</sup>

Percebe-se que no diálogo entre o padre Alonzo e o índio caolho está a presença de uma linguagem coloquial na segunda pessoa do singular, com ausência de erros gramaticais ou concordância. A palavra “pay” se refere a maneira respeitosa que o indígena usa para chamar padre Antônio.

Toda trilogia de Erico Verissimo apresenta um vocabulário simples de fácil compreensão, para qualquer leitor que se expresse na língua portuguesa. No entanto, ocasionalmente, algum personagem pode usar termos da língua castelhana.

- Eu vi... Vi quando dois **hombres** enterraram **mi cuerpo cerca dum árbol**.  
Demasiado tarde<sup>61</sup> (Grifo do autor).

A introdução de termos espanhóis visa reforçar a existência de um ambiente bilíngue de fronteira, principalmente na região missionária. A frase acima, dita por

<sup>60</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 54-55.

<sup>61</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 137.

Pedro Missionário, mistura o português e o espanhol, indicando com isso, o desejo de Erico Verissimo problematizar as origens de seu estado em seu romance. Indica, assim, uma possibilidade de diálogo entre a matriz lusitana e a matriz platina, uma vez que o personagem Pedro representa o patriarca-fundador do Rio Grande do Sul.

O segundo grupo de características fundamentais do romance de 30 reúne os elementos de *natureza temática*:

a) *Estruturas históricas identificáveis*: O ambiente histórico é facilmente identificável por suas características políticas, econômicas e sociais. Os personagens pertencem a esse ambiente interagindo contra ou a favor dele, procurando transformá-lo. A compreensão da realidade histórica do enredo é imediata por parte do leitor, não havendo necessidade de uma interpretação elaborada do texto.

Em “A fonte” isso fica bem claro:

Naquela madrugada de abril de **1745**, o padre Alonzo acordou angustiado. Seu espírito relutou por alguns segundos, emaranhado nas malhas do sonho, como um peixe que se debate na rede, na ânsia de voltar a seu elemento natural. Por fim deslizou para a água, mergulhou e ficou imóvel naquele poço quadrado, escuro e frio. [...]

Alonzo olhava as bandas do nascente. Era de lá que no futuro havia de vir o perigo. Os **vicentistas**, que agora eram senhores de estâncias de gado naquelas terras lindeiras, provavelmente descendiam dos **bandeirantes** renegados que havia mais dum século tinham destruído bestialmente as **províncias jesuíticas de Guaíra e Itati**. E a ideia de que um dia os **Sete Povos** pudessem **cair nas mãos dos portugueses** deu-lhe um calafrio desagradável<sup>62</sup> (Grifo do autor).

Erico Verissimo com poucas indicações localiza seu leitor no *tempo*, “1745”; no espaço, “Sete Povos” das Missões; no *ambiente político*, o perigo de as Missões caírem “nas mãos dos portugueses”, uma referência ao Tratado de Madrid de 1750. Indicando que outras regiões missionárias já haviam sido presas de vicentistas que descendiam dos bandeirantes paulistas. Logo no início do episódio todo o palco dos

---

<sup>62</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 44-45.

acontecimentos já está montado, preparando o leitor para toda a saga que vai se desenrolar diante de si.

b) *Estruturas históricas de origem agrária*: As estruturas históricas são geralmente de origem agrária ou pelo menos seus personagens são de origem agrária.

Em Viamão se vive na paz de Deus. Casas baixas de barro com rótulas pintadas de verde. Cantigas das Ilhas. Velhas de longas mantilhas pretas com rosários nas mãos, vão aos domingos à missa em carretas de rodas maciças puxadas por lerdos bois. Fazem promessas, acendem velas, são devotas do Espírito Santo. E os vagamundos aventureiros que passam por ali, riem daquelas gentes pacatas, que respeitam a lei e odeiam a guerra, que falam cantando e às vezes lhes preguntam. Aonde vades?<sup>63</sup>

Nesse texto Verissimo nos aproxima do ambiente rural da cidade de Viamão, com suas casas de barro, com velhas mulheres rezando, frequentando a missa aos domingos em carretas puxadas por bois vagarosos. Os aventureiros que passam pela cidade se divertem com o ambiente pacato, respeitador da lei, e que não gosta da guerra. Verissimo para realçar o ambiente provinciano da cidade usa o verbo “perguntar” em sua grafia antiga “preguntam”.

Os romancistas de 30 apresentam as tensões e conflitos existentes na forma de vida rural-campestre, englobando as práticas dos “caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais”<sup>64</sup>. Os retirantes de Graciliano Ramos, os cortadores de cana de José Lins do Rego, os trabalhadores de cacau de Jorge Amado, os criadores de gado de Erico Verissimo demonstram a dura realidade da vida rural brasileira, convidando os leitores a fazer uma reflexão crítica da realidade social do interior do país.

c) *Visão crítica da sociedade*: Os romancistas de 30 mantém uma postura crítica em relação a sua sociedade, combatendo muitas vezes de forma direta suas características políticas e econômicas. Os personagens buscam ordenar ou reordenar

---

<sup>63</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 92-93.

<sup>64</sup> WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 11.

o mundo social em conflito e em desordem. “A desordem reina no mundo e é preciso consertá-lo através da ação dos indivíduos ou dos grupos sociais interessados”<sup>65</sup>.

Aqueles **malditos vicentistas!** - pensou Alonzo. Não se contentavam em comprar índios e levá-los como escravos para sua capitania: **tomavam**-lhes também **as mulheres, serviam-se vilmente** delas e depois **abandonavam**-nas no meio do caminho, muitas vezes quando elas já se achavam **grávidas** de muitos meses. Aquele não era o primeiro caso e certamente não seria o último<sup>66</sup> (Grifo do autor).

Aqui os bandeirantes são representados sem retoques de heroísmo, bravura e desprendimento por amor a nação, sendo descritos em sua violência e machismo. Essa visão dos bandeirantes apresentada pela voz de padre Alonzo, aponta para uma crítica ao papel das bandeiras que penetraram o Rio Grande do Sul.

d) *Visão otimista do mundo*: Existe um otimismo que permeia o romance de 30, onde a miséria, a fome, o sofrimento e a injustiça podem ser combatidos e eliminados do mundo. Ele é passível de reforma e melhora, basta a vontade dos indivíduos ou dos grupos sociais. A capacidade de compreender o mundo e de transformá-lo é uma das marcas principais do romance de 30.

Apesar de não ser um religioso no sentido *stricto* da expressão, Veríssimo nesse trecho de “A fonte”, nos apresenta uma proposta de sociedade para todos os povos. Sua crença de “fazer luz” sobre as injustiças sociais aqui se mostra embebido de um cristianismo puro, simples e direto.

Os povos não mais seriam governados por senhores de terras e nobres corruptos. Seria a sociedade prometida nos Evangelhos, o mundo do Sermão da Montanha, um império teocrático que havia de erguer-se acima das nações, acima de todos os interesses materiais, da cobiça, das injustiças e das maquinações políticas. Um mundo de igualdade que teria como base a dignidade da pessoa humana e seu amor e obediência a Deus. Nesse regime mirífico o homem não mais seria escravizado pelo homem. Não haveria mais exaltados e humilhados, ricos e pobres, senhores e servos. Que direito tinha uma pessoa de se apossar de largas extensões de terra? A terra, Deus a fizera

<sup>65</sup> DACANAL, José Hildebrando. **Ibidem**, p. 15.

<sup>66</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 61.

para todos os homens. O que era de um devia ser de todos, como nos Sete Povos. Todas as criaturas tinham direito a oportunidades iguais.<sup>67</sup>

Desde o momento em que começou a ganhar notoriedade junto à *intelligentsia* brasileira, Erico sofreu a pecha de ser comunista encapuçado (acusação feita pela extrema-direita)<sup>68</sup> ou de panfletário liberal (denúncia feita pela extrema-esquerda). No entanto, ele continuou fiel a sua vocação literária de apresentar uma proposta de “*acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos*”<sup>69</sup>.

Para se compreender a natureza histórica da literatura da Geração de 1930, convém pensar em alguns fatores que lhe marcaram a época. Desse modo, indicando os seus traços sociais e culturais peculiares, buscando “*o ethos de uma geração que compartilhou durante algum tempo as mesmas perplexidades no plano das ideias e no plano dos valores*”<sup>70</sup>.

Um fator que marcou a geração dos anos 30 foi a *Grande Depressão Econômica* de 1929, que perdurou até o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Considerada a pior crise econômica do século XX, provocou altas taxas de desemprego, com quedas drásticas na produção industrial, no valor das ações das bolsas de valores e no produto interno bruto de vários países.

Com isso o poder de compra dos trabalhadores foi minado, provocando o desaparecimento de poupanças privadas, criando um vácuo quase completo de capital ativo para as empresas. Milhões de pessoas ficaram desabrigadas, obrigando-as a morar com parentes ou a se organizarem em grandes favelas.

No Brasil, a crise econômica mundial atingiu o antigo sistema exportador de matérias-primas e importador de produtos manufaturados. As famílias ligadas aos

---

<sup>67</sup> VERISSIMO, Erico. **Op cit.**, p. 65.

<sup>68</sup> O caso se refere a **Ação Integralista Brasileira**, que foi fundada pelo escritor Plínio Salgado (1895-1975) em 1932 sob a inspiração do fascismo italiano. O grupo foi extinto em 1937 com a instauração do Estado Novo por Getúlio Vargas.

<sup>69</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**, vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 65.

<sup>70</sup> BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 243.

sistemas produtivos das periferias do centro cafeeiro se viram em decadência política e financeira. Os romancistas de 30 souberam interpretar com maestria esse mundo decaído, pois, quase todos os seus representantes eram socialmente provenientes dessas famílias em declínio<sup>71</sup>. Erico Verissimo, por exemplo, vinha de uma família de estancieiros derrocados.

O efeito avassalador da depressão mundial sobre o poder aquisitivo da população brasileira provocou o encarecimento dos livros importados, que até então predominavam no Brasil. Isso resultou a retração na importação de livros e um aumento pela demanda de obras traduzidas para o português. As editoras brasileiras se viram na incumbência de preencher as necessidades desse novo nicho de consumidores. A partir de 1930 novas oportunidades surgem para os escritores nacionais, que provocaram “*um dilúvio de publicações na área de literatura*”<sup>72</sup>, por exemplo, no Rio de Janeiro.

O crescimento na edição de livros no Brasil teve um crescimento substancial, chegando a mais de 600% em São Paulo entre os anos de 1930 a 1936<sup>73</sup>. Diante dessa situação uma realidade começou a se tornar viável: o surgimento de uma indústria editorial no país. Henrique Pongetti<sup>74</sup> em 1937 afirmou que “*em nenhuma outra parte da vida nacional a transformação teve um jeito tão perfeito de milagre como nas oficinas gráficas*”<sup>75</sup>. Com o aquecimento do mercado editorial novas obras são publicadas com várias reedições se sucedendo. Em 1936 “*as casas editoras, estimuladas pela procura do livro e pela quantidade de originais que lhes são oferecidos... disputam os autores, aumentam as suas tiragens... e o movimento editorial prospera formidavelmente*”<sup>76</sup>.

---

<sup>71</sup> DACANAL, José Hildebrando. **Op cit.**, p. 17.

<sup>72</sup> HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz & Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 337.

<sup>73</sup> HALLEWELL, Laurence. **Idem**, p. 337.

<sup>74</sup> **Henrique Pongetti** (1898-1979) foi um jornalista, dramaturgo e romancista brasileiro. Foi um dos criadores da *Revista Manchete* que existiu entre 1952 a 2000.

<sup>75</sup> PONGETTI, Henrique. Em dez curtos anos. In: HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz & Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 337-338.

<sup>76</sup> FUSCO, Rosário. Política e letras. In: HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz & Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 338.

É claro que existiam problemas de distribuição, devolução de consignados em mau estado de conservação e a prestação de contas de livrarias distantes da editora. Além disso, permaneciam os problemas relacionados com o autor que era um artista da palavra e o editor que era um comerciante de livros. O casamento entre ambos normalmente era “uma união precária, sujeita a desconfianças, conflitos e até divórcios...”<sup>77</sup>. Contudo, apesar dessas circunstâncias o mercado editorial nos anos 30 estava cada vez mais promissor.

E foi nesse cenário de efervescência editorial que Erico Verissimo começou a publicar seus contos e romances. A tiragem de suas obras lhe permitiu com o passar do tempo a viver de seus direitos autorais como acontecia com José Lins do Rego e Jorge Amado (ver anexo 2).

Com o sucesso inesperado de *Olhai os lírios do campo* em 1938-1939<sup>78</sup>, Erico Verissimo finalmente viu seus problemas financeiros começarem a ser resolvidos, permitindo-lhe ambicionar voos literários mais altos.

## 1.2 O ambiente historiográfico

Integrado a partir do século XVII ao restante da América Portuguesa<sup>79</sup>, o Rio Grande do Sul<sup>80</sup> possui um complexo processo de formação territorial e uma multifacetada identidade sociocultural. O estudo de sua história, portanto, comprehende um conjunto enriquecedor de elementos oriundos de sua diversidade étnica.

---

<sup>77</sup> VERRISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso & Artigos diversos**. São Paulo: Globo, 1996, 38.

<sup>78</sup> *Olhai os lírios do campo* teve duas edições em sete tiragens em seus dois primeiros anos chegando a vender 25.000 exemplares (ver anexo 2).

<sup>79</sup> O termo “América Portuguesa” se refere aqui ao conjunto de terras do continente americano pertencentes a administração da Coroa portuguesa na denominada época colonial. Para maior aprofundamento ver “A América Latina na época colonial” de James Lockhart e Stuart B. Schwartz, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

<sup>80</sup> A etimologia do nome do estado do Rio Grande do Sul se originou de uma série de equívocos e discordâncias cartográficas, ocorridas na época em que se pensava que a Lagoa dos Patos fosse em verdade a foz de um grande rio. Acredita-se que foi Frederick de Wit (1630-1706) o primeiro cartógrafo a registrar um suposto Rio Grande em seu mapa-múndi “Nova Orbis Tabula in Lucem Edita” de 1665 (ver anexo 4). No entanto, foi outro neerlandês chamado Nicolaus Visscher (1618-1679) que demarcou a referida lagoa ao formato próximo conhecido de hoje, relacionando-a também aos índios Patos, que habitavam a região.

Na primeira metade do século XX, sobreveio no contexto nacional um momento de afirmação de nossa brasiliade, envolto por um sentimento excessivamente nacionalista. Isso ocorreu em meio à Semana de Arte Moderna e durante as comemorações do primeiro centenário de nossa independência política. Durante esse período, a intelectualidade brasileira produziu uma série de obras significativas que procuraram mapear os nossos referenciais culturais como, por exemplo, *Retrato do Brasil* (1928) de Paulo Prado, *Casa-Grande & senzala* (1933) de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) de Caio Prado Júnior.

Dentro desse clima de busca pelo melhor entendimento por nossas características em nível nacional, coube à historiografia gaúcha contribuir em nível regional, pela procura dos elos étnicos, políticos e culturais que unissem o Rio Grande do Sul ao Brasil, consolidando assim seus vínculos estaduais ao conjunto da federação.

A palavra *historiografia*, no entanto, merece certa atenção, pois apresenta um caráter polissêmico, designando não apenas o registro escrito da História, mas também uma reflexão sobre a produção dos diferentes discursos dos historiadores, bem como de seus métodos de pesquisa. Edward H. Carr afirma que “quando pegamos um trabalho de história, nossa primeira preocupação não deveria ser com os fatos que ele contém, mas com o historiador que o escreveu”<sup>81</sup>. Isso porque “todo historiador sofre pressões ideológicas, políticas e institucionais, comete erros e tem preconceitos”<sup>82</sup>. Além disso, os discursos historiográficos devem ser analisados em relação ao tempo e à sociedade em que foram produzidos, pois todo historiador é fruto de sua época.

Na virada do século XIX para o XX a produção historiográfica sul-rio-grandense buscou compreender as questões históricas relacionadas à formação e à colonização de seu território, buscando desse modo encontrar um suporte para se estabelecerem as características da *identidade sociocultural*<sup>83</sup> rio-grandense. Nesse contexto de pesquisa, duas matrizes ideológicas se desenvolveram: a lusitana e a platina.

---

<sup>81</sup> CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 58.

<sup>82</sup> SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 189.

<sup>83</sup> Para Stuart Hall o conceito de “identidade sociocultural” é equivocado, pois seria mais interessante se falar em “identidades socioculturais”. Ver nota 16.

Sobre o conceito de matriz, Ieda Gutfreind afirma:

Por matriz entende-se um tipo de discurso com características comuns encontradas em um conjunto de obras históricas, cujos conceitos adquirem significados ocultos, conforme a conjuntura que se desenvolve e, por isso mesmo, mantém uma vitalidade sempre eficaz. Essas representam a busca da identidade político-cultural do território sul-rio-grandense.<sup>84</sup>

Desse modo, a historiografia gaúcha, dentro de sua produção literária, estruturou-se entre dois modelos interpretativos, que se firmaram através de um intenso debate intelectual. Cada um deles pautando-se em um sutil quadro teórico-metodológico para justificar suas polarizadas opiniões.

Por *matriz lusitana* ou luso-brasileira entendemos como sendo aquela que aglutina historiadores que defendem a hegemonia da cultura portuguesa na região sul-rio-grandense, minimizando a influência castelhana na história e sociedade gaúcha. E, por *matriz platina* ou jesuítico-castelhana, inferimos como sendo aquela que ressalta a importância da região do Rio da Prata na formação histórica do Rio Grande do Sul, em especial da participação da região de Sete Povos das Missões nesse processo de formação.

As razões para essa cizânia historiográfica se localizam no peculiar desenvolvimento histórico da região. Para José Honório Rodrigues, “o Rio Grande deve ser estudado como um capítulo à parte da formação histórica do Estado do Brasil”<sup>85</sup>. Sua incorporação tardia ao restante da América Portuguesa<sup>86</sup>, a construção movediça de suas fronteiras<sup>87</sup> e a função periférica de sua economia no cenário nacional<sup>88</sup>

---

<sup>84</sup> GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, p. 11.

<sup>85</sup> RODRIGUES, José Honório. **O continente do Rio Grande**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, 13.

<sup>86</sup> Os fatores que contribuíram para essa tardança foram as peculiares condições geográficas da região, a assinatura do Tratado de Tordesilhas (1494), e principalmente as dificuldades de colocação desse espaço no processo de exploração colonial. Naquele momento a administração metropolitana visava as áreas coloniais que já possuíam uma produção estabelecida com riquezas minerais ou com produtos agrícolas de interesses do comércio europeu.

<sup>87</sup> A vida rio-grandense sofreu longamente com as tensões provocadas pelas constantes demarcações de suas fronteiras. O Tratado de Tordesilhas nunca foi respeitado pelos portugueses devido a ação dos bandeirantes, jesuítas e pecuaristas. O Segundo Tratado de Utrecht (1713) estabeleceu que a Colônia de Sacramento pertencesse aos portugueses, mas encontrou resistência dos espanhóis que habitavam a região. Por sua vez, o

conduziram o Rio Grande do Sul a um processo de conquista, povoamento e exploração diferenciado do restante do Estado brasileiro.

A partir da década de 1920, todavia, podemos observar um esforço historiográfico por parte da sociedade sulina para se “*criar uma imagem do Rio Grande do Sul que se assemelhe à do Brasil*”<sup>89</sup>. Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder federal em 1930, esse esforço se tornou uma prioridade. A identidade gaúcha deveria estar reconhecida na identidade brasileira.

A noção de identidade brasileira, por sua vez, está ligada à seguinte pergunta: “*Como um povo se transforma em Brasil?*”<sup>90</sup>. Segundo Rainer Gonçalves Sousa, identidade cultural

é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que vão desde a fala até a participação em certos eventos.<sup>91</sup>

Conceber, portanto, uma *comunidade nacional brasileira*, implica obrigatoriamente um complexo processo de formação de uma identidade idealizada, para se tornar a referência mediante a qual todos possam se ver representados em seu sentimento de pertencimento a um grupo, não apenas na relação espaço-tempo, mas também através de suas práticas sociais.

---

Tratado de Madrid (1750) determinou que a Colônia de Sacramento pertencesse à Espanha, e a região de Sete Povos das Missões a Portugal. Porém, houve violenta resistência por parte de jesuítas e índios. Com o Tratado de Santo Ildefonso (1777), estabeleceu-se que os espanhóis ficassem com as duas regiões, mas os portugueses se consideraram prejudicados, e não o aceitaram na prática. Finalmente, o Tratado de Badajoz (1801) instituiu que a Colônia de Sacramento ficasse com a Espanha e a região de Sete Povos, com Portugal.

<sup>88</sup> Desde o início de sua colonização o Rio Grande foi encarado apenas como um fornecedor de mão de obra escrava de origem indígena e de produtos alimentícios como o charque e o trigo. Era o “celeiro” que abastecia as regiões canavieiras do Nordeste, as auríferas de Minas Gerais e as cafeeiras de São Paulo.

<sup>89</sup> GUTFREIND, Ieda. **Idem**, p. 24.

<sup>90</sup> DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997, p. 16.

<sup>91</sup> SOUSA, Rainer G. **Identidade cultural**. <http://www.mundoeducacao.com/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em 16/07/15.

A construção da identidade brasileira, também chamada de *brasilidade*, teve seu início logo após a proclamação da independência em 1822, pois a construção dessa identidade estava ligada à necessidade de se edificar uma coesão social, que permitisse a existência de um Estado que administrasse todo o território nacional.

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, foi o primeiro passo estatal na intenção de se pensar temas relativos à nação brasileira. O estabelecimento da Língua Portuguesa como padrão e o desenvolvimento do Romantismo na obra literária de José de Alencar também contribuíram nesse processo de formação. A língua, por ser comum a todo território do país, e a obra de Alencar, por criar uma literatura nacionalista que abrasileirou seus textos, introduzindo usos e costumes do povo, além de mitos, lendas e tradições conhecidas pelas pessoas comuns.

Devido, porém, à grande extensão de seu território e as suas diferentes formas de ocupação-exploração, o Brasil redundou em uma diversidade de manifestações culturais regionais.

Nos anos 20, devido ao clima nacionalista já mencionado, o movimento modernista também procurou localizar as raízes culturais da sociedade brasileira. Mário de Andrade (1893-1945), através de *Macunaíma* (1928), demonstra que a riqueza e a originalidade da cultura brasileira estão justamente em sua multiplicidade de raízes. Oswald de Andrade (1890-1954), por sua vez, desenvolveu o conceito de *antropofagia* (1928), no que o Brasil devora culturalmente as outras sociedades que com ele se relacionam, concebendo posteriormente uma nova totalidade diferente da anterior.

Com a chegada de Vargas ao poder em 1930, a nação sofreu um novo momento de centralização política, quando a necessidade de uma identidade sociocultural se demonstrou urgente. Com ele, a questão da identidade nacional ganhou seu maior impulso, tornando-se além de um processo cultural, um processo político.

Nesse contexto nacionalista dos anos 20 e autoritário de governo dos anos 30, a formação de uma identidade gaúcha fazia parte de uma plataforma de governo. Coube, portanto, aos historiadores gaúchos desses anos a tarefa de construir “*a imagem de um Rio Grande do Sul brasileiro, forte, pujante, com líderes capazes de estarem à*

*frente do poder nacional*<sup>92</sup>. A História passou a ser escrita com o objetivo político de ser apresentada aos outros estados da federação provando, assim, a brasiliade do povo gaúcho.

Para esse fim, foi criado em 5 de agosto de 1920 o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). No ato de sua fundação, ficou clara a sua vinculação com os poderes constituídos do estado. A instalação solene de seus serviços deu-se no salão nobre da Intendência Municipal de Porto Alegre, tendo como orador oficial o historiador Emílio Fernandes de Souza Docca. Compareceram a esse ato as autoridades mais representativas do estado sul-rio-grandense, como o secretário do Presidente do Estado, o Secretário do Interior, o Comandante da Brigada Militar, deputados da Assembleia Estadual e outras autoridades civis, religiosas e acadêmicas. O jovem político Getúlio Vargas também compareceu na qualidade de deputado estadual.

O objetivo principal do IHGRGS era promover estudos sobre a sociedade e a cultura do Rio Grande do Sul. Seu objeto de trabalho estava relacionado ao passado, mas sua visão voltada para o futuro. Lindolfo Collor assim se expressou em artigo publicado no primeiro número da Revista do Instituto:

Uma sociedade que não cultiva a sua própria história não tem consciência de si – mesma: – É como uma criança que vive apenas as evidências tangíveis da hora presente, sem meditar o passado e sem pensar no que há de vir. Os profetas e os magos não teriam iluminado o futuro dos povos, se não houvessem recorrido à experiência dos séculos amontoada na história. Consultar o passado é preparar o futuro. [...] O estudo da história... visto por um prisma restrito, dá às sociedades que o praticam a possibilidade sempre renovada de melhor preparar o futuro pelo conhecimento do passado...<sup>93</sup>

Os membros do Instituto Histórico se viam com a missão de escrever sobre o passado do Rio Grande do Sul, mas para transformar-lhe o futuro. Construir, portanto, esse futuro sem esquecer suas raízes fincadas no passado, seria a sua missão.

<sup>92</sup> GUTFREIND, Ieda. **Ibidem**, p. 25.

<sup>93</sup> COLLOR, Lindolfo. **A história e o Instituto Histórico**. Revista do IHGRGS. Porto Alegre: Livraria do Globo, Ano I, II trimestre, 1921, p. 3-5. Disponível no site: <http://www.ihgrgs.org.br>. Acesso em 14/07/15.

Apesar de ter sido o principal ambiente intelectual de discussão para as questões historiográficas gaúchas, o IHGRGS não foi, porém, o único. Também foram importantes a Academia Rio-Grandense de Letras, os jornais *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, além de cafés, bares e restaurantes do centro de Porto Alegre<sup>94</sup>. Em meio a essa efervescência intelectual, entretanto, destacou-se a atuação de Mansueto Bernardi, na Livraria do Globo.

Fundada em dezembro de 1883, a Livraria tornou-se um centro catalisador de intelectuais, políticos, poetas e outros profissionais gaúchos. Entre 1912 e 1931, contou com a orientação intelectual do poeta e prosador Mansueto Bernardi (1888-1966), que se tornou a figura cultural mais expressiva do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Foi redator do *Correio do Povo*, diretor do *Almanaque do Globo* (1917-1931), e idealizador, fundador e primeiro diretor da *Revista do Globo*<sup>95</sup> (1929).

O escritório de Bernardi, no primeiro andar da sede da Livraria, a partir de 1925, tornou-se um ponto de encontro de escritores, o chamado “grupo da livraria”, que contava com a participação de políticos como Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha e Lindolfo Collor. Erico Verissimo, que foi lançado e empregado por ele, em 1931, assim o descreveu:

Era um homem inteligente, cordial e acolhedor e um de seus sonhos mais queridos era o de transformar a Globo numa casa editora de importância nacional e, se possível, internacional. [...] Católico fervoroso, publicava livros contra o comunismo. [...] Editava os escritores já consagrados do Rio Grande e, quando podia, dava a mão a um “novo”. [...] Lançara já obras do ensaísta João Pinto da Silva, dos poetas Pedro Vergara, Zeferino Brasil e Vargas Netto, do historiador Othelo Rosa, e do ficcionista Dyonélio Machado. Os “novos” que frequentavam o seu “primeiro andar” eram... Augusto Meyer, Moysés Vellinho,... Manoelito de Ornellas,... e Cyro Martins.<sup>96</sup>

<sup>94</sup> MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memória (1940 e 1972)*. Tese de doutorado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000, p. 54.

<sup>95</sup> A *Revista do Globo* foi um periódico ilustrado publicado pela Livraria do Globo entre 1929 e 1967. Sua criação foi uma sugestão de Getúlio Vargas, então Presidente do Estado. A revista tornou-se um importante divulgador da cultura gaúcha no Brasil. Entre 1929 e 1939 esteve sob a supervisão de Mansueto Bernardi e Erico Verissimo, sendo considerada esta a sua fase áurea.

<sup>96</sup> VERISSIMO, Erico. Breve crônica duma editora de província. In: GONÇALVES, Robson Pereira. *O tempo e o vento: 50 anos*. Santa Maria: UFSM. Bauru: EDUSC, 2000, p. 293.

Como pensador, Bernardi defendia “um projeto político-ideológico que exigia um lugar especial para o Rio Grande do Sul na Federação”<sup>97</sup>. Por isso, muitos o consideram o melhor representante dessa proposta que se expandia entre a intelectualidade daquela época. Sua meta era equiparar o Sul com o restante do Brasil, desejando mostrar à nação os valores rio-grandenses, em sua expressão artística, política e histórica<sup>98</sup>.

Em 1926, ele apresentou em uma conferência no Museu e Arquivo Histórico do Estado, a tese de que o primeiro caudilho rio-grandense foi “o cacique Sepé Tiaraju, que nasceu e viveu, combateu e morreu no território dos Sete Povos das Missões, na época pré-açoriana”<sup>99</sup>. Seu interesse por Sepé existia desde seu contato com os *Contos gauchescos e lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto. No ano seguinte, ao ingressar no IHGRGS, verificou a má recepção de sua conferência junto a historiografia gaúcha. O grupo da chamada matriz lusitana rejeitava a heroicidade e a brasiliidade do índio missionário Sepé Tiaraju que ele pressupunha existir.

Com o lançamento da obra *História da grande revolução* de Alfredo Varella, em 1933, novos debates se sucederam, dessa vez em torno da questão da platinidade ou não da Revolução Farroupilha (1835-1845). Às vésperas de se comemorar o primeiro centenário desse movimento, Varella também acabou se tornando alvo de severas críticas por parte de seus contemporâneos, principalmente dos defensores da matriz lusitana.

Na verdade uma peleja historiográfica se formou no seio da intelectualidade gaúcha, pois, tanto a brasiliidade ou não de Sepé Tiaraju, quanto a platinidade ou não da

<sup>97</sup> GUTFREIND, Ieda. **Op. cit.**, p. 40.

<sup>98</sup> Com o triunfo da Revolução de 1930 Mansueto Bernardi deixou Porto Alegre e foi morar no Rio de Janeiro, tornando-se diretor do Serviço Oficial de Informações e Controle de Notícias, e posteriormente diretor da Casa da Moeda (1931). Porém, suas relações com o governo getulista se deterioraram com o tempo, e ele passou a defender a causa integralista em 1934, chegando a ser preso em 1938 por ordem do Estado Novo. Após sua soltura, Bernardi foi destituído da direção da Casa da Moeda, sendo reintegrado as suas antigas funções públicas junto a Secretaria do Interior e da justiça do Rio Grande do Sul, aposentando-se em 1942. Sua bela casa em Veranópolis, onde passou o resto da vida, tornou-se um centro cultural após sua morte.

<sup>99</sup> BERNARDI, Mansueto. O primeiro caudilho rio-grandense. In MARINELLO, Adiane Fogari. **Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi**. Dissertação de mestrado letras. Universidade de Caxias do Sul, 2005, p. 169.

Revolução Farroupilha evidenciavam, na virada dos anos 20-30, que uma pergunta estava sendo colocada e tinha que ser respondida por eles: *Quando teve início a história do que hoje chamamos de Rio Grande do Sul?*.

A matriz platina afirmava que esse fato havia ocorrido com a fundação da redução de São Nicolau, na região de Sete Povos das Missões, em 3 de maio de 1626. Por sua vez, a matriz lusitana contestava, assegurando que foi em 19 de fevereiro de 1737, com a fundação da cidade de Rio Grande. Esse embate historiográfico visto de longe, parecia uma querela de somenos importância, todavia,

sua significação equivalia à própria história sulina. Poucas palavras resumiriam a discórdia: as intenções separatistas do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX e a existência de influências platinas nos hábitos e nos costumes do Rio Grande do Sul, principalmente na zona fronteiriça com o Uruguai e a Argentina.<sup>100</sup>

O debate envolvia duas questões centrais: *a identidade gaúcha e a sua diversidade cultural*. A primeira relacionada às possíveis intenções separatistas do Rio Grande durante o movimento farroupilha; a segunda, concernente aos laços culturais do Rio Grande com o resto do Brasil. Em outras palavras, o Rio Grande do Sul era confiável em suas relações com a Federação? Sua cultura era brasileira?

Devido à política de consolidação da identidade nacional, conduzida por Getúlio Vargas, as duas questões extrapolavam naquele momento a fronteira de uma simples indagação historiográfica. A resposta envolvia a própria imagem do Rio Grande do Sul perante toda a Nação.

A disputa, portanto, que se desenvolveu nesse clima nacionalista entre as duas matrizes, contribuiu para aproximar, mas também distanciar intelectualmente os seus debatedores.

A vertente lusitana sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul foi metodicamente desenvolvida a partir dos anos 1920 com a participação de vários autores. Ela manteve uma postura antagonista em relação à obra jesuítica e às possíveis influências castelhanas na cultura gaúcha. Sua tese principal tinha por

---

<sup>100</sup> GUTFREIND, Ieda. **Op. cit.**, p. 149.

objetivo demonstrar a legitimidade da influência portuguesa na formação política e cultural sul-rio-grandense desde o início de sua história. Contando com algumas variações de abordagem, que iam desde a admissão de alguma importância da região missioneira na história gaúcha, até a uma declarada vinculação da nacionalidade gaúcha apenas com os bandeirantes e os açorianos, o discurso da matriz lusitana contou com a filiação do jornalista Aurélio Porto, do militar Emílio Souza Docca e dos advogados Othelo Rosa e Moysés de Vellinho. Nenhum deles, portanto, com formação acadêmica em História, mas com significativa produção historiográfica.

Afonso Aurélio Porto<sup>101</sup> é apontado por Ieda Gutfreind como o iniciador do discurso luso-brasileiro, mas segundo Luiz H. Torres, mesmo tendo lançado as bases da matriz lusitana, “Porto não reproduziu a aversão inata a tudo o que é platino e missionário, demonstrando que o interesse pela pesquisa histórica colocou-se num patamar superior à doutrina de uma formação exclusiva de agentes portugueses”<sup>102</sup>. Sua obra procurou, sob a matriz lusitana, fortalecer a imagem nacionalista do movimento farroupilha atrelando-o a um forte sentimento de brasiliade.

Emílio Fernandes de Souza Docca<sup>103</sup> deu continuidade ao trabalho de Aurélio Porto. O foco de sua obra foi a busca da uma identidade brasileira para o Rio Grande do Sul. Para ele, foi a fundação do Presídio de Jesus-Maria-José pelo brigadeiro José da Silva Paes<sup>104</sup>, que iniciou o processo de colonização portuguesa na região. Reconhecia a

---

<sup>101</sup> **Afonso Aurélio Porto** (1879-1945) nasceu em Cachoeira do Sul. Foi diretor do jornal republicano *O progresso* da cidade de Rosário do Sul, tornou-se professor e também redator de outros jornais<sup>101</sup>. Desempenhou várias atividades político-partidárias, como intendente nos municípios de Garibaldi e Montenegro. Em Porto Alegre trabalhou no Arquivo Público do Estado e na Secretaria da Fazenda, e posteriormente no Rio de Janeiro atuou no Arquivo Nacional e no arquivo do Itamaraty. Foi membro do IHGRGS.

<sup>102</sup> TORRES, Luiz Henrique. **Historiografia sul-rio-grandense: o lugar das missões jesuítico-guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)**. Tese de doutorado em história. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997, p. 177.

<sup>103</sup> **Emílio Fernandes de Souza Docca** (1884-1945) Nasceu em São Borja e aos quinze anos entrou para o serviço militar, galgando todos os postos até chegar a patente de general. Em 1930 recebeu convite de Osvaldo Aranha para aderir ao movimento revolucionário, mas recusou alegando fidelidade ao dever de militar. Afirmava que o exército não deveria ser o juiz da política e da administração da nação. Em decorrência de sua postura profissional foi preso posteriormente. Foi membro do IHGRGS.

<sup>104</sup> **José da Silva Paes** (1679-1760) foi um militar, engenheiro e administrador colonial português que mandou construir fortificações que garantiram a presença portuguesa na região do Rio da Prata, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foi o primeiro governador da Capitania de Santa Catarina e fundou a cidade de Rio Grande.

influência platina no Rio Grande, mas como um perigo a ser combatido; e considerava a Revolução Farroupilha como sendo brasileira, e não como provincial.

Othelo Rodrigues Rosa<sup>105</sup> aprofundou a proposta lusitana, onde seu discurso historiográfico relacionou a região missionária à ação espanhola e o guarani como estando ligado aos interesses castelhanos. O gaúcho rio-grandense, segundo Rosa, possuía pouca percentagem de sangue indígena, daí não ser ele um nômade, possuindo espírito de ordem, disciplina e estabilidade. Por sua vez o gaúcho platino era formado por elevada quantidade de sangue bugre (índio), daí ser ele um nômade, um vagabundo sem alma nacional. Para Rosa praticamente não ocorreu miscigenação no Rio Grande do Sul, pois a presença do negro é parca e a indígena, rara. Para ele o sentido da colonização gaúcha foi essencialmente lusitano, não cabendo outra possibilidade de influência cultural na região.

Finalmente, Moysés Moraes Vellinho<sup>106</sup> aprimorou o discurso da matriz luso-brasileira, tornando-se assim seu mais importante representante. Para ele o Rio Grande do Sul apresentou desde o início de sua história uma vocação natural para a sua brasiliidade. Opunha-se a Mansueto Bernardi na questão sobre a heroicidade e a brasiliidade de Sepé Tiaraju. Para ele o primeiro caudilho rio-grandense foi Rafael Pinto Bandeira (1740-1795), por considerá-lo o delineador das fronteiras do sul. “*Vellinho também criticava o argumento telúrico invocado a Sepé, pois o via como um retorno ao romantismo que fazia do bom selvagem o paradigma da nacionalidade*”<sup>107</sup>.

---

<sup>105</sup> **Othelo Rodrigues Rosa** (1889-1956) nasceu na cidade de Montenegro. Foi conselheiro municipal, promotor de justiça, deputado estadual, Secretário Estadual de Educação, secretário particular dos políticos Borges de Medeiros e de Getúlio Vargas. Também foi poeta e jornalista tendo sido redator dos jornais *O taquariense* e *A federação*. Eleito para o IHGRGS em 1930 exerceu grande influência nos debates intelectuais desenvolvidos durante aqueles anos.

<sup>106</sup> **Moysés Moraes Vellinho** (1902-1980) nasceu em Santa Maria. Era formado em direito e trabalhou como promotor de justiça, deputado estadual, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado e membro do Conselho Federal de Cultura. Contribuiu para os jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*, além de ter sido editor da revista *Província de São Pedro*, publicada em vinte e uma edições entre 1945 e 1957. Foi membro do IHGRGS e de outras instituições culturais. Quando jovem usava o pseudônimo de Paulo Arinos. Fez jornalismo político-partidário no *Jornal da Manhã* e no *A Federação*. Participou dos preparativos da Revolução de 1930. Foi amigo de Osvaldo Aranha por toda a vida, mas se afastou gradativamente de Getúlio Vargas, criticando seu centralismo e a censura imposta por seu governo.

<sup>107</sup> GUTFREIND, Ieda. **Op. cit.**, p. 120-121.

Em 1964 publicou sua principal obra *Capitania d'El-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Escrito em sua fase madura como pensador, o livro, dividido em seis capítulos, dedica praticamente um terço de seu conteúdo ao tema das missões jesuíticas. Vellinho defendia que o território de Sete Povos das Missões só veio a fazer parte do Rio Grande do Sul a partir de 1801 com o Tratado de Badajoz. Para ele,

O território luso-rio-grandense era servido apenas pelos tributários da vertente marítima, e ainda assim as forças castelhanas que guardavam o Jaguarão, só foram rechaçadas para a margem direita em consequência das hostilidades irrompidas em 1801. Por sua vez, a área dos Sete Povos era, ao tempo, tão estranha ao espaço político rio-grandense, que até à altura de 1825, já anexada havia quase um quarto de século, continuava a ser vulgarmente chamada Província das Missões. Saint-Hilaire não conheceu sob outra denominação o antigo distrito da Província jesuítica do Paraguai.<sup>108</sup>

De forma clara Vellinho afirma que a região missionária era um espaço estranho ao espaço político do Rio Grande do Sul, mesmo passados vinte e cinco anos de sua oficial anexação ao território. Dessa forma corroborava o pensamento de Alcides Lima que dizia que “as missões em nada influíram no caráter da formação rio-grandense”<sup>109</sup>. Cabendo ao Rio Grande atual “o papel de depositário de ruínas alheias”<sup>110</sup> de uma história que não lhes diz respeito.

Como seus antecessores, Vellinho reabilitou os bandeirantes em seu papel de desbravadores do sul, ressaltando sua atuação para a dilatação e espacialização do Brasil. Eles não seriam piores do que os padres no que se refere ao uso do índio, pois, enquanto as bandeiras escravizavam fisicamente, os jesuítas o faziam espiritualmente. A matriz lusitana, no conceito de Vellinho, é nutrida pelo fator linguístico, pois a língua que se firmou no Rio Grande do Sul foi o português, e não o espanhol.

O livro de Moysés Vellinho, através de seus capítulos, apenas confirmou as ideias que ele defendeu durante os anos 30. “A obra [...] simbolizou a culminância e o

<sup>108</sup> VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 2<sup>a</sup> edição, 1970, p. 114.

<sup>109</sup> LIMA, Alcides. *História popular do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935, p. 119.

<sup>110</sup> VELLINHO, Moysés. *Idem*, p. 95.

esgotamento do discurso historiográfico sulino nacionalista-brasileiro... Sua tarefa foi sofisticar e reorganizar, ratificando conteúdos anteriormente desenvolvidos”<sup>111</sup>.

A vertente platina sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul foi, por sua vez, aprimorada também ao longo dos anos 1920, sem, no entanto, fazer uma apologia exacerbada da cultura espanhola. Também não possuía o mesmo caráter antagonista da matriz lusitana. Seus principais representantes foram Alfredo Varella, João Pinto da Silva, Rubens de Barcellos e Manoelito de Ornellas, que também não possuíam formação acadêmica em História.

Alfredo Augusto Varella de Vilares<sup>112</sup> entendia que o Rio Grande do Sul estava mais ligado aos orientais do que aos luso-brasileiros, sendo dessa forma um prolongamento do Vice-Reinado do Rio da Prata. A região missionária foi, segundo ele, conquistada posteriormente pelos portugueses e anexada ao seu império colonial no século XVIII.

João Pinto da Silva<sup>113</sup> defendia que o Rio Grande do Sul possuía ao mesmo tempo aspectos culturais semelhantes diferentes em relação à região do Prata. Afirmava que a região missionária fazia parte da história sul-rio-grandense, sendo o primeiro ensaio de sua civilização.

Rubens de Barcellos<sup>114</sup> via que os hábitos e costumes dos gaúchos campeiros em nada se distinguiam dos usos e práticas dos gaúchos orientais platinos. Reconhecia que a influência da região platina era maior na zona de campanha do que no literal. Ele dividiu o Rio Grande do Sul geograficamente em duas áreas: a primeira luso-açoriana, que iniciou sua colonização no século XVIII, e a segunda platina com núcleos populacionais isolados, onde existiam paulistas e portugueses sob a órbita castelhana.

---

<sup>111</sup> GUTFREIND, Ieda. **Op. cit.**, p. 143.

<sup>112</sup> **Alfredo Varella** (1864-1943) foi um historiador gaúcho defensor da matriz platina, sendo também um dos fundadores do IHGRGS. Sua principal obra sobre a história gaúcha é “*RS: descrição física, histórica e econômica*” (1915).

<sup>113</sup> **João Pinto da Silva** (1889-1950) foi um crítico literário gaúcho, que publicou em 1924 sua obra “*História literária do Rio Grande do Sul*”. Ela ainda exerce influência nos meios acadêmicos do Rio Grande do Sul, apesar de ter sido a primeira história literária desse estado.

<sup>114</sup> **Rubens de Barcellos** (1896-1951) foi um jornalista gaúcho formado em Ciências Jurídicas e Sociais, que produziu pouco no campo da história, mas com textos de boa qualidade. Sua obra foi reunida por Moysés Vellinho e Mansueto Bernardi sob o título de “*Estudos rio-grandenses: motivos de história e de literatura*” em 1955. Foi membro do IHGRGS.

Afirmava ainda que a influência da região do Prata se fazia através dos contatos com Buenos Aires e com a Banda Oriental.

Foi, no entanto, Manoelito de Ornellas<sup>115</sup> o mais importante representante da matriz platina, pois em 1948 ao publicar *Gaúchos e beduínos: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*, não se deteve apenas na formação histórica e social sul-rio-grandense, mas procurou analisar essa formação a partir de suas origens ibéricas em Portugal e Espanha. “Com esse ensaio”, escreveu Veríssimo, “Manoelito agitou as de ordinário tranquilas águas do lagoão da História do Rio Grande do Sul, provocando polêmicas e recebendo aplausos e contestações”<sup>116</sup>. Para a matriz lusitana o título do livro era uma deformação histórica, pois os ancestrais do gaúcho rio-grandense já estavam identificados nos portugueses, seja através dos bandeirantes, dos lagunistas ou dos açorianos.

O livro de Ornellas aborda as ligações históricas dos portugueses e dos espanhóis no povoamento de suas colônias americanas. Analisa as questões relativas da contribuição do negro, do açoriano, do espanhol e do indígena na formação cultural rio-grandense, e associa o gaúcho e o árabe a partir de suas lendas, superstições e poesia.

Quando associamos à [imagem] do gaúcho a imagem do beduíno, procuramos no beduíno um símbolo para o paralelo. Um símbolo de todos os povos cavaleiros da Arábia. O próprio termo explicaria a intenção, pois beduíno significa o homem que vive do gado, o andarengo do deserto, o nômade primitivo, à maneira e feição dos velhos gaúchos dos tempos heroicos<sup>117</sup>.

---

<sup>115</sup> **Manoelito de Ornellas** (1903-1969) nasceu em Itaqui, cidade fronteiriça com a Argentina, localizada na região missionária do Rio Grande atual. Foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde lecionou literatura hispânica, cultura ibérica e história da arte bizantina e islâmica. Trabalhou como redator do *Jornal da Manhã* e redator-chefe de *A Federação*. Ao longo da vida recebeu vários prêmios como reconhecimento por sua produção literária. Participou ativamente do movimento que levou o país a Revolução de 1930, para em seguida ficar desiludido com o rumo dos acontecimentos. Em 1932 foi solidário com os revoltosos constitucionalistas de São Paulo. Recusou as ideias extremistas do integralismo e do estadonovismo de Vargas. Foi membro do IHGRGS.

<sup>116</sup> VERÍSSIMO, Erico. Prefácio. In ORNELAS, Manoelito. *Gaúchos e beduínos: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948, p. XXI.

<sup>117</sup> ORNELAS, Manoelito. *Gaúchos e beduínos: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 17.

Insistiu assim na tese da contribuição árabe ao Rio Grande do Sul, que chegou através tanto de portugueses quanto de espanhóis.

As ideias de Manoelito de Ornellas foram um legado de suas relações hispânicas. Sua mãe era uruguaia, sua infância foi passada na cidade de Itaqui, próxima do rio Uruguai, seu espanhol era fluente, pois sua mãe só falava nesse idioma.

Esse conjunto de circunstâncias de vida, de experiências, teriam desenvolvido em Ornellas um sentimento mais amplo de hispanidade e americanidade, concorrendo desde relações de parentesco até experiências de vida. Inclinou-se para o lado da literatura que privilegiava a hispanidade americana<sup>118</sup>.

Apesar de Ornellas não ter criado nenhuma corrente historiográfica inovadora, formou com outros estudiosos um grupo que procurou aprofundar suas investigações sobre as origens sul-rio-grandenses. Sem descuidar das origens luso-brasileiras, pretendia apenas destacar as influências platino-castelhanas.

Ornellas, segundo Ieda Gutfreind, foi um dos historiadores gaúchos, que “*mais alto levantou a bandeira do nacionalismo*”<sup>119</sup>, fazendo inúmeras conferências e publicando vários artigos sobre o brasileirismo do gaúcho. Embora o “*forte colorido de seu iberismo*”<sup>120</sup> o ligasse a matriz platina, quanto ao sentimento de brasiliidade se igualava ao grupo da matriz lusitana.

Erico Veríssimo dialogou com as duas matrizes no episódio “A fonte”, problematizando as questões referentes à região de Sete Povos das Missões e suas vinculações com o Rio Grande do Sul. Esse diálogo e essas problematizações vão ser apresentados com maior amplitude no último capítulo desta dissertação.

Tendo em vista os aspectos apontados ao longo deste capítulo, observa-se que o ambiente intelectual de Erico Veríssimo foi rico e instigante tanto do ponto de vista da Literatura quanto da História.

---

<sup>118</sup> GUTFREIND, Ieda. **Op. cit.**, p. 179.

<sup>119</sup> GUTFREIND, Ieda. **Op. cit.**, p. 186.

<sup>120</sup> GUTFREIND, Ieda. **Op. cit.**, p. 188.

Inserida no chamado *romance de 30*, a obra de Verissimo possuiu as características essenciais dos romances dessa geração de escritores. Com ela, Erico dialoga com os problemas de sua época, como por exemplo, no debate historiográfico desenvolvido entre a matriz lusitana e a matriz platina sobre as origens político-étnico-culturais do Rio Grande do Sul.

Em virtude do que foi apresentado no desenvolvimento do capítulo, percebe-se que a sociedade gaúcha dos anos 30 estava preocupada em demonstrar sua brasiliade para o resto da nação. Com a ascensão de Getúlio Vargas em 1930 ao poder do executivo federal, o Rio Grande do Sul procurou se firmar dentro da comunidade nacional. Verissimo oferece em *O tempo e o vento* uma oportunidade de diálogo do seu Estado natal para com o resto da Nação.

O próximo capítulo, que também está dividido em duas partes, descreve na primeira a trajetória de Erico Verissimo em seu processo de formação intelectual e, na segunda, narra o percurso de concepção, redação, publicação e recepção de sua trilogia *O tempo e o vento*.

## Capítulo 2

### No galope do tempo: trajetórias de um artista

*O sucesso de Erico Verissimo é um fato.*

*Otto Maria Carpeaux*

Hoje, considerar Erico Verissimo uma referência cultural pode parecer ululante, mas, se retrocedermos no tempo, se verificaria que essa não era exatamente a perspectiva mais provável. Ao iniciar sua carreira literária nos anos trinta, Verissimo provinha de uma família falida financeiramente, sem um diploma universitário que lhe permitisse uma profissão liberal ou alguma ligação com *establishment* do regime autoritário de Getúlio Vargas.

Com um metro e setenta e um centímetros de altura, setenta quilos de peso em média, olhos castanhos e cabelos negros, Erico Verissimo era de falar pouco. Não era dado a um sorriso largo e rasgado e quem o julgasse pela fisionomia pensaria que era um homem sisudo. Por esse motivo alguns o consideravam antipático. Considerava-se um sentimental, que se comovia facilmente. Não gostava de animais domésticos, mas se dava muito bem com as crianças, especialmente com aquelas de até cinco anos. Tinha boa memória para fisionomias, mas péssima para nomes. Afirmava que não possuía nenhuma força catequizadora, e julgava-se incapaz de gerar seguidores com suas opiniões<sup>121</sup>. “*Quanto a Deus, [dizia], sou um agnóstico. Mas o meu eu irracional deseja que exista, tal como a Igreja afirma, um Céu com anjos, arcanjos, serafins, querubins e a felicidade perene*”<sup>122</sup>. Não se considerava, portanto, uma pessoa mística, supersticiosa ou espiritual.

Gostava dos amigos, no entanto, afirmava: “*sou um mau conviva, um mau interlocutor, um péssimo companheiro de viagem*”<sup>123</sup>. No tempo que frequentava a

<sup>121</sup> VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso & Artigos diversos**. São Paulo: Globo, 1996, p. 171-173.

<sup>122</sup> VERISSIMO, Erico. **Idem**, 1996, p. 172.

<sup>123</sup> VERISSIMO, Erico. **Ibidem**, 1996, p. 173.

“roda de chope” do Bar Antonello, na Rua da Praia em Porto Alegre, dizia que seus companheiros o toleravam, pois, ele “era um conviva chatíssimo [que] não falava, não fumava... e não bebia”<sup>124</sup>.

Erico Verissimo embora fosse retraído, pacifista e isento de convicções partidárias, se tornou uma personalidade interessante junto ao público. Através de suas obras e de seus personagens soube estimular não só a imaginação de seus leitores, mas também incentivar um sentimento de aversão contra qualquer tipo de abuso social e político. Sempre defendeu em seus escritos a liberdade de expressão.

Avesso à badalação social, afirmou em certa ocasião: “Não quero e não hei de me candidatar à Academia Brasileira de Letras. Não tenho o menor apreço por títulos e condecorações. O que desejo, isso sim, são leitores, e amigos...”<sup>125</sup>. No entanto, apesar de declarar seu pouco interesse por honrarias, Verissimo recebeu várias premiações ao longo de sua carreira literária<sup>126</sup>.

Uma vez declarou: “Não sou meu autor favorito”<sup>127</sup>, porém, sua obra diversificada, que transitou entre o conto, o romance, a literatura infantil, a narrativa de viagem, o ensaio e as memórias, tornou-se com o passar dos anos um marco da cultura brasileira. Alguns de seus romances também foram transpostos para o cinema e a televisão obtendo de um modo geral sucesso de público e crítica<sup>128</sup>.

---

<sup>124</sup> VERISSIMO, Erico. **Fantoches**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972, p. 7.

<sup>125</sup> VERISSIMO, Erico. Um escritor diante do espelho. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: IMS, 2003, p. 38.

<sup>126</sup> As principais horarias que Erico Verissimo recebeu foram: •1934: **Prêmio Machado de Assis** (Companhia Editora Nacional) por *Música ao longe*. •1935: **Prêmio Fundação Graça Aranha** por *Caminhos cruzados*. •1954: **Prêmio Machado de Assis** (Academia Brasileira de Letras) pelo *conjunto da obra*. •1965: **Prêmio Jabuti** de Melhor Romance (Câmara Brasileira do Livro) por *O senhor embaixador*. •1968: **Prêmio Intelectual do Ano – Troféu Juca Pato** (União Brasileira do Livro e Folha de São Paulo) por *O prisioneiro*.

<sup>127</sup> COSTA, Maria Ignez Corrêa da. Um gaúcho sem esporas. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: IMS, 2003, p. 28.

<sup>128</sup> **Adaptações para o cinema:** •*Mirad los lirios del campo*, 1947 (Ernesto Arancibia); •*O sobrado*, 1956 (Cassiano Gabus Mendes e Walter George Durst); •*Um certo capitão Rodrigo*, 1970 (Anselmo Duarte); •*Ana Terra*, 1971 (Durval Gomes Garcia); •*Noite*, 1985 (Gilberto Loureiro); •*O tempo e o vento*, 2013 (Gilberto Monjardim). **Adaptações para a televisão:** •*O tempo e o vento*, novela, 1967 (Teixeira Filho); •*Olhai os lírios do campo*, novela, 1980 (Geraldo Vietri e Wilson Aguiar Filho); •*O resto é silêncio*, minissérie, 1982 (Mário Prata); •*Música ao longe*, minissérie, 1982 (Mário Prata); •*O tempo e o vento*, minissérie, 1985 (Doc Comparato); •*Incidente em Antares*, minissérie, 1994 (Charles Peixoto e Nelson Nadotti); •*O resto é silêncio*, teledramaturgia, 2005 (Mário Schoenardie). Ver os créditos completos nos anexos dessa dissertação.

Nesse segundo capítulo, portanto, pretendo descrever sua *trajetória* pessoal e intelectual, catalisando os elementos mais significativos para a compreensão do tema desenvolvido nessa dissertação.

Espero, com isso, responder as seguintes questões: “Como através de suas leituras Erico Verissimo constituiu sua formação artística?”, “Qual a avaliação da crítica literária em relação a sua obra criativa?”, “Como o romance *O continente* da trilogia *O tempo e o vento* foi concebido, estruturado e desenvolvido?” e “Como o episódio *A fonte* foi construído literariamente?”.

## 2.1 A trajetória de sua formação literária

Erico Lopes Verissimo nasceu na cidade gaúcha de Cruz Alta em 17 de dezembro de 1905, filho do casal Sebastião Verissimo da Fonseca e Abegahy Lopes Verissimo. Seus genitores não viveram em harmonia conjugal, pois seu pai, farmacêutico, era dado a muitas aventuras amorosas, apresentando também um comportamento esbanjador nos negócios da família. Sua mãe, modista, era quem de fato sustentava a casa com suas costuras. Tal clima de conflito levou finalmente seus pais a se separarem quando ele tinha dezessete anos.

Desde criança aprendeu a desenhar figuras humanas, animais, construções, aviões, navios e dentre outras coisas (hábito que o acompanhou por toda vida)<sup>129</sup>. Nos tempos de colégio não foi popular entre seus colegas de classe ou de internato, pois segundo ele, com quatorze anos se portava “*como um respeitável senhor quarentão*”<sup>130</sup>, mas, isso devido a sua natureza tímida e retraída. Sofria de claustrofobia<sup>131</sup>, e em noites que se podia ouvir o vento uivar, padecia de insônia, pois “*a voz do vento era um fator de ansiedade*”<sup>132</sup>. Mais tarde ele colocaria na boca de dona Bibiana Terra Cambará: “*Noite de vento, noite de mortos*”<sup>133</sup>.

---

<sup>129</sup> VERRISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**, vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 85.

<sup>130</sup> VERRISSIMO, Erico. **Idem**, 2005, p. 129-130.

<sup>131</sup> VERRISSIMO, Erico. **Ibidem**, 2005, p. 55.

<sup>132</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, 2005, p. 146.

<sup>133</sup> VERRISSIMO, Erico. **O tempo e o vento: O continente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 382.

Entrou em contato com o inglês, o francês e a Bíblia ao estudar no Colégio Cruzeiro do Sul em Porto Alegre em 1920-1922. Desse colégio de orientação protestante pouca influência religiosa guardou, pois anos depois declarou que saíra “daquele colégio tão herege como quando lá entrara pela primeira vez”<sup>134</sup>.

Não chegou a obter um título universitário regular<sup>135</sup>, devido às dificuldades financeiras de sua família, pois se viu na obrigação de ajudar sua mãe na manutenção das despesas da casa e na educação de seu irmão Énio e de sua irmã adotiva Maria. Portanto, diante dessa situação seu aprimoramento intelectual continuou sendo feito através de suas leituras autodidatas.

A vida intelectual de Erico Veríssimo, todavia, pode ser mapeada com certa facilidade, pois ele nos deixou detalhadas informações sobre o seu amadurecimento cultural. O conhecimento das leituras de um escritor nos aponta para a qualidade da massa e do fermento que ele utilizou na composição de suas obras e personagens, pois, “a leitura não é uma consumação passiva; é descoberta, invenção sempre renovada pelo leitor do sentido do texto, que não é unívoco, mas plural”<sup>136</sup>. Sendo dinâmica, a leitura permite ao escritor, em uma apropriação ativa do texto, adubar suas ideias e ampliar sua cosmovisão pessoal, enriquecendo seu imaginário.

A cosmovisão de Erico Veríssimo se estruturou de um modo lento e progressivo, sintetizando conhecimentos históricos, geográficos, psicológicos e políticos, mas também elementos de teoria literária e construção romanesca que se desenvolveram a partir de suas leituras desde a juventude.

Segundo ele sua formação como ficcionista começou quando seu pai lhe fez uma assinatura da revista carioca *O Tico-Tico*<sup>137</sup>. “Estou certo de que suas histórias muito contribuíram para a germinação da semente do ficcionista que dormia nas terras interiores do menino”<sup>138</sup>, escreveu mais tarde em suas memórias.

---

<sup>134</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Op. cit.**, 2005, p. 151.

<sup>135</sup> Em 1944 recebeu o título de doutor *honoris causa* pelo Mills College de Oakland na Califórnia.

<sup>136</sup> HORELLOU-LAFARGE, Chantal & SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010, p. 138-139.

<sup>137</sup> **O Tico-Tico** foi uma revista destinada ao público infanto-juvenil publicada entre 1905 e 1977. Seus personagens mais conhecidos foram Chiquinho, Lamparina e Kaximbown.

<sup>138</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Op. cit.**, 2005, p. 83.

Apesar das desavenças familiares, em meio à biblioteca particular de seu pai, Erico conseguiu descobrir que “era muito bom ler livros, mesmo que o volume tivesse muitas páginas e nenhuma ilustração”<sup>139</sup>. Além da rica biblioteca de sua casa, Erico Veríssimo contou com as indicações de seus tios Catarino Azambuja e João Raymundo.

Em 1918 aos treze anos leu *A casa a vapor*<sup>140</sup> de Jules Verne, que o deixou fascinado com as aventuras do engenheiro Banks que criou uma máquina em forma de elefante, que o levou a percorrer todo território do norte da Índia.

A seguir leu Aluísio Azevedo<sup>141</sup> (*O cortiço* e *Casa de pensão*), Coelho Neto<sup>142</sup> (*Sertão* e *Inverno em flor*), Joaquim Manuel de Macedo<sup>143</sup> (*A moreninha* e *O moço louro*) e Afonso Arinos<sup>144</sup> (*Pelo sertão*). Todavia, alternava as leituras “sérias” com romances policiais de aventuras folhetinescas<sup>145</sup>.

---

<sup>139</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Op. cit.**, 2005, p. 124.

<sup>140</sup> **A casa a vapor** (La Maison à vapeur) é um romance de Jules Verne publicado originalmente em forma de folhetim entre 01 de dezembro de 1879 até 15 de dezembro de 1880.

<sup>141</sup> **Aluísio Azevedo** (1857-1913) foi um romancista, caricaturista e jornalista brasileiro. Autor de estética naturalista tem em *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890) os seus melhores trabalhos literários.

<sup>142</sup> **Coelho Neto** (1864-1934) foi um romancista, folclorista e político brasileiro. Seus livros mais conhecidos são *Inverno em flor* (1897) e *Sertão* (1899). Foi considerado “O Príncipe dos Prosadores Brasileiros” em 1928, no entanto, a partir do modernismo sua obra passou a ser severamente combatida, caindo em um grande ostracismo intelectual.

<sup>143</sup> **Joaquim Manoel de Macedo** (1820-1882) foi um médico, romancista e memorialista brasileiro. Sua extensa obra fez grande sucesso em sua época devido ao grande apelo sentimental de seus livros. Sua importância ainda se faz presente como um dos fundadores do romance no Brasil. Suas obras mais conhecidas são *A moreninha* (1844), *O moço louro* (1845) e *A luneta mágica* (1869).

<sup>144</sup> **Afonso Arinos** (1868-1916) foi um jornalista, jurista e contista brasileiro. Sua obra mais valorizada é *Pelo sertão* (1898) uma coleção de contos sobre o sertão brasileiro.

<sup>145</sup> Seus personagens favoritos foram: **Arthur J. Raffles** personagem criado por *E. W. Hornung* (1866-1921). Ao contrário de Sherlock Holmes, Raffles é um ladrão-cavalheiro, que reside em Albany, um bairro de classe alta de Londres. **Rocambole** personagem criado por *Pierre Alexis de Ponson du Terrail* (1829-1871). Rocambole é tanto o nome do personagem quanto o da série de romances escritos por Terrail a partir de 1857 até sua morte. Rocambole é um bandido que depois de redimido ajuda a resolver crimes em incríveis aventuras. É desse personagem que surgiu o adjetivo rocambolesco. **Arsène Lupin** personagem criado por *Maurice Leblanc* (1864-1941). A semelhança de Raffles também é um ladrão-cavalheiro que se enfrenta constantemente com Herlock Sholmes, tido como o maior detetive de todos os tempos. **Sherlock Holmes** personagem criado por *Arthur Conan Doyle* (1859-1930). Até hoje Holmes é um dos detetives mais queridos da literatura mundial. Juntamente com o Dr. Watson resolvem os crimes mais difíceis de investigar. **Nick Carter** personagem criado por *Ormond G. Smith* (1860-1933). Ele é um detetive particular que durante o final do século XIX e início do XX chegou a ter uma revista própria para a narração de suas aventuras.

Devido à gripe espanhola de 1918, ficou acamado por alguns dias. Contudo, isso lhe proporcionou a oportunidade de ler José de Alencar<sup>146</sup> (*As minas de prata*), Eça de Queirós<sup>147</sup> (*Os maias*), Dostoievski<sup>148</sup> (*Recordações da casa dos mortos* e *Crime e castigo*), Tolstoi<sup>149</sup> (*Anna Karenina*), Walter Scott<sup>150</sup> (*Ivanhoé*) e Zola<sup>151</sup> (*Germinal*, *Teresa Raquin* e *A besta humana*).

Quanto a *Semana de Arte Moderna* de 1922, Erico Verissimo acompanhou de um modo precário o seu desenvolvimento, mas depois seguiu o movimento paulista, lendo o *Manifesto antropofágico*<sup>152</sup>, que lhe pareceu “*doido mas que, como todos os doidos, tinha a cega coragem de dizer verdades que parecem absurdas aos homens chamados normais*”<sup>153</sup>. Leu também com perplexidade os versos de Mário de Andrade<sup>154</sup> e Oswald de Andrade<sup>155</sup>, mas concordou com os modernistas de que era necessário

<sup>146</sup> José de Alencar (1829-1877) foi um romancista e político brasileiro. É considerado um dos maiores escritores brasileiros do século XIX e um dos principais representantes do romantismo nacional. Suas obras centrais são *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865), *As minas de prata* (1866) e *Senhora* (1975).

<sup>147</sup> Eça de Queirós (1845-1900) foi um dos maiores romancistas da literatura portuguesa. É considerado por muitos o melhor escritor realista português do século XIX. Suas obras mais importantes são *O crime do padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888), *A ilustre casa de Ramires* (1900) e *A cidade e as serras* (1901).

<sup>148</sup> Fiódor Dostoiévski (1821-1881) foi um dos melhores romancistas da Rússia. É tido por muitos críticos como um dos maiores artistas de todos os tempos. Suas obras principais são *Recordações da casa dos mortos* (1862), *Crime e castigo* (1866), *O jogador* (1867), *O idiota* (1869) e *Os irmãos Karamazov* (1881).

<sup>149</sup> Liev Tolstoi (1828-1910) foi um dos maiores mestres da literatura russa do século XIX. Na velhice se tornou um pacifista com uma visão cristã não ortodoxa. Suas obras mais célebres são *Guerra e paz* (1865-1969), *Anna Karenina* (1875-1977) e *A morte de Ivan Ilitch* (1886).

<sup>150</sup> Walter Scott (1771-1832) foi um romancista escocês. Com ele surgiu de um modo definitivo o gênero do romance histórico com suas obras *Waverley* (1814), *Rob Roy* (1818) e *Ivanhoé* (1819).

<sup>151</sup> Émile Zola (1840-1902) foi um consagrado romancista francês. É tido como uma das figuras máximas do naturalismo, tendo sido provavelmente assassinado por extremistas devido ao seu apoio ao Caso Dreyfus. Seus romances mais destacados são *Thérèse Raquin* (1867), *Nana* (1879), *Germinal* (1885), *A besta humana* (1890) e *O dinheiro* (1891).

<sup>152</sup> **Manifesto antropofágico** foi um manifesto literário escrito por Oswald de Andrade, o qual fundamentou o seu conceito de antropofagia. Lido na casa de Mário de Andrade foi posteriormente publicado na *Revista de Antropofagia* (1ª fase: maio de 1928 a fevereiro de 1929 / 2ª fase: março de 1929 a agosto de 1929).

<sup>153</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, 2005, p. 160.

<sup>154</sup> Mário de Andrade (1893-1945) foi um poeta, crítico literário e musicólogo brasileiro. Foi um dos pioneiros da poesia modernista brasileira com a publicação de *Paulicéia desvairada* (1922). Exerceu grande influência na literatura e na cultura brasileira, sendo a força motriz da Semana de Arte Moderna. Seu romance *Macunaíma* (1928) é considerado um dos principais da literatura do Brasil.

<sup>155</sup> Oswald de Andrade (1890-1954) foi um poeta, romancista e dramaturgo brasileiro. Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922, sendo considerado um dos mais rebeldes participantes do modernismo

dinamizar a literatura brasileira. Para ele, a cultura da velha e cansada Europa deveria dar lugar a cultura de um Brasil jovem e dinâmico.

Vários autores povoaram suas leituras entre 1923 e 1927<sup>156</sup>, contudo, foi Monteiro Lobato quem mais lhe marcou a vida nessa época, pois segundo Verissimo, em suas jovens incertezas dos dezoito anos, foi a leitura dos contos publicados em *Urupês* (1918) que muito lhe ajudou. De Lobato também leu regularmente a *Revista do Brasil*<sup>157</sup> e se perguntava: “Poderia eu um dia seguir o caminho de Lobato, contando histórias como as que formavam o seu Cidades mortas?”<sup>158</sup>. Anos mais tarde, quando conheceu Lobato pessoalmente ouviu de sua voz a seguinte observação a respeito da capacidade de se escrever: “Seu Erico, o escritor de verdade escreve naturalmente como quem mijá”<sup>159</sup>.

Em 1930 Erico Verissimo se transferiu de Cruz Alta para Porto Alegre com o objetivo de viver da literatura. Na capital gaúcha estreitou laços de amizade com vários escritores importantes do Rio Grande do Sul daquele momento<sup>160</sup>.

A partir de 1931 quando foi trabalhar na Editora do Globo, Erico passou a receber a influência literária de vários escritores estrangeiros que teve de traduzir<sup>161</sup>. Desses

---

brasileiro. Foi também o autor dos dois mais importantes manifestos modernistas, o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto antropofágico* (1928).

<sup>156</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900), John Stuart Mill (1806,1873), Émile Verhaeren (1855-1916), Henrik Ibsen (1828-1906), Rabindranath Tagore (1861-1941) e Omar Khayyam (1048-1131), Oscar Wilde (1854-1900), Bernard Shaw (1856-1950), Anatole France (1844-1924) e Katherine Mansfield (1888-1923).

<sup>157</sup> **Revista do Brasil** foi um periódico brasileiro fundado por Júlio de Mesquita (1862-1927) em 1916 para servir de veículo para escritores como Olavo Bilac, Mário de Andrade, Amadeu Amaral, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, além do próprio Monteiro Lobato.

<sup>158</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, 2005, p. 159.

<sup>159</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, 2005, p. 159.

<sup>160</sup> Seus principais contatos literários foram com Augusto Mayer (1902-1970) jornalista, poeta e ensaísta; Athos Damasceno Ferreira (1902-1975) poeta, romancista, tradutor e crítico literário; Theodemiro Tostes (1903-?) poeta, tradutor e diplomata; Ernani Fornari (1899-1964) poeta, teatrólogo e historiador; Mário Quintana (1906-1994) poeta, tradutor e jornalista; e Guilhermino César (1908-1993) jornalista e historiador.

<sup>161</sup> W. Somerset Maugham (1874-1965), Edgar Wallace (1875-1932), Hans Fallada (1893-1947), Robert Nathan (1894-1985), Horace McCoy (1897-1955), James Hilton (1900-1954), John Steinbeck (1902-1968) e Ernst Glaeser (1902-1963).

autores, Aldous Huxley<sup>162</sup> foi um dos que mais inspiraram a sua literatura, principalmente devido ao seu romance *Contraponto* (1928). Responsável pela tradução da obra em 1933, Erico aplicou a técnica do contraponto – desenvolvida por Huxley – em seus romances *Caminhos cruzados* (1935) e *O resto é silêncio* (1943). Essa técnica consiste em mesclar vários pontos de vista divergentes das personagens diante das situações fragmentárias vividas por elas, sem, contudo, existir um eixo central condutor. Devido a essa técnica *Caminhos cruzados* foi considerado um marco na evolução do romance brasileiro.

Além de suas leituras autodidatas, a partir de sua primeira viagem ao Rio de Janeiro em 1935, Erico Veríssimo passou a travar contato pessoal com outros autores da chamada *Geração de 30*, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado<sup>163</sup>.

No que tange aos principais autores do debate historiográfico dos anos 30-40 sobre a identidade étnico-cultural gaúcha – Manoelito de Ornellas e Moysés Vellinho – Erico Veríssimo manteve contato com ambos de forma constante e por longa data.

Ornellas foi amigo de Erico Veríssimo desde o final dos anos 1920, mantendo com ele relações pessoais durante toda a vida. Ambos foram proprietários de farmácias que faliram sob suas gestões, pois segundo ele “cuidávamos mais de literatura do que dos negócios”<sup>164</sup>. Sobre a pessoa de Ornellas, assim o avaliou Veríssimo:

Homem generoso, incapaz de maldade e até mesmo de malícia, ele costumava envolver com sua cordialidade as pessoas e a vida, isso num mundo que se fazia cada vez mais competitivo, violento e traiçoeiro. Entregava-se aos amigos, confiando cegamente neles.<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> Aldous Huxley (1894-1963) foi um romancista, contista e ensaísta britânico. Ficou conhecido mundialmente por sua obra de ficção científica *Admirável mundo novo* (1932). Defendeu o uso do LSD como um instrumento de potencialização das capacidades humanas para se chegar ao ápice de seu desenvolvimento.

<sup>163</sup> No Rio de Janeiro Erico também conheceu os poetas Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Jorge de Lima (1893-1953), Álvaro Moreira (1888-1964), Murilo Mendes (1901-1975) e Augusto Frederico Schmidt (1906-1975) e o romancista Marques Rebelo (1907-1973).

<sup>164</sup> VERÍSSIMO, Erico. Prefácio. In ORNELAS, Manoelito de. **Idem**, p. XIX.

<sup>165</sup> VERÍSSIMO, Erico. Prefácio. In ORNELAS, Manoelito de. **Ibidem**, p. XVIII.

Vellinho, por sua vez, Erico Verissimo o conheceu em Porto Alegre, enquanto procurava emprego após sua mudança para essa cidade. Após bater de porta em porta, Erico em desespero de causa, aceitou a ideia de se tornar funcionário público ao saber de uma vaga na Secretaria do Interior. Para lá se dirigiu, e foi recebido cordialmente pelo chefe de gabinete da Secretaria Moysés Vellinho. Daquele dia Verissimo guardou a seguinte memória:

Diante daquele homem insinuante, de maneiras tão finas e vestido com tão sóbria elegância, experimentei um sentimento de inferioridade como o que eu sentira tantas vezes no Colégio Cruzeiro do Sul, aos domingos, ao comparar as fatiotas de meus colegas, trajados no rigor da moda, com a minha “roupa de domingo” feita pelo pior alfaiate de Cruz Alta e do mundo.<sup>166</sup>

Ao final da reunião Verissimo foi informado por Vellinho, que não havia vaga na Secretaria. Posteriormente ambos desenvolveram um relacionamento profissional e pessoal regular através dos jantares periódicos que a Editora do Globo oferecia aos seus amigos e colaboradores.

Erico considerava Ornellas um “*historiador consciencioso e original*”<sup>167</sup> e Vellinho um “*admirável ensaísta*”<sup>168</sup>.

Em 1938, já famoso por seus romances – principalmente por *Olhai os lírios do campo* –, e com uma técnica literária mais rica de experiências, afirmou em um discurso proferido na Biblioteca Pública de Porto Alegre:

Se eu quisesse resumir a história do meu aprendizado de ficcionista, diria que: Anatole France me deu a paixão da clareza. Bernard Shaw a tendência para a sátira e para a irreverência. Katharine Mansfield atenuou essa tendência, levando-me a assumir uma atitude mais terna e compreensiva para com as criaturas e as coisas. Ibsen me despertou a paixão por certos problemas da alma e da sociedade humana, e me deu preciosas lições sobre o diálogo. Aldous Huxley me ensinou alguns segredos da carpintaria do romance e um novo caminho para a análise dos carácteres. Somerset Maugham fortaleceu a

---

<sup>166</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, 1996, p. 19-20.

<sup>167</sup> VERISSIMO, Erico. **Galeria fosca**. São Paulo: Editora Globo, 1997, p. 75.

<sup>168</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, 1996, p. 55.

minha fé na ficção, na profissão de escritor e me convenceu da necessidade de não perder de vista as sólidas e repousantes linhas clássicas na construção do romance.<sup>169</sup>

Ao reconhecer a influência desses autores em sua obra no final dos anos 30, Veríssimo confessa que foi um autodidata que hauriu de seus mestres, o que de melhor eles tinham para lhe oferecer. Posteriormente, com sua franqueza habitual apresentou o que pensava a respeito sobre seu ofício de escritor:

O que penso de mim mesmo? Depende da ocasião. Nos momentos escuros, minha tendência é considerar tudo quanto produzi até hoje medíocre e mesmo mau. Nas horas claras, porém, olho com mais indulgência para minha obra e concluo que, dentre os vinte e poucos livros que escrevi até hoje, uns três ou quatro possuem alguma importância e pelo menos um deles – creio que *O continente* – sobreviverá por algum tempo. Sei que não sou, nunca fui, um *writer's writer*, um escritor para escritores. Não sou um inovador, não trouxe nenhuma contribuição original para a arte da ficção. Tenho dito e escrito repetidamente que me considero, antes de mais nada, um contador de histórias. [...] A chamada 'boa crítica' considera a história ou *estória*, como queiram, uma forma inferior de arte<sup>170</sup>.

Na verdade, ele gostava de se apresentar apenas como um “*contador de histórias*”. Erico Veríssimo entendia que sua ficção não era inovadora do ponto de vista estético. Afirmava preferir “*a ficção americana, preocupada com os problemas do homem, no aqui e no agora, à francesa, tão formalista e fascinada por aventuras da técnica e da linguagem*”<sup>171</sup>. Aqui ele faz uma referência ao *nouveau roman*<sup>172</sup>, que considerava

<sup>169</sup> VERÍSSIMO, Erico. Confissões de um romancista. In: MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985, p. 140.

<sup>170</sup> VERÍSSIMO, Erico. Um escritor diante do espelho, **Idem**, p. 28.

<sup>171</sup> VERÍSSIMO, Erico. Sou engajado com a vida. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: IMS, 2003, p. 29.

<sup>172</sup> **Nouveau roman** é um termo literário aplicado ao conjunto de romances publicados na França depois da Segunda Guerra Mundial. Teve como principais representantes *Nathalie Sarraute* (1900-1999), *Claude Simon* (1913-2005), *Marguerite Duras* (1914-1996) e *Alain Robbe Grillet* (1922-2008). Não admitiam a descrição dos personagens, e sim a exploração de seu fluxo de consciência. O enredo, por sua vez, não deveria seguir uma lógica de começo, meio e fim.

“morto e enterrado”<sup>173</sup>, apreciando mais a ficção de Georges Simenon<sup>174</sup>. Dizia se considerar “mais um artesão do que artista”<sup>175</sup>, justamente por desejar ser um contador de histórias mais ligado a sintaxe psicológica de seus personagens do que a sintaxe gramatical de um texto rebuscado.

Seu filho Luis Fernando Verissimo<sup>176</sup>, todavia, considera seu pai um escritor de vanguarda.

Erico Verissimo um escritor de vanguarda? Acho que sim. Foi um dos primeiros a fazer literatura urbana no Brasil, a preferir o despojamento anglo-saxão à empolgação ibérica e francesa e a escrever com uma informalidade que não excluía a experiência com estilos e técnicas de narrativas. Talvez nenhum outro escritor brasileiro do seu tempo fosse tão bem informado sobre a teoria do romance, embora se definisse como apenas um contador de histórias<sup>177</sup>.

Apesar dessa simplicidade, Luis Fernando Verissimo vê na obra de seu pai uma constante e “aguda observação social e [uma] construção de tipos aliada a um controle de técnica pouco comum”<sup>178</sup>. O estilo despojado, sem empolgação e informal não é sinônimo de uma literatura inferior, Erico foi inovador no Brasil justamente por utilizar esse estilo simples de contador de histórias.

Wilson Martins (1921-2010), por sua vez, ao analisar o modernismo no Brasil defende a importância singular de Erico Verissimo, ressaltando os mesmos valores literários que Luis Fernando Verissimo.

---

<sup>173</sup> VERISSIMO, Erico. Sou engajado com a vida. **Idem**, p. 29.

<sup>174</sup> Georges Simenon (1903-1989) foi um escritor belga em língua francesa de extrema fecundidade com mais de 190 livros publicados. Notabilizou-se com seu personagem de ficção policial, o Comissário Maigret, que apareceu em 75 de suas novelas e 28 contos.

<sup>175</sup> LISPECTOR, Clarice. Não sou profundo. Espero que me desculpem. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: IMS, 2003, p. 29.

<sup>176</sup> Luis Fernando Verissimo (1936) é um escritor mais conhecido por suas crônicas de costumes e contos de humor. Sua obra mais famosa é “O analista de Bagé” de 1981.

<sup>177</sup> VERISSIMO, Luis Fernando. Erico Verissimo, um escritor de vanguarda? In: GONÇALVES, Robson P. (org.). **O tempo e o vento: 50 anos**, Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000, p. 22.

<sup>178</sup> VERISSIMO, Luis Fernando. **Idem**, p. 22.

Pertencendo, em perspectiva modernista, à geração consolidadora, ele [Erico Verissimo] é um dos escritores fundamentais do Movimento por haver feito, fora de São Paulo, o que nenhum dos revolucionários de 22 conseguiu fazer: o romance urbano moderno, mais interessado em interpretar o homem com fidelidade do que embasbacar o leitor com experiências de estilo; mas, ao mesmo tempo, se considerarmos que estilo, no romance, é alguma coisa mais do que a frase, é a estrutura, a concepção do personagem, a visão do mundo, a segurança narrativa, o domínio do instrumento técnico, então seria da mais estrita correção situá-lo entre os que deram ao modernismo romanesco justamente o que lhe faltava<sup>179</sup>.

Martins identifica as qualidades do estilo verissiano, apontando para a popularidade de Erico Verissimo. Ele foi dos autores modernistas o que mais sucesso obteve junto ao público, mas também “*o mais injustiçado pela crítica*”<sup>180</sup>, que demonstrou uma postura de reserva e até hostilidade em relação a ele. Para esses críticos o sucesso comercial de suas obras era uma prova da sua falta de qualidade artística. Wilson Martins, porém, contesta essa posição afirmando que Erico Verissimo foi dos romancistas modernistas, o que melhor teve condições de renovar o romance brasileiro, devido aos seus recursos técnicos e sua capacidade de revigorar<sup>181</sup>.

Antonio Candido (1918) reconhece que “*Erico Verissimo é um autor irregular e cheio de descaídas, sobretudo na tonalidade geral da sua visão, mas apesar disso é um grande escritor*”<sup>182</sup>.

Ele afirma que dentro de Erico Verissimo existe um “bom moço” com uma tendência “sentimentaleira”, que deveria ficar sob controle, para se evitar o *kitsch*, que superlativa as virtudes do escritor tornando-as ostensivas. Dentre essas virtudes ele apresenta três:

---

<sup>179</sup> MARTINS, Wilson. **O modernismo**. Coleção *A literatura brasileira*, vol. VI. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, p. 295.

<sup>180</sup> MARTINS, Wilson. **Idem**, p. 293.

<sup>181</sup> MARTINS, Wilson. **Ibidem**, p. 293.

<sup>182</sup> CANDIDO, Antonio. Entrevista. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy *et al.* **Érico Veríssimo: o romance da história**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001, p. 15.

Há em primeiro lugar,... , a **simplicidade expressiva da sua prosa**, que traduz uma visão íntegra e correta da realidade. Em seguida é preciso salientar um traço importante: a sua **capacidade de inserir bem o tempo na estrutura literária**, seja injetando-o no tecido da narrativa, seja quebrando-o por meio do relato descontínuo. Aí ele geralmente acerta a mão. Um terceiro traço positivo é a **capacidade de se tornar convincente** tanto para o leitor culto quanto para o leitor mais simples<sup>183</sup> (Grifo do autor).

Candido recusa a ideia de considerar Erico Verissimo um escritor de segunda ordem, pois para ele, o fato de um autor possuir irregularidades em sua produção não o transforma em um criador inferior. Como exemplo, Candido cita *Guerra e paz* de Liev Tolstoi (1828-1910), “que tem um pouco de romance, um pouco de história, um pouco de filosofia, tudo se misturando em composição antes irregular”<sup>184</sup>. Lembra também “*Fogo morto*, de José Lins do Rego, uma verdadeira obra-prima, [mas que] é construído de maneira pouco coerente, com uma quebra na sequência e uma intercalação que vale quase como novela independente”<sup>185</sup>.

No entanto, o encontro da polifonia de vozes de seus leitores com a perícia de sua arte romanesca não aconteceu de repente, foi fruto de um longo processo de amadurecimento intelectual, que se desenvolveu a partir de suas leituras autodidatas desde a mais tenra juventude. Em sua formação literária, Erico dialogou com as novidades literárias de seu tempo, sem perder de vista as obras consagradas da tradição literária nacional e estrangeira.

Desse modo, plugado com a produção literária de vanguarda de seu tempo, estruturado culturalmente nos mestres da tradição literária ocidental e estabilizado financeiramente com o sucesso de *Olhai os lírios do campo*, ele ficou livre para iniciar a mais importante de suas trajetórias criativas – a construção de *O tempo e o vento*.

---

<sup>183</sup> CANDIDO, Antonio. **Idem**, p. 14.

<sup>184</sup> CANDIDO, Antonio. **Ibidem**, p. 14.

<sup>185</sup> CANDIDO, Antonio. **Op. cit.**, p. 14.

## 2.2 A trajetória de formação de sua trilogia

A trilogia *O tempo e o vento* (*O continente*, *O retrato*, *O arquipélago*), representa o ponto culminante da carreira literária de Erico Verissimo. Segundo seu filho Luis Fernando Verissimo, na trilogia “não se sabe o que é mais espantoso, a ambição do autor ou o fato de que conseguiu realizá-la”<sup>186</sup>.

Desenvolvida durante o interregno democrático vivido pela sociedade brasileira entre 1945 e 1964, a trilogia foi escrita e publicada entre 1947 e 1962. Quando Erico Verissimo começou a redigir *O continente*, o Brasil dava seus primeiros passos para uma abertura democrática com a saída de Getúlio Vargas do poder após quinze anos de governo. Esse “sentimento de vitória da democracia deve ter entusiasmado o romancista gaúcho, que se dispôs a narrar o penoso percurso dessa forma de governo no Rio Grande do Sul... [este é] o alimento político que nutre *O tempo e o vento*”<sup>187</sup>.

Durante essa época também surgiram outras obras de fundo histórico escritas por romancistas, que buscaram decifrar e representar a História da América Latina<sup>188</sup> como *O senhor presidente* (1946)<sup>189</sup>, *O reino deste mundo* (1949)<sup>190</sup>, *Memórias do cárcere* (1953)<sup>191</sup> e *Os subterrâneos da liberdade* (1954)<sup>192</sup>. Portanto, Erico Verissimo não estava isolado em sua procura de manter um diálogo entre a História e a Literatura.

Quanto ao gênero, *O tempo e o vento* pode ser incluído na vertente do romance histórico, que segundo Mikhail Bakhtin, se constitui em um gênero narrativo de

---

<sup>186</sup> VERISSIMO, Luis Fernando. Erico Verissimo, um escritor de vanguarda? **Idem**, p. 22.

<sup>187</sup> ZILBERMAN, Regina. **Erico Verissimo: artista, intelectual e pensador brasileiro**. Caxias do Sul: Revista Antares - Letras e Humanidades, nº 3, jan-jun de 2010, p. 150.

<sup>188</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: o escritor e seu tempo**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001, p. 108.

<sup>189</sup> **O senhor presidente** é um romance do escritor guatemalteco Miguel Angel Astúrias (1899-1974) que descreve as atrocidades cometidas pelo ditador Manuel José Estrada Cabrera (1857-1923), retratado como um arquétipo do ditador latino-americano.

<sup>190</sup> **O reino deste mundo** é um romance do escritor cubano Alejo Carpentier (1904-1980) que recria os acontecimentos da independência do Haiti sob a liderança de Jean Jacques Dessalines (1758-1806).

<sup>191</sup> **Memórias do cárcere** é um livro de memórias de Graciliano Ramos (1892-1953) que relata o período em que ficou preso sem acusação formal em 1936 durante o governo Vargas sob o clima da Intentona Comunista de 1935.

<sup>192</sup> **Os subterrâneos da liberdade** é um romance de Jorge Amado (1912-2001) que descreve a conturbada vida política e social do Brasil durante a ditadura do Estado Novo em uma história ambientada em 1937.

“construção híbrida”<sup>193</sup>, isto é, dentro do romance histórico habita um processo de combinação entre dois discursos, o histórico e o ficcional, onde o ficcional predomina, pois apesar de o autor apoiar sua narrativa em fatos e personalidades históricas, “não se deve esquecer de que o substantivo nessa expressão” – romance histórico – “é o romance”<sup>194</sup>.

Sobre a origem do romance histórico, György Lukács (1885-1971) considera que o seu criador foi Walter Scott com a obra *Waverley* (1814), e que posteriormente com *Ivanhoé* (1819) ele o popularizou estabelecendo suas características gerais<sup>195</sup>.

Segundo Lukács, a eleição desse gênero literário, por parte de um escritor, não se constitui apenas como uma opção estética, antes, porém, por uma decisão sensível do autor de como melhor dialogar com seus leitores, e transmitir desse modo suas impressões historicamente assimiladas da vida de seu povo. Para Lukács

O vínculo com as tradições do romance histórico clássico não é uma questão estética em sentido estrito, corporativo. Não se trata de constatarmos que Walter Scott ou Manzoni são esteticamente superiores a Heinrich Mann, por exemplo,...; trata-se antes do fato de que Scott, Manzoni, Púchkin e Liev Tolstói *apreenderam a vida do povo de maneira historicamente mais profunda*, autêntica, humana e concreta que os escritores mais significativos de nossos dias, assim como do fato de a forma clássica do romance histórico ser um modo adequado de expressão da atitude dos autores diante da vida, e o tipo clássico da

<sup>193</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec Editora, 2010, p. 110.

<sup>194</sup> ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 31.

<sup>195</sup> O romance histórico clássico segundo o estudo de György Lukács apresenta cinco características que estabelecem o paradigma do gênero: a) A época histórica resgatada está num passado mais ou menos distante do presente do autor e serve como um pano de fundo histórico para o romance; b) Neste pano de fundo é desenvolvida uma trama fictícia, inventada pelo autor, com ações e personagens fictícios que se encaixam perfeitamente na época passada reconstruída; c) Geralmente, na trama inventada, há uma história amorosa que tanto pode ter um desenlace feliz ou trágico; d) A trama fictícia ocupa o primeiro plano do romance, ela canaliza a atenção maior tanto do narrador quanto dos leitores; e) A época histórica passada é somente um contexto, melhor, um pano de fundo, embora não tenha uma importância secundária. O contexto histórico perpassa toda a obra, explicando os comportamentos dos personagens e as soluções dos conflitos. Classificação feita por: PIMENTEL, Samarkandra P. S. **Considerações acerca do romance histórico**. Revista Espéculo de Estudios Literarios de la Universidad Complutense de Madrid, 2010. Disponível em: <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero44/romanhis.html>. Acesso em 23/02/2014.

trama e a versatilidade da vida do povo como base da transformação na história<sup>196</sup>.

Erico Verissimo, portanto, ao fazer sua escolha pela forma clássica do romance histórico em *O tempo e o vento*, optou por uma estética que lhe possibilitou reconstruir o passado do Rio Grande do Sul (e do Brasil) visando esclarecer os debates de seu tempo. Partindo do passado ele procura problematizar as questões presentes de seus contemporâneos unindo história e ficção numa posição crítica.

O romance *O continente* abrange a matéria das discussões historiográficas dos anos 30-40 (ver capítulo 1) acerca da fundação do Rio Grande do Sul. Durante essa época os debates estavam polarizados entre a matriz lusitana e a matriz platina. As controvérsias foram interessantes no sentido de que permitiram o desenvolvimento de um novo olhar sobre a história gaúcha. A matriz lusitana, como já se expôs, excluía o patrimônio histórico missionário da formação do Rio Grande do Sul, enquanto a matriz platina defendia a sua influência na formação do Estado gaúcho.

Quanto a gênese do projeto de *O tempo e o vento*, Antonio Cândido afirma que o final do romance *O resto é silêncio* (1942) “ficou parecendo uma espécie de programa do romancista, uma primeira ideia ou uma primeira comunicação ao público do projeto da saga rio-grandense que havia de representar a culminação da sua obra”<sup>197</sup>. No entanto, em uma conferência proferida em 1939, indica que a semente de sua mais importante obra foi germinada na década de 1930:

Achava-me eu [...] com firme tenção de começar a escrever um massudo romance cíclico que teria o nome de *Caravana*. Seria um trabalho repousado, lento e denso a abranger duzentos anos da vida do Rio Grande. Começaria numa missão jesuítica em 1740 e terminaria em 1940. Levei a máquina de escrever portátil para a beira dum lago artificial, debaixo de copados pinheiros, decidido a escrever a primeira linha do romance-rio. [...] Silêncio. Tudo tranquilo. Tudo, menos eu. Não sei que secreta intuição me dizia que não tinha chegado a hora de escrever *Caravana*. Eu procurava me enfurnar nos longos corredores do tempo em busca da época áurea das missões, meter-me na pele

<sup>196</sup> LUKÁCS, György. *O romance histórico*, São Paulo: Boitempo, 2011, p. 403.

<sup>197</sup> CANDIDO, Antonio. Erico Verissimo de trinta a setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*, Porto Alegre: Editora Globo, 1972, p. 40.

de Padre Alonzo, uma das personagens, esquecer o avião, o rádio, todas essas engenhocas da civilização mecânica para me imbuir das imagens e ideias do século dezoito. Inútil. Através do silêncio do planalto eu ouvia o ribombo da guerra. O mundo estava em vésperas do maior morticínio da História. Vivíamos dias incertos. Para chegar até esta hora trepidante e doida eu teria de atravessar de carreta mais de duzentos anos. Era uma viagem demasiado longa para meus nervos. [...] Naquela manhã de fevereiro mantive tremenda discussão comigo mesmo. Uma parte do meu ser insistia com argumentos graves em que eu trabalhasse em *Caravana*. Mas outra parte, a mais vibrátil e nervosa, a mais combativa e inquieta, gritava pelo abandono, ao menos provisório, do romance cíclico.<sup>198</sup>

O projeto de seu romance histórico, portanto, é anterior a *Saga* (1940) e *O resto é silêncio* (1942), conforme ele corrobora em seu livro de memórias:

Quando me teria ocorrido pela primeira vez a ideia de escrever uma saga do Rio Grande do Sul? Em 1935, quando meu estado comemorou o primeiro centenário da Guerra dos Farrapos? Não sei ao certo.<sup>199</sup>

Levei dois anos para escrever esse primeiro volume [*O continente*], usando ou repelindo notas que se me haviam acumulado nas gavetas desde 1939.<sup>200</sup>

Veríssimo indica que seu interesse pela história de seu Estado estava acesso por volta de 1939, mas devido ao cenário internacional da guerra mundial sua atenção se voltou para a Europa, e por isso produziu *Saga*. Foi necessária a queda do nazismo e do Estado Novo em 1945, para que o romancista decidisse se manifestar artisticamente.

Todavia, só entrou em estado de “síndrome de romancista grávido”<sup>201</sup>, quando conseguiu vencer suas “*muitas resistências interiores*” originadas nos tempos da escola primária e ginásial. Erico Veríssimo em suas memórias afirma que desde cedo não aprendeu a amar a história de seu estado:

---

<sup>198</sup> VERÍSSIMO, Erico. **O romance de um romance**. Revista Lanterna Verde, julho-1944, p. 126-127.

<sup>199</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Op. cit**, 2005, p. 264.

<sup>200</sup> VERÍSSIMO. Erico. **Op. cit**, 2005, p. 275.

<sup>201</sup> VERÍSSIMO. Erico. **Op. cit**, 2005, p. 268.

Nossos livros escolares – feios, mal impressos em papel amarelado e ápero – nunca nos fizeram amar ou admirar o Rio Grande e sua gente. Redigidos em estilo pobre e incolor como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas. (Ganhávamos todas.) Nossos pró-homens pouco mais eram que nomes inexpressivos, debaixo de clichês apagados, em geral de retícula grossa.<sup>202</sup>

Ele refletiu, no entanto, que a história do Rio Grande deveria ser mais interessante do que os livros de história oficiais demonstravam. “*E, quanto mais examinava a nossa história*”, diz ele, “*mais convencido ficava da necessidade de desmitifica-la*”<sup>203</sup>. O projeto de *O tempo e o vento* nasceu, portanto, de uma insatisfação interior de seu autor com relação à versão oficial da história gaúcha. O interessante de sua decisão foi a de desmistificar a história através de uma obra de ficção. Daí a escolha do gênero do romance histórico, que como afirma Lukács é uma escolha consciente de um autor para melhor se expressar em suas ideias, conceitos e valores sobre a história de seu povo. Isso o levou a escrever um romance sobre as ruínas do passado sulino, a contrapelo da história oficial que lhe ensinaram.

Porém, por ocasião de seu lançamento *O tempo e o vento* “*não chegou a fazer alarde*”<sup>204</sup>, pois seu autor era associado à imagem de romancista financeiramente bem-sucedido, de atuação internacional (trabalhou nos Estados Unidos) e possuidor de boa erudição, mas com obras de pendor popular, sem muito experimentalismo literário e de pouca profundidade de conteúdo. No entanto, com o passar dos anos sua trilogia assumiu uma posição relevante na produção ficcional brasileira angariando o respeito dos críticos e dos historiadores da literatura<sup>205</sup>.

Uma voz, porém, que ainda apresenta uma disposição reservada em relação à obra de Erico Verissimo é a de Alfredo Bosi (1936), professor da Universidade de São Paulo, que aponta como

<sup>202</sup> VERISSIMO. Erico. **Op. cit.** 2005, p. 265.

<sup>203</sup> VERISSIMO. Erico. **Op. cit.** 2005, p. 265.

<sup>204</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 14.

<sup>205</sup> Tristão de Athayde, Paul Teyssier, Didier Gonzalez, Lucia Helena, José Aderaldo Castello, além dos já citados Antonio Cândido e Wilson Martins.

evidentes defeitos de fatura que mancham a prosa do romancista: repetições abusivas, incerteza na concepção de protagonistas, uso convencional da linguagem<sup>206</sup>.

Bosi também classifica a ficção de Erico Verissimo como sendo de “*romance de tensão mínima*”<sup>207</sup> entre o herói e o mundo com o qual ele se relaciona. Maria da Glória Bordini rebate essa crítica afirmando que Bosi está “*desconsiderando o evidente descompasso dos Terra-Cambará com seu entorno social*”<sup>208</sup>, isto é, desde Pedro Missionário, passando por Rodrigo Cambará e seus descendentes, Verissimo apresenta uma constante tensão entre os personagens (heróis) desse clã e seus adversários da família Amaral.

Quanto à estrutura literária de *O tempo e o vento*, percebe-se que o trabalho realizado por Erico Verissimo apresenta uma arquitetura literária impressionante. A espessura da obra (2.740 páginas), o período de tempo da narrativa (200 anos) e o número de personagens apontam para o que ele mesmo denominou de “*romance-rio*”<sup>209</sup>.

Com uma linguagem tradicional, Verissimo demonstrou-se um narrador versátil e criativo na construção do *design* de sua obra. Ele desenvolveu um romance poliédrico com um jogo temporal de grande efeito sugestivo, que consiste na intercalação de episódios cronologicamente distanciados, mas que vão se descontinuando e iluminando no desenrolar da história.

Narrado em terceira pessoa, em *O tempo e o vento*,

A linearidade do tempo natural e a planearidade do espaço físico são desafiadas constantemente pela voz narrativa, que as inverte, recorta e atravessa, retrocede e avança, detém-se, penetra consciências individuais e

---

<sup>206</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985, p. 461.

<sup>207</sup> BOSI, Alfredo. **Idem**, p. 441.

<sup>208</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. **Idem**, p. 14.

<sup>209</sup> **Romance-rio** é o que Erico Verissimo denominava de romance de grandes proporções, principalmente em número de páginas e personagens. Como exemplos, ele indica *A montanha mágica* de Thomas Mann, *Arrowsmith* de Sinclair Lewis, *Os moedeiros falsos* de André Gide, *Ulisses* de James Joyce, *Servidão humana* de W. Somerset Maugham, *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust ou *Manhattan transfer* de John dos Passos.

coletivas, retorna e se acelera, compondo um mosaico dinâmico da formação histórica do Rio Grande<sup>210</sup>.

Em *O continente* – romance que contém o episódio “A fonte” – encontra-se uma obra como uma composição acabada, não demonstrando ser a primeira parte de uma trilogia. Isso ocorre porque a vida dos personagens de cada episódio se encerra no fim de cada narrativa. Além disso, a estrutura do romance se abre e fecha dentro uma moldura – o cerco ao Sobrado durante a Revolução Federalista – que estabelece um ritmo próprio e autônomo em relação aos outros episódios do volume, que tem início, meio e fim no conjunto da história. “Ao utilizar o jogo *moldura/sequências internas* e conferir a cada uma das partes liberdade em relação às demais, o livro impõe a impressão de integridade e fechamento, de narrativa que não carece de continuação”<sup>211</sup>.

Essa moldura está narrada em sete fragmentos espalhados dentro do volume, de modo que o primeiro abre o romance e o último o encerra. Essa narrativa fracionada provoca uma quebra constante na linearidade cronológica do texto, criando desse modo, um contraponto temporal, que alimenta uma expectativa em relação ao episódio posterior.

Tanto a moldura quanto os episódios que relatam a formação do clã Terra-Cambará estão ambientados em um pano de fundo histórico, que permite narrar concomitantemente tanto a história do Rio Grande do Sul quanto a saga do clã. Erico Verissimo realizou um paralelo narrativo entre ficção-história que pode ser assim sintetizado<sup>212</sup>:

---

<sup>210</sup> BOSI, Alfredo. **Ibidem**. p. 461.

<sup>211</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. **Ibidem**, p. 29.

<sup>212</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. **Op. cit.**, p. 29.

* O continente: episódios	Saga da família Terra-Cambará	História do Rio Grande do Sul
1 <b>A fonte</b>	Nascimento e infância de <b>Pedro Missionário</b> o fundador do clã.	Tratado de Madrid (1750) Guerra Guaranítica (1750-1756)
2 <b>Ana Terra</b>	A vida de <b>Ana Terra</b> e seu envolvimento afetivo-sexual com Pedro Missionário. A morte de Pedro Missionário. O nascimento de <b>Pedro Terra</b> e a mudança de Ana e seu filho para a cidade de Santa Fé.	Imigração paulista
3 <b>Um certo capitão Rodrigo</b>	Chegada do capitão <b>Rodrigo Cambará</b> a Santa Fé e seu envolvimento amoroso com <b>Bibiana Terra</b> .	Guerra Cisplatina (1825-1828) Guerra dos Farrapos (1835-1845) Imigração alemã.
4 <b>A Teiniaguá</b>	Juventude de <b>Bolívar Cambará</b> com Luzia Silva. Nascimento de Licurgo Cambará. Vários conflitos com o clã Amaral adversário dos Terra-Cambará. Morte de Bolívar.	Guerra do Prata (1851-1852)
5 <b>A guerra</b>	Juventude de <b>Licurgo Cambará</b> e seus atritos com Bibiana e Luzia. Doença de Luzia.	Guerra do Paraguai (1864-1870)
6 <b>Ismália Caré</b>	Alforria dos escravos do Angico propriedade agrícola dos Cambará. Continuação dos conflitos com os Amaral pelo domínio político de Santa Fé.	Campanha abolicionista Campanha republicana Ascensão de Júlio de Castilhos
7 <b>O sobrado (moldura)</b>	Cerco do Sobrado (residência dos Terra-Cambará) e a derrota dos Amarais. Vitória republicana e castilhista.	Revolução Federalista (1893-1895)

Os episódios são apresentados em ordem cronológica e linear, constando no final de cada um deles um intermezzo – seis ao todo – grafados em itálico, que cumprem a função de preencher as lacunas da narração entre um episódio e outro.

O episódio “A fonte” – recorte espaço-temporal dessa pesquisa – ocupa no plano geral do romance *O continente* uma posição estrutural logo após o primeiro segmento do episódio-moldura “O sobrado”. Construído sobre as ruínas do passado riograndense, esse episódio pretendente ter um “caráter fundacional”<sup>213</sup> e inaugural da história do Rio Grande do Sul.

O episódio se encontra dividido em nove fragmentos, que Erico Verissimo organizou esteticamente em uma estrutura textual quiástica, onde as quatro primeiras partes (A,

<sup>213</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. **Op. cit.**, p. 52.

B, C, D) estão dispostas em uma forma cruzada com as quatro últimas (C', B', D', A').  
Esses fragmentos podem ser resumidos da seguinte forma:

*	Ano	Ficção	História
1	1745	<b>Conflito externo: expectativa.</b>	Presença de bandeirantes e lagunistas.
A		Padre Alonzo vê a possibilidade dos portugueses dominarem a missão.	Fundação da Colônia de Sacramento em 1680. Fundação do presídio Jesus-Maria-José em 1737 na cidade de Rio Grande.
2		<b>Conflito interno de Alonzo.</b>	
B		Padre Alonzo fica impressionado com um sonho que o atormenta.	
3		<b>Ambiente missionário: espaço físico</b>	
C		Cotidiano da missão.  Padre Alonzo descreve o ambiente da missão: plantações, estância, hospital, oficina, padaria, casa de teares, olaria e moinho.	
4		<b>Pedro: seu nascimento</b>	
D		Uma índia grávida aparece na missão e dá a luz a um menino, que Padre Alonzo batiza de Pedro.	
5	1750	<b>Ambiente missionário: espaço ideológico</b>	Tratado de Madrid de 1750.
C'		Celebração do Dia de Corpus Christi.  Padre Alonzo descreve a missão espiritual da missão: igualdade, dignidade e liberdade para todas as pessoas.	
6		<b>Conflito interno de Pedro.</b>	
B'		Pedro fica impressionado com a expressão <i>Rosa mystica</i> que ouve na missa.	
7		<b>Pedro: seu misticismo</b>	
D'		Pedro afirma que a <i>Rosa mystica</i> (Virgem Maria) é sua mãe.	
8-9	1752	<b>Conflito externo: consumação.</b>	Visita de Lope Luiz Altamirando as missões em 1752.
A'	a	Padre Alonzo assiste a destruição das missões com a dominação portuguesa.	A Espanha e Portugal declaram guerra às missões em 1753.
	1756	Os índios se rebelam e deixam a submissão que deviam aos padres e vão para a guerra contra os exércitos ibéricos.	Morte de Sepé Tiaraju em 1756.

Quanto ao seu título – *A fonte* – o substantivo feminino “fonte” vem do latim *fontis* e significa “*nascente de água*<sup>214</sup>”, e está sendo usado por Verissimo de modo figurado

<sup>214</sup> Dicionário Aurélio online: <http://www.dicionariodoaurelio.com/fonte>, acessado em 03/05/15.

como “causa, origem, princípio, causa primária de um fato”<sup>215</sup>. O artigo definido “a” determina o tipo de origem, isto é, o capítulo fixa não uma fonte qualquer, mas **a verdadeira fonte** (origem) do estado do Rio Grande do Sul.

No que se refere a questão sobre as origens do Rio Grande do Sul, Erico Verissimo assume no episódio uma posição de diálogo entre a matriz platina e a matriz lusitana. Ao eleger a região missionária como pano de fundo do primeiro episódio de seu romance histórico, e ao constituir Pedro Missionário como o personagem fundador do clã Terra Cambará, inclui na sua representação da origem histórica do Rio Grande do Sul a vertente platina sem, no entanto, excluir a lusitana, pois une Pedro Missionário com Ana Terra (configurada no romance como descendente de bandeirantes paulistas). Partindo desse ponto Erico Verissimo ofereceu a sua cosmovisão sobre a formação ético-cultural de seu Estado.

Tendo em vista os aspectos apontados ao longo deste capítulo pode-se observar que, a formação intelectual de Erico Verissimo recebeu a influência do romance histórico (clássico) de escritores como Scott, Alencar e Tolstói, de obras de grande envergadura literária (romance-rio) de autores como André Gide, Thomas Mann e John dos Passos, além da técnica do contraponto desenvolvida por Aldous Huxley. Seu relacionamento pessoal e intelectual com pensadores gaúchos como Manoelito de Ornellas e Moysés Vellinho (entre outros) o mantiveram plugado com as questões políticas e historiográficas do Rio Grande do Sul. Foi a partir desse aparato literário e historiográfico trabalhado ao longo de sua vida até os anos 40, que Erico Verissimo construiu a criação de sua trilogia *O tempo e o vento*.

De formação autodidata, desvinculado profissionalmente do aparelho de Estado comandado por Getúlio Vargas, Erico pôde construir uma abordagem estética e política peculiar em sua trilogia. Mesmo não tendo a intenção de narrar a história de sua família, a trilogia possuiu alguns elementos de cunho pessoal, pois “de alguma maneira [Erico] foi influenciado por sua tradição ao trabalhar a história do Rio Grande do Sul que conheceu”<sup>216</sup>. Relacionado a segunda geração de autores modernistas (romance de 30), Verissimo apresentou no episódio “A fonte” uma proposta conciliadora para os

<sup>215</sup> Dicionário Houaiss online da língua portuguesa: <http://www.dicio.com.br/houaiss/>, acessado em 03/05/15.

<sup>216</sup> SOUZA, Elaine Rosa de. “Gota de orvalho, na coroa dum lírio: joia do tempo”: Erico Verissimo - trajetória, obra e questões de gênero. Tese de doutorado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010, p. 139.

debates historiográficos de sua época. O próximo e último capítulo apresenta uma análise dessa proposta através das representações feita por Erico Verissimo sobre as missões jesuíticas em Sete Povos, problematizando as suas relações culturais, religiosas e políticas dessa região com a formação do Rio Grande do Sul.

## Capítulo 3

### A fonte: a “missão” na literatura

*Esta terra tem dono. Esta tierra tiene dueño. Co yvy oguereco yara.*

*Sepé Tiaraju*

Localizada a oeste do Rio Grande do Sul, Sete Povos das Missões faz fronteira com a Argentina, sendo também conhecida como “Missões Orientais”, por se encontrar a leste do rio Uruguai. Essa região se destaca no cenário da história e da historiografia sul-rio-grandense, pois aí se desenvolveu entre os séculos XVII e XVIII um processo histórico que atingiu um alto nível de complexidade política, econômica e cultural. Hoje os sinais desse desenvolvimento podem ser percebidos através de suas ruínas remanescentes, que formam um sítio arqueológico significativo e único na história do Brasil.

Essa “singular experiência colonial”<sup>217</sup> envolveu a participação da administração da Companhia de Jesus, da atuação da população Guarani<sup>218</sup> e dos governos de Espanha e Portugal<sup>219</sup>. Ela recebeu várias denominações na literatura histórica como “República Guarani”, “Estado Jesuítico do Paraguai”, “Reino Teocrático Jesuítico-Indígena dos Rios Paraná e Uruguai” e, principalmente, “Reduções dos Jesuítas e Guaranis” pela qual se tornou mais conhecida.

A prática das “reduções” se desenvolveu ao longo de 1610 a 1760, constituindo uma estratégia de dominação político-econômica em grandes áreas da América do Sul, utilizando a “conquista espiritual de povos nativos por diversas ordens religiosas

---

<sup>217</sup> DALCIN, Ignacio. **Em busca de uma terra sem males**. Porto Alegre: Edições Est & Palmarinca, 1993, p. 7.

<sup>218</sup> Quanto à *grafia dos nomes indígenas*, vou seguir a norma da **Associação Brasileira de Antropologia** (ABA): o nome dos grupos indígenas se inicie por maiúscula e que seja sem flexão de gênero e número.

<sup>219</sup> Portugal e Espanha possuem vários pontos em comum em sua história. Ambos, por exemplo, formaram as primeiras monarquias nacionais da Europa e os primeiros impérios coloniais fora dela. Para maior aprofundamento sobre as imbricadas relações entre esses países ver “A naturalização para o exercício do comércio na América dos Áustrias” de Yvone Dias Avelino, São Paulo: USP, 1972.

européias”<sup>220</sup>, em especial pela ação missionária dos padres da Companhia de Jesus<sup>221</sup>.

A palavra “redução”, por sua vez, é derivada do verbo latino *reducere* (*reducir*, em espanhol) tendo como significado *conduzir*, *convencer* e *persuadir*. Nos textos dos padres missionários a expressão “*reducti sunt*”<sup>222</sup> foi usada o sentido de centro de convivência, de socialização, de concentração. Portanto, “redução” seria o lugar onde os nativos Guarani dariam o primeiro passo para a sua inserção na civilização cristã. Nesse caso a redução jesuítica foi “*uma espécie de cacinho coletivo onde se moldam seres civilizados, um lugar cuja finalidade é sociabilizar e converter ao mesmo tempo*”<sup>223</sup>.

As comunidades missionárias, contudo, não receberam originalmente de seus contemporâneos essa denominação, sendo mais comum o uso de termos como “*doctrinas* ou *paróquias*, *pueblos* ou *aldeamentos*”<sup>224</sup> para se referir a elas. Porém, foi com a expressão “redução” com que elas passaram a ser mais conhecidas na posteridade.

Nesta dissertação deve-se entender “redução” como “pequenas vilas ou povoados onde os índios eram ‘reduzidos’ à vida sedentária”<sup>225</sup> em aldeamentos maiores dos que eles viviam, visando desse modo facilitar o recebimento de instruções que possibilitou aos Guarani passar por um processo de transformação cultural sob a perspectiva da civilização europeia.

---

<sup>220</sup> NETO, Miranda. **A utopia possível: missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767 e seu suporte econômico-ecológico.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 21.

<sup>221</sup> A **Companhia de Jesus** é uma ordem religiosa formada em 1534 em torno do padre basco Inácio de Loyola (1491-1556), e que foi posteriormente aprovada em 1540 pela bula *Regimini militantes ecclesiae* do papa Paulo III (1534-1549). Ela surgiu no contexto da crise provocada pelo movimento da Reforma Protestante (1517) liderada pelo monge Martinho Lutero (1493-1546).

<sup>222</sup> “*Ad vitam civilam et ad ecclesiam reducti sunt*” (Na tradução do autor: Trazido de volta para a igreja e para a vida cívica).

<sup>223</sup> CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. **História do Rio Grande do Sul em suas origens missionárias.** Ijuí: Editora Unijuí, 2001, p. 55.

<sup>224</sup> CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. **Idem**, p. 57.

<sup>225</sup> DALCIN, Ignacio. **Idem**, p. 7.

Desenvolvida no bojo da expansão do colonialismo ibérico, a ação missionária da Companhia de Jesus deve ser compreendida à luz desse contexto histórico, em que padres e aborígenes foram atores de um complexo processo de aculturação social, política, econômica e artística. Várias reduções foram estabelecidas na América hispano-portuguesa, contudo hoje a expressão nos remete quase que automaticamente às “*reduções jesuítico-guaranis do Paraguai*”<sup>226</sup>, em que o Paraguai aqui deve ser entendido como o “Antigo Paraguai” (também conhecido por Paraquária) que envolvia uma área territorial muito maior (Paraguai atual mais o Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai e norte da Argentina), como se percebe no mapa abaixo.

**Antigo Paraguai (Paraquária)**



<http://claudioantunesboucinha.blogspot.com.br/2008/08/no-mapa-do-paraguai-antigo-constava-o.html> Acessado em 04/01/2016.

Muitos pesquisadores têm se dedicado a escrever sobre as Reduções Jesuíticas-Guarani em geral e de Sete Povos das Missões em particular, ora enaltecendo as realizações da comunidade cristã católica da América do Sul, ora expondo as mazelas do empreendimento político-econômico de uma ordem monástica filiada à igreja romana.

<sup>226</sup> DALCIM, Ignacio. **Breve história das reduções jesuítico-guaranis**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 11-12.

O famoso botânico e explorador francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), por exemplo, que chegou à região missionária entre os anos de 1820-1821, assim descreveu seu assombro diante das ruínas de São Nicolau: “*A regularidade da aldeia... e o tamanho de seus edifícios causaram-me um sentimento de admiração e de respeito quando considerei tudo aquilo como obra de um povo semi-selvagem guiado por alguns religiosos*”<sup>227</sup>.

Neste último capítulo, portanto, pretendo analisar como Erico Verissimo entendia a utopia jesuítica e sua ação missionária junto ao povo Guarani no início da história do Rio Grande do Sul. Também intento investigar como ele dialogou com as obras da matriz platina e lusitana da historiografia gaúcha sobre o papel do índio, em especial, de Sepé Tiaraju na formação histórica sul-rio-grandense.

Almejo, com isso, responder as seguintes questões: “Como Erico Verissimo dialogou com os historiadores gaúchos (das matrizes platina e lusitana) sobre a importância da região missionária no processo de formação da história do Rio Grande do Sul?”, “Como Erico Verissimo trabalhou em sua representação a participação do povo Guarani no processo de construção do trabalho missionário?” e “Qual a compreensão de Erico Verissimo sobre a atuação de Sepé Tiaraju na história sul-rio-grandense?”.

### 3.1 Os Sete Povos das Missões

A trama do episódio se inicia com o relato de um pesadelo de Pe. Alonzo, jesuíta dedicado à catequese dos índios Guarani. “*Naquela madrugada de abril de 1745*”<sup>228</sup> Alonzo está angustiado com o que sonhou. Ele se levanta, calça suas sandálias, veste a sobretúnica, pega o rosário colocando-o no pescoço e acompanhado de seu *Livro de horas*<sup>229</sup> sai em direção ao alpendre.

---

<sup>227</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1999, p. 145.

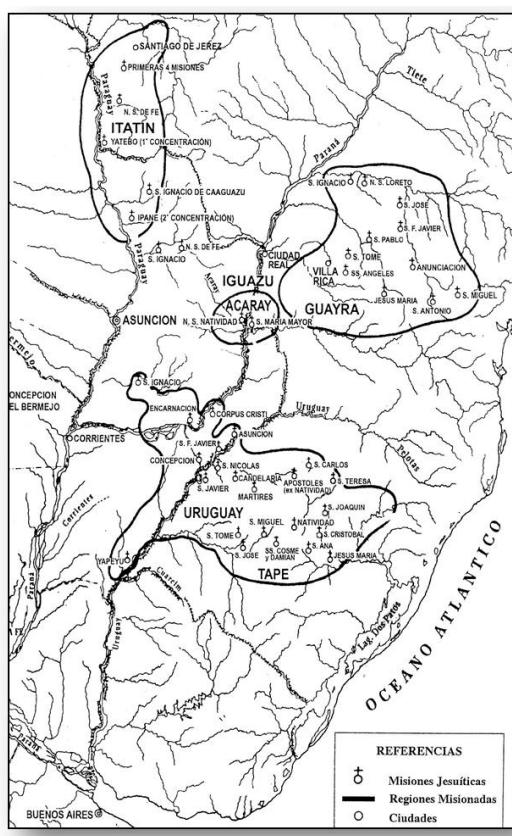
<sup>228</sup> VERRISSIMO, Erico. **O tempo e o vento: O continente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 44.

<sup>229</sup> **Livro de horas** ou **Livro das horas** ou **Livro missal** consiste em uma obra de devoção particular contendo o calendário das festas, dos santos, dos mortos, da Virgem, das orações comuns e dos salmos penitenciais.

Olhando em direção do nascente (leste), Alonzo fica tomado de um sentimento de apreensão, pois nesse rumo ficava o Continente do Rio Grande de São Pedro, território pertencente a Portugal. Ele acreditava que, “*um dia... os portugueses haveriam de fatalmente voltar seus olhos cobiçosos para os Sete Povos*”<sup>230</sup>. Com essa frase, o leitor do episódio é localizado no espaço em que os fatos serão contados, isto é, na área de Sete Povos das Missões na região do Tape.

A ação dos padres missionários se desenvolveu no território do Antigo Paraguai através de uma grande rede de missões a partir de 1609. Essa malha de reduções pode ser agrupada em quatro regiões distintas: (1) **Mesopotâmia** dos rios Paraguai-Paraná-Uruguai (atual Paraguai e norte da Argentina), (2) **Itatim** (atual sul do Mato Grosso do Sul), (3) **Guayrá** (atual Paraná) e o (4) **Tape** (atual Rio Grande do Sul).

## Complexo Missionário do Antigo Paraguai (Paraquária)



Fonte: CHAMORRO, Graciela *et al.* **Fronteiras e identidades: encontros e desencontros entre povos indígenas e missões religiosas**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2011, p. 209.

<sup>230</sup> VERISSIMO, Erico. **Idem**, p. 44.

Na verdade, a região de Sete Povos das Missões pertencia a um complexo missionário bem mais amplo conhecido por Trinta Povos das Missões com reduções no atual território da Argentina (quinze) e Paraguai (oito), além do Brasil (sete).

#### Reduções da Região de Trinta Povos das Missões

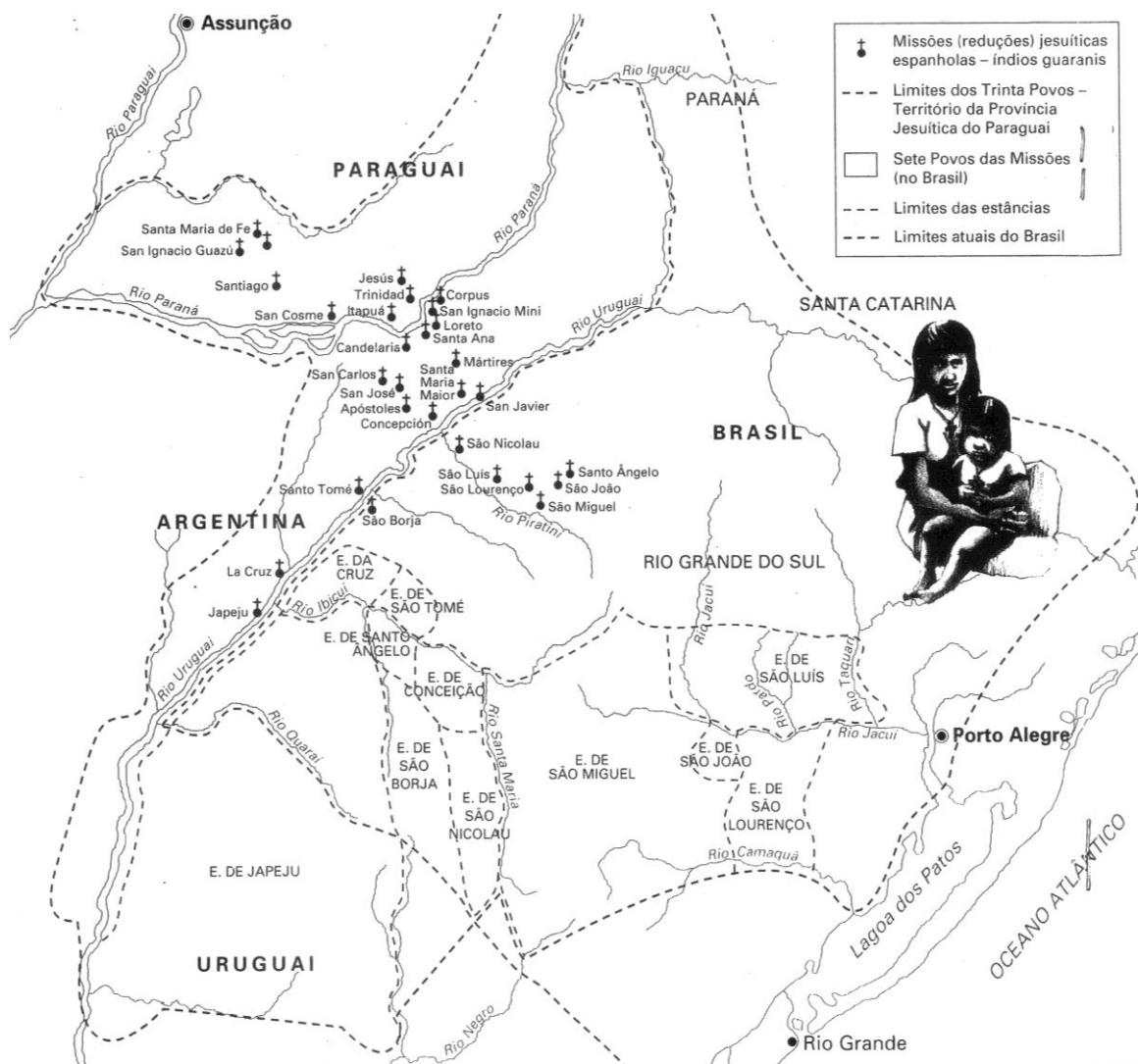
Ano	Argentina	Ano	Paraguai
1609	Nossa Senhora de Loreto	1614	Itapuã ou Encarnação
1609	Santo Inácio (Mini)	1632	Santa Maria da Fé
1620	Nossa Senhora da Conceição	1659	Santo Inácio (Guaçu)
1622	Corpus Christi	1672	San Tiago
1625	Yapeyú (Santos Reis)	1675	Jesus Maria
1625	São Francisco Xavier	1696	Santa Rosa
1631	São Carlos (Panambi)	1706	Santíssima Trindade
1633	Santa Maria Maior	1740	São Cosme (e Damião)
1637	Apóstolos (Cruz Alta)		<b>Brasil</b>
1639	São Tomé (Jaguari)	1687	São Miguel Arcanjo
1657	Santa Cruz (La Cruz)	1688	São Nicolau
1660	Sant'ana	1687	São (Francisco de) Borja
1660	São José (São Vicente do Sul)	1687	São Luiz Gonzaga
1665	Candelária	1690	São Lourenço
1704	Santos Mártires	1797	São João Batista
		1707	Santo Ângelo

Fonte: NETO, Miranda. *A utopia possível: missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 186-187. (Adaptado pelo autor).

A região do Tape se distinguiu em relação às outras por possuir uma grande estimativa populacional na época da chegada dos jesuítas, com aproximadamente 60 mil habitantes<sup>231</sup>, daí ter recebido esse nome que significa “população grande”. Ao contrário das regiões de Guayrá e Itatim, onde os jesuítas missionários geralmente recebiam populações que já haviam sofrido a ação dos bandeirantes e dos colonizadores, o Tape era uma área ainda “virgem” sendo que os padres foram seus primeiros exploradores europeus.

<sup>231</sup> DALCIM, Ignacio. **Idem**, p. 56.

## Reduções da Região de Trinta Povos das Missões



QUEVEDO, Júlio. **A guerra guaranítica**. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 16.

A primeira fase<sup>232</sup> de estabelecimento do trabalho missionário no Tapa ocorreu entre 1626 e 1641 onde foram fundadas quinze reduções: São Nicolau (1626), Candelária ou Caazapamini (1628), Assunção do Caaró (1628), São Carlos do Caapi (1631), São Tomé (1632), São Miguel Arcanjo (1632), São José (1632), Santa Tereza (1632), São Pedro e São Paulo (1633), Santa Ana (1633), Natividade (1633), São Joaquim (1633), Jesus Maria (1633), São Cosme e São Damião (1634) e São Cristóvão (1634).

<sup>232</sup> Miranda Neto em sua periodização divide a colonização missionária nas seguintes fases: a) 1609-1641: *Início da evangelização*, b) 1641-1685: *Primeira contração territorial*, c) 1685-1740: *Apogeu das missões*, d) 1740-1759: *Segunda contração territorial*, e) 1759-1810: *Fragmentação da região missionária e desagregação da sociedade Guarani*.

Todas essas reduções foram atacadas pelos bandeirantes com o objetivo de aprisionar e traficar indígenas com o apoio das autoridades portuguesas e espanholas. Alguns estudiosos apontam como a causa principal para a fácil decadência das missões jesuíticas desse período a falta de armas de fogo por parte dos missionários e dos indígenas, como também a falta de interesse do governo colonial de Asunción em protegê-los<sup>233</sup>. Com a imigração das populações missionárias para o outro lado do rio Uruguai, a região do Tape ficou abandonada sob a ação dos contrabandistas de gado.

Erico Verissimo menciona a presença dos bandeirantes através dos “*grupos de vicentistas*” (originários da cidade de São Vicente), que vinham para o sul em busca de ouro, prata e cavalos selvagens. Eles são descritos como “*demônios*”, que vinham de São Paulo para “*prear índios e emprenhar Índias*”.

Os vicentistas enchiam aquelas paragens com o tropel de seus cavalos, os tiros de seus bacamartes e seus gritos de guerra. Mas quando voltavam para São Vicente, levando suas presas e achados, o que deixavam para trás era sempre o deserto – o imenso deserto verde do Continente.<sup>234</sup>

Os bandeirantes são representados como pessoas sem uma boa índole moral, que vinham para o Continente de São Pedro apenas com o objetivo de ganhar dinheiro a qualquer custo, abrindo caminhos “*a golpes de facão e machado*”.

Através das lembranças de padre Alonzo, Verissimo representa os bandeirantes como “renegados” que, um século antes, haviam “bestialmente” destruído as reduções jesuíticas de Guairá e Itatim. Seu maior temor era ver também a destruição das reduções do Tape.

A segunda fase de estabelecimento da ação missionária no Tape ocorreu entre os anos 1682 e 1707 quando foram estabelecidas as missões que hoje chamamos de Sete Povos das Missões. Elas ocuparam um espaço geográfico bem menor do que as reduções da primeira fase.

---

<sup>233</sup> FURLOG, Guilhermo. **Misiones e sus pueblos de guaranis**. Buenos Aires: Balmes, 1962, p. 78-79.

<sup>234</sup> VERISSIMO, Erico. **Ibidem**, p. 45.

Ignacio Dalcim indica as seguintes razões para o retorno da ocupação da região do Tape pela obra jesuítica:

Com o passar dos anos, (1) a superpopulação de algumas reduções, (2) a necessidade de defender a terra, com seus ervais e estâncias de gado – ao mesmo tempo correspondendo aos planos da colonização espanhola segundo os princípios do *uti possedetis* –, levaram os antigos moradores do Tape a decidir voltar ao pago.<sup>235</sup>

O *uti possedetis* corresponde a um princípio de direito internacional em que aquele que ocupa um território o possui por direito (*uti possidetis, ita possideatis*, isto é, “como possuís, assim possuais”). Esse princípio autoriza, por exemplo, a reivindicar um território adquirido em uma guerra. Desse modo, quem chegava primeiro recebia o direito de posse do pago<sup>236</sup>. Posteriormente quando o Tratado de Madrid foi assinado em 1750, foi com base nesse princípio que os diplomatas portugueses redefiniram as fronteiras coloniais fixadas com o Tratado de Tordesilhas em 1493.

Considerado o “último reduto do mapa brasileiro, grudado no Uruguai e Argentina”<sup>237</sup> a região de Sete Povos se caracteriza por um processo histórico peculiar na história do Brasil, pois foi uma terra primeiramente castelhana que depois seria anexada à Província de São Pedro (O *continente*, de Erico Verissimo) formando posteriormente o Rio Grande do Sul. Essa terra onde o inverno rigoroso cobre seus campos de geada viu se desenvolver uma experiência histórica peculiar no campo religioso, econômico e artístico-cultural.

Foram estabelecidas sete reduções na região do Tape nessa fase:

a) **São Nicolau** (1626 # 1688)

Foi a primeira redução a ser fundada no Tape pelo padre Roque González de Santa Cruz, mas foi abandonada em 1637 por causa dos ataques dos bandeirantes

---

<sup>235</sup> DALCIM, Ignacio. *Ibidem*, p. 80.

<sup>236</sup> **Pago** – espanhol/português – lugar onde se nasceu. Como o gaúcho original era um nativo descendente de imigrantes e não pretendia deixar seu solo em hipótese alguma, o termo também designa, genericamente, a região da Campanha sul-rio-grandense.

<sup>237</sup> DALCIM, Ignacio. *Op. cit.*, p. 82.

(vicentistas). Em 1688 voltou a ser povoada chegando a ter em 1754 cerca de setecentas casas.

São Nicolau foi uma das reduções que mais resistiram à ideia de deixar o solo gaúcho por ocasião do cumprimento do Tratado de Madri de 1750. Em 1768, quando da saída dos jesuítas, a população era de 4.194 habitantes... além dos rebanhos de ovelhas, ervais, algodoais [e] 13 mil cabeças de gado.<sup>238</sup>

Pouca coisa restou de sua estrutura arquitetônica como restos de muros e um piso coberto. Sua riqueza cultural está dispersa em museus e coleções particulares.

#### b) São Miguel Arcanjo (1632 # 1687)

É a mais famosa das reduções do Tape principalmente por causa de sua igreja e por ter sido a terra de Sepé Tiaraju, líder da Guerra Guaranítica. Ela foi fundada pelos padres Cristóvão de Mendoza e Paulo Benavides. Com as invasões bandeirantes entre 1630 e 1641, a redução foi transferida para a outra margem do rio Uruguai, voltando a ser repovoada a partir de 1687.

A construção de sua igreja foi dirigida pelo padre e arquiteto italiano Giovanni Battista Primoli (1673-1747) a partir de 1731. Ele foi “sem dúvida, o arquiteto... responsável pela europeização da estética arquitetônica das Missões”<sup>239</sup>.

O templo media 73 metros de comprimento por 27 de largura, com muros de até dois metros de espessura. A igreja era de três naves, com cinco altares de talha dourada e excelentes pinturas. Ao entrar na parte principal, via-se à direita a capela com seu altar e sua pia batismal, sendo a bacia de barro produzido na cerâmica dos padres, instalada a quatro quilômetros dali. Desta magnífica construção hoje restam as paredes, o frontal e parte da torre, onde havia seis sinos.<sup>240</sup>

---

<sup>238</sup> DALCIM, Ignacio. **Op. cit.**, p. 84-85.

<sup>239</sup> ESCRIVÁ, José María Plaza. **São Miguel das Missões: arte e cultura dos Sete Povos**. São Leopoldo: Editora UNISINOS e Porto Alegre: Delphi, 2011, p.18.

<sup>240</sup> DALCIM, Ignacio. **Op. cit.**, p. 86.

As ruínas de São Miguel Arcanjo atraem milhares de turistas anualmente e acabou se tornando a imagem mais conhecida de Sete Povos das Missões.

**c) São Francisco de Borja (1687)**

Não existe concordância entre os historiadores sobre a data exata da fundação dessa redução. Aurélio Porto declara que ela é a mais antiga das reduções de Sete Povos<sup>241</sup>. Estudos de Moací Sempé indicam aproximadamente o ano de 1687<sup>242</sup> como o da transmigração dos índios da margem direita para a margem esquerda do rio Uruguai.

O primeiro pároco dessa redução foi Francisco Garcia e a construção de sua igreja começou a partir de 1706 sob a orientação de Giuseppe Brazanelli (1659-1728) um importante pintor, arquiteto e escultor italiano. Ela tinha 66 metros de comprimento por 22 de largura e foi erigida quase que totalmente de pedra.

**d) São Luiz Gonzaga (1687)**

Fundada e organizada pelo padre Miguel Fernández com os descendentes das primitivas reduções de Jesus Maria, Visitação e Santos Apóstolos, essa redução possuiu o maior colégio de Sete Povos. Também foi significativa sua escola de música que possuía violinos, harpas e até um órgão que dão uma ideia de sua importância.

Sua igreja (1706) media 66 metros de comprimento por 22 de largura, com frontispício contendo frisos e molduras de pedras brancas e vermelhas. O altar-mor era idêntico ao da Igreja de São Miguel. Hoje suas ruínas são formadas apenas por pequenos muros e amontoados de pedras.

**e) São Lourenço (1690)**

Foi fundada pelo padre Bernardo de la Veja com famílias advindas da redução de Santa Maria a Maior do outro lado do rio Uruguai. Destacou-se como um centro cultural importante tendo sua igreja construída com pedras. Hoje, porém, nada sobrou de sua arquitetura. Chegou a ter um rebanho de gado com cerca de 40 mil cabeças, mas que com o tempo foi reduzido a quatro mil reses.

**f) São João Batista (1697)**

---

<sup>241</sup> DALCIN, Ignacio. **Ibidem**, p. 59.

<sup>242</sup> SEMPÉ, Moací. São Francisco de Borja, o primeiro de Sete Povos, in **Anais IV SNEM**, Santa Rosa, 1981, p. 101.

A redução foi fundada pelo padre austríaco Anton Sepp von Rechegg (1665-1733) mais conhecido como Antônio Sepp. Com o crescimento populacional da redução de São Miguel esse padre e outros sob sua liderança resolveram organizar uma nova missão na margem esquerda do rio Ijuí.

Antônio Sepp foi um polímata multitalentoso, revelando-se hábil como arquiteto, pintor, urbanista, escultor, geólogo, minerador e fabricante de instrumentos musicais. Além disso, deixou um livro com relatos de suas experiências como missionário intitulado *Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos*, usado hoje como importante fonte de pesquisa histórica.

Essa redução ficou conhecida por sua qualidade musical e sua fundição de ferro, a primeira a surgir no solo sul-rio-grandense. Isso evidencia um desenvolvimento tecnológico melhor das missões nesse setor se compararmos com a América Portuguesa.

Sua igreja começou a ser levantada a partir de 1708 e recebeu a seguinte descrição de Antônio Sepp:

Digno de ser visto em minha igreja é sem dúvida também o enorme candelabro octogonal, dependurado no lugar da lâmparina, junto à grade do presbitério. Está dividido em 32 candelabros menores, em tamanho crescente... Esta iluminação confere ao templo admirável esplendor e majestade, fomentando a devoção... A igreja está pintada a diferentes cores. Pelas colunas entrelaçam-se, não sem elegância, cachos de uva e ramos de flores, como heras. Veem-se dependurados nas paredes quadros de diversos santos. Nem tão pouco se esqueceram gravuras das horríveis chamas do inferno, para conservar os índios no santo temor de Deus e afasta-los do pecado.<sup>243</sup>

Essa entusiástica descrição nos apresenta a imagem de uma linda igreja construída com um sólido planejamento. Infelizmente essa redução entrou em decadência logo após a saída dos jesuítas, tornando posteriormente um Patrimônio Nacional em 1970.

### g) Santo Ângelo (1707)

---

<sup>243</sup> SEPP, Antônio. *Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980, p. 238.

Essa última redução foi fundada pelo padre Jacques de Haze e com o passar dos anos ela se tornou uma das mais prósperas economicamente devido ao cultivo de erva-mate. A redução também reuniu artistas importantes em sua escola de pintura e escultura. Depois da cessão a Portugal em 1750 pelo Tratado de Madrid, a redução sofreu o mesmo processo de decadência das demais.

A população geral dos Sete Povos das Missões, sempre se manteve em torno de 30 mil habitantes, porém após a Guerra Guaranítica (1756) ficou bastante reduzida. Com a expulsão dos jesuítas em 1768, essa população era de 17.633 pessoas, e após 1801, estava reduzida a 10.267<sup>244</sup>. A tabela abaixo demonstra o desenvolvimento da população de Sete Povos durante a primeira metade do século XVIII, período correspondente ao seu apogeu.

Sete Povos das Missões					
Fundação Restauração	Nome	População (1708)	População (1735)	População (1745)	População (1753)
1626 # 1688	São Nicolau	5.833	6.594	3.530	4.724
1632 # 1687	São Miguel Arcanjo	3.188	4.073	6.675	6.229
1687	São (Francisco de) Borja	2.897	3.277	3.924	3.232
1687	São Luiz Gonzaga	4.922	4.689	2.968	3.783
1690	São Lourenço	4.640	4.548	1.963	2.091
1697	São João Batista	3.434	5.729	2.925	3.892
1707	Santo Ângelo	3.074	4.557	4.828	5.417
*	<b>Total</b>	<b>27.988</b>	<b>33.467</b>	<b>26.813</b>	<b>29.368</b>

Fonte: NETO, Miranda. *A utopia possível: missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 186-187 (Adaptado pelo autor).

Erico Verissimo iniciou seu episódio dialogando com a matriz platina, dando desse modo uma relevância especial ao trabalho das missões jesuíticas. Porém, logo se percebe que ele introduziu um elemento significativo da corrente lusitana em sua narrativa: a fundação de “um presídio militar” na cidade de Rio Grande em 1737.

O governo português resolvera então povoar o Rio Grande de São Pedro, a fim de facilitar as comunicações entre Laguna e Sacramento, bem como para

<sup>244</sup> DALCIM, Ignacio. *Op. cit.*, p. 90.

garantir a posse deste último estabelecimento. [...] E o fato de os portugueses haverem fundado em 1737 **um presídio militar** no Rio Grande indicava que estavam decididos a tomar posse definitiva do Rio Grande de São Pedro<sup>245</sup> (Grifo do autor).

Com essa indicação, Veríssimo está dialogando com a matriz lusitana da historiografia gaúcha, que afirma categoricamente ser essa a “verdadeira” origem oficial dos sul-rio-grandenses.

Nem tudo, porém, se fizera em vão. O malogro do estabelecimento de uma base em Montevidéu, com o objetivo de dar calor, como então se dizia, à Colônia de Sacramento, levou os portugueses, em 1737, sob o comando de Silva Pais, a se fixarem sessenta léguas acima, sobre a embocadura da Lagoa dos Patos, à mão direita do sangradouro que dois séculos antes Pero Lopes de Souza, da expedição de Martim Afonso, confundira com um rio, batizando-o com o nome de Rio Grande de São Pedro. Ali foi assentada a fortaleza de Jesus-Maria-José. **Era a posse oficial da nova circunscrição** já virtualmente incorporada, sob a vaga designação de Capitania d’El-Rei, ao complexo colonial luso-brasileiro<sup>246</sup> (Grifo do autor).

O Forte Jesus-Maria-José localizado na margem direita da barra do rio Grande (Lagoa dos Patos) foi o núcleo da cidade de Rio Grande no primitivo litoral sul-rio-grandense. Ele foi fundado pelo engenheiro militar José da Silva Paes (1679-1760), em 19 de fevereiro de 1737, e se destinava a servir de alojamento às tropas da expedição do coronel Cristóvão Pereira de Abreu (1678-1755), importante criador de gado.

Esse forte era um presídio (colônia militar) acabou se constituindo no primeiro núcleo da Colônia do Rio Grande de São Pedro. A escolha de seu local de fundação e colonização permitia apoiar a comunicação por terra entre Laguna e a Colônia de Sacramento, bem como servir de ancoradouro apropriado para as comunicações marítimas. Para a matriz lusitana a fundação dessa fortaleza constitui o marco fundador

---

<sup>245</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 45.

<sup>246</sup> VELLINHO, Moysés. **Capitania d’El-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense**. Porto Alegre: Editora Globo, 2<sup>a</sup> edição, 1970, p. 41.

do Rio Grande do Sul. “*Era a posse oficial da nova circunscrição*” no dizer de Moysés Vellinho no texto acima.

### **3.2 *Ad majorem Dei gloriam***

O trabalho reducional dos jesuítas sempre despertou a atenção de estudiosos dilettantes e de pesquisadores profissionais. Segundo Ignacio Dalcim, as obras de interpretação da atuação missionária podem ser reunidas em quatro fases<sup>247</sup>:

#### **a) Iluminista**

Essa fase foi influenciada pelo enciclopedismo francês e culminou com a ideia do “bom selvagem”. Os iluministas viram a experiência reducional como uma tentativa de implantar um regime social justo com a fraternidade e a socialização dos bens materiais. Como exemplo, pode-se citar o filósofo e historiador italiano Ludovico Antonio Muratori (1672-1750) com sua obra *O cristianismo feliz nas missões jesuíticas* (1743). Para ele o trabalho missionário foi um ensaio bem sucedido com o objetivo de concretizar o estilo cristão do livro bíblico de Atos nos capítulos 2 e 4.

Muratori afirma que “*ninguém, a não ser quem vai ao Paraguai, pode compreender qual é o respeito e o amor que esses índios têm para com seus piedosos missionários da Companhia de Jesus*”<sup>248</sup>. O problema dessa firmação está em que a maioria dos autores dessa fase jamais pisou em uma redução, inclusive o próprio Muratori. Suas pesquisas normalmente se baseavam em fontes exclusivamente jesuíticas, que apresentavam a atividade reducional como uma experiência cristã edificante.

#### **b) Romântico**

Nessa fase a historiografia vê nas missões jesuíticas uma tentativa de implantar na realidade as teorias utopistas da Antiguidade e do Renascimento como *A república de Platão* (428-437 a.C.); *A utopia*, de Thomas More (1478-1535); *A Nova Atlântida*, de Francis Bacon (1561-1626) ou *A cidade do sol*, de Tommaso Campanella (1568-1639).

---

<sup>247</sup> DALCIM, Ignacio. **Op. cit.**, p. 146-148.

<sup>248</sup> MURATORI, Ludovico Antonio. **O cristianismo feliz nas missões jesuíticas**. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom Bosco, 1993, p.162.

Dentro dessa linha de interpretação temos François René de Chateaubriand (1768-1848) com seu livro *O gênio do cristianismo* (1802), Fritz Hochwälter (1911-1986) com sua peça de teatro *O sacro experimento* (1941) e o filme *A missão* (1986) de Roland Joffé (1945). Nessas obras o desprendimento cristão dos jesuítas conseguiu construir uma sociedade plena de igualdade entre seus membros. Em seu livro Chateaubriand defende os princípios do cristianismo diante dos ataques dos pensadores iluministas que lhe eram hostis. Hochwälter em sua peça trata da expulsão dos jesuítas do Paraguai e a derrocada do Estado divino entre o povo Guarani. Em seu filme Joffé apresenta a falta de sensibilidade tanto de portugueses quanto de espanhóis durante a execução do Tratado de Madrid, demonstrando que não havia espaço nesse mundo para o trabalho cristão-igualitário ali desenvolvido pelos padres jesuítas.

#### c) Socialista

Por sua vez, essa tendência tem por base a interpretação marxista e seu maior representante é Clovis Lugon (1907-1991) com sua obra *A república “comunista” cristã dos guaranis* (1949). Conhecido como o vigário vermelho, Lugon afirmava que a República Guarani era comunista demais para os cristãos burgueses e cristã demais para os comunistas da época burguesa, colocando-a, portanto em um lugar de esquecimento e ocultação. Segundo ele,

Esse Estado índio respondia às exigências democráticas mais modernas, visto que, longe de formar uma massa oprimida por funcionários todo-poderosos, os cidadãos não viam suas liberdades entravadas senão na medida em que o interesse geral o exigisse; nessa república, o funcionário indígena livremente escolhido era apenas um órgão da prosperidade pública, privado de preocupações egoísticas<sup>249</sup>.

#### d) Antropológico

A partir dos anos 1970, com a possibilidade de uma iminente extinção dos índios da Amazônia divulgada pelos antropólogos, o tema das reduções jesuíticas foi colocado no centro das discussões acadêmicas e políticas. Daí que a atual fase de interpretação da obra missionária tem por objetivo procurar entender a “visão dos vencidos”, isto é,

<sup>249</sup> LUGON, Clovis. *A república “comunista” cristã dos guaranis: 1610-1768*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 87.

dos indígenas. O que interessa é dialogar com a cultura dos nativos procurando respeitar seus costumes.

Um dos representantes dessa interpretação é Paulo Suess (1938), teólogo alemão radicado no Brasil que afirma que “*somente são aceitáveis aquelas missões que se propuserem a um papel libertador do índio, ou seja: de respeito à cultura indígena*”<sup>250</sup>, que não usurpem suas terras e o fruto de seu trabalho.

Na historiografia brasileira, por sua vez, o grande debate sobre a obra reducional ocorreu ao longo das décadas de 30 e 40 entre a obra de Moysés Vellinho (matriz lusitana) e a de Manoelito de Ornellas (matriz platina). Erico Verissimo, como já se viu não se demonstrou distante ou alheio a esse debate, pois ao criar sua trilogia sobre a história do Rio Grande do Sul, a inicia em uma missão jesuítica. Desse modo o episódio *A fonte* ocupa não apenas uma posição de abertura em seu romance histórico, mas também o seu posicionamento artístico-literário sobre as questões historiográficas referentes à região missionária.

A trama do enredo de *A fonte* não foi construída com rocambolescas intrigas ou ricos e elaborados acontecimentos. Verissimo procurou investir seu gênio criativo na descrição dos espaços sociais e na paisagem cultural em que eles se desenvolveram. A sintaxe do episódio foi executada focando “*as imagens dos lugares e seus habitantes, com suas proporções, mobilidade, perspectivas, colorido... compensando a escassez da ação e o excesso de informações que poderiam afugentar o leitor*”<sup>251</sup>. Portanto, o objetivo central deste último capítulo não é analisar todas as filigranas que compõem o episódio *A fonte*, mas sim, focar no exame das principais perspectivas da representação verissiana sobre a região missionária e suas vinculações com o debate historiográfico entre a matriz platina e a matriz lusitana.

O personagem principal na apresentação da paisagem cultural e social da redução de *A fonte* é padre Alonzo, que proporciona ao leitor uma típica visão europeia

---

<sup>250</sup> DALCIM, Ignacio. **Op. cit.**, p. 148.

<sup>251</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 53.

setecentista ilustrada “que espera do espaço conquistado nas Américas o consolo que o solo da metrópole não pode lhe oferecer”<sup>252</sup> por estar esgotado.

Padre Alonzo aparece logo na primeira linha do episódio, desperto por suas preocupações em uma madrugada de 1745. Nascido em Pamplona, na Espanha, havia chegado recentemente a Sete Povos para servir de companheiro ao cura da missão. Porém, é assaltado regularmente por sonhos perturbadores causados pelas reminiscências de sua vida amorosa desregrada na juventude. Ele se apaixonara por uma mulher casada, e havia planejado matar seu marido – Pedro Menéndez Palacio. Mas, por uma ironia do destino, fica sabendo que ele havia morrido minutos antes de sua chegada para o duelo que pretendia realizar.

Mesmo não tendo concretizado o seu intuito, Alonzo se sentiu culpado pela morte de seu rival. Procurando o padre confessor de sua família, ele encontra conforto ao descobrir o caminho que leva a Deus. Sua vida, segundo Alonzo, só começou realmente naquele momento quando saiu do confessionário e decidiu entrar para a Companhia de Jesus. A partir de então ele só pedia “a Nossa Senhor a graça de não ser surdo a seu chamado, mas pronto e diligente para cumprir sua santíssima vontade”<sup>253</sup>. E foi com esse personagem angustiado, mas convicto de sua missão religiosa, que Erico Verissimo nos apresentou a vida reducional em Sete Povos das Missões.

Sob a ótica de Pe. Alonzo, a paisagem reducional é apresentada como um lugar naturalmente agradável:

Alonzo gostava da paisagem ao redor da redução. Não era trágica como a de certas regiões de Espanha, nem cruel como a dos trópicos. Era pura de linhas e cores - coxilhas verdes recobertas de macegas cor de palha e manchadas aqui e ali dum caponete; por cima de tudo, um céu azul onde não raro boiavam nuvens. Era simples e ingênuas, dir-se-ia pintada em aquarela pela mão duma criança.<sup>254</sup>

---

<sup>252</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN. Regina. **Idem**, p. 55.

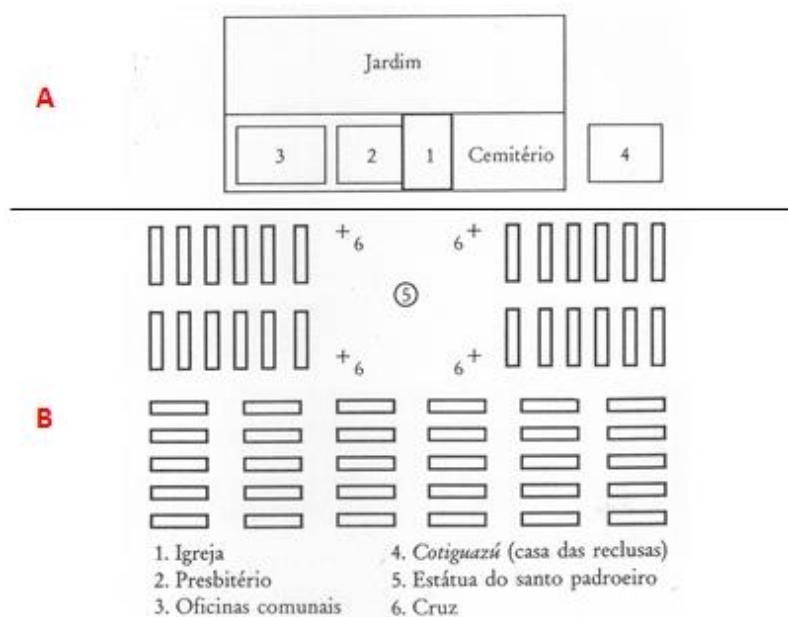
<sup>253</sup> LOYOLA, Inácio. **Exercícios espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 49.

<sup>254</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 53.

Nesse cenário idílico surgem os elementos da organização urbana jesuítico-guarani: “*Plantações... estância... hospital... oficina... padaria... casa dos teares... olaria e o moinho*”<sup>255</sup>. Através desses elementos da paisagem urbana da redução se tem um contraste entre a natureza pura do meio ambiente de um lado e as realizações da “*civilização missionária*” desenvolvida pelos jesuítas do outro.

A tipologia urbana missionária era estruturada a partir de um traçado viário de duas ruas principais que se encontravam no epicentro de uma praça, formando desse modo uma cruz (linhas vermelhas do quadro abaixo) e por conjuntos fundamentais de construções no entorno da grande praça.

#### Tipologia Urbana Missionária



Fonte: [www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/05/As-Miss%C3%B5es-Jesu%C3%ADticas-Arquitetura-e-Urbanismo.pdf](http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/05/As-Miss%C3%B5es-Jesu%C3%ADticas-Arquitetura-e-Urbanismo.pdf).  
Acessado em 06/02/2016 (Adaptado pelo autor).

O primeiro conjunto (letra A no quadro) era formado por um bloco de edificações, em que a principal é a igreja ao centro, vindo depois o cemitério, a escola, o alojamento dos padres, as oficinas de trabalho artesanal e o *cotiguazu* (casa das viúvas e dos órfãos). “*Circundando-os, o jardim, o pomar e a horta garantiam as flores, os frutos, as*

<sup>255</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 53, 54 e 55.

*verduras e os medicamentos que mantinham a qualidade de vida dos habitantes da missão... Edifícios públicos como o Cabildo [lugar de reuniões do Conselho de Caciques], os depósitos de alimentos..., o paiol de armas e as enfermarias – uma para homens e outra para mulheres – completavam as principais e maiores construções da área central da redução*<sup>256</sup>. Era uma estrutura fechada, onde se destacava a igreja, que se constituía o coração da vida reducional.

O segundo conjunto (letra B no quadro) era estruturado a partir da praça e das ruas principais, de onde se formavam grandes pavilhões avarandados perpendicularmente distribuídos com as habitações indígenas. A praça se constituía em um “*local de festas, desfiles militares e torneios convocados para os dias santos especiais*”<sup>257</sup>. Diferente do primeiro conjunto, esse possuía uma estrutura aberta rodeadas de galerias. Essa organização urbana denota uma sociedade bem organizada, produtiva e espiritual elevada.

Nesse ambiente idílico, aparentemente se veem a realização das utopias que pretendiam desenvolver uma sociedade ideal, justa e igualitária. Uma economia coletivista, com uma administração justa, honesta e socialmente igualitária. A religião cristã sob a ótica católica é a base dessa sociedade, que une as virtudes dessa espiritualidade com a operosidade militar jesuítica.

Ainda sob o ponto de vista de padre Alonzo, Veríssimo apresenta o ambiente administrativo da missão como sendo de um alto padrão moral buscando a igualdade, a democracia e o bem estar da coletividade:

Alonzo nunca deixava de elogiar a organização das reduções, que, à maneira das povoações espanholas, era governada por um cabildo, para o qual os índios escolhiam em eleições anuais o corregedor - a autoridade máxima – os regedores, os alcaides, o aguazil-mor, um procurador e um secretário. Contava-lhes também como os indígenas aprendiam, através de lições práticas e vivas, que o indivíduo pouco ou nada vale fora da coletividade a que pertence. Toda a produção das lavouras e estâncias de gado das reduções pertencia à comunidade, e os bens de consumo eram distribuídos igualmente entre todos. A gente dos Sete Povos não conhecia nenhuma moeda, pois ali vigorava um regime de permutas. Do dinheiro apurado na venda de erva-mate

---

<sup>256</sup> NETO, Miranda. **Idem**, p. 68.

<sup>257</sup> NETO, Miranda. **Ibidem**, p. 67.

e outros produtos que exportava para o rio da Prata, pagava impostos ao rei de Espanha, sendo o resto empregado na compra de instrumentos de trabalho, alfaias e outros objetos para as igrejas. O que sobrava era finalmente remetido aos cofres da Sociedade de Jesus, em Roma.<sup>258</sup>

Além desse ambiente político-administrativo saudável, Pe. Alonzo também descreve a missão como tendo uma atmosfera social moralmente respeitável:

Os índios das reduções vivem hoje mais cristãamente que muitos brancos de Pamplona, Madri ou Lisboa. Estão já redimidos do feio pecado da promiscuidade, pois todos se casam de acordo com as leis da Igreja e guardam o sexto mandamento; temem a Deus, são batizados e fazem batizar os filhos; no leito de morte nunca deixam de receber o Viático; e quando morrem são encomendados e finalmente enterrados em campo santo.<sup>259</sup>

No entanto, em sua narrativa, Erico Verissimo não deixa de apontar para a exploração da mão de obra indígena feita pelos jesuítas para o benefício da Coroa espanhola e da própria ordem, quando descreve o início de um dia no cotidiano da vida missionária:

Às oito horas os índios que trabalhavam nas plantações e na estância reuniram-se como de costume na frente da igreja e padre Alonzo fez-lhes uma pequena preleção. Disse-lhes que se colhessem muito trigo, teriam muita farinha; se tivessem muita farinha dariam serviço ao moinho; se o moinho trabalhasse, os padeiros poderiam fazer muito pão; e se todos tivessem muito pão, ficariam bem alimentados; e se ficassem bem alimentados Deus se sentiria feliz. Acrescentou que naquele ano precisavam exportar mais erva-mate e algodão para Buenos Aires, pois quanto mais coisas exportassem mais dinheiro teriam, **não só para pagar os dízimos ao rei de Espanha**, como também para comprar remédios, instrumentos e - oh! sim - mais **coisas belas para a igreja: cálices, cruzes, castiçais...**<sup>260</sup> (Grifo do autor).

---

<sup>258</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 55-56.

<sup>259</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 56.

<sup>260</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 53.

No que se refere ao trabalho das missões, Moysés Vellinho reconhece a sua importância ao afirmar que “não é possível ignorar sem grave injustiça a tremenda luta que os inacianos moveram em favor dos índios e contra a relaxação dos costumes entre os cristãos”<sup>261</sup>. Porém, nega que a intenção dos jesuítas fosse civilizar os indígenas pela catequese; antes, sim, foi com intenções políticas e econômicas que trabalharam. Para ele “tudo leva a supor que a Companhia de Jesus chegou a alimentar com tenacidade o propósito de construir, no âmago do Novo Mundo,..., um império próprio – o seu império”<sup>262</sup>.

Manoelito de Ornellas, no entanto, se posicionou em favor do trabalho da Companhia de Jesus assegurando que ela “acolhia em suas fileiras, na época da conquista, homens de todas as nacionalidades, unidos pela Fé comum e impulsionados pelo mesmo sentimento de solidariedade cristã”<sup>263</sup>. Com esse espírito de desprendimento ensinavam aos índios ofícios mecânicos e artes musicais.

Dando continuidade a sua representação de uma redução jesuítica, Erico Verissimo oferece um destaque a sua “paisagem sonora”<sup>264</sup>, demonstrando a importância que a música desempenhou na vida cotidiana das missões. Em sua narrativa se percebe que a vida local estava embebida de música tanto sacra quanto secular. Esta descrição de Erico Verissimo encontra eco na documentação daquela época, como se pode perceber pela leitura do livro do padre Antônio Sepp, jesuíta que viveu em Sete Povos a partir de 1691:

Na colônia de São João Batista, recentemente fundada, há um rapaz de seus doze anos, que toca com dedo firme sonatas, alemandes, sarabandas, correntas e baletos e outras muitas peças compostas pelos insignes maestros europeus. [...] Prelúdios que fazem suar o organista mais hábil, devido à

---

<sup>261</sup> VELLINHO, Moysés. **Idem**, p. 53.

<sup>262</sup> VELLINHO, Moysés. **Ibidem**, p. 54.

<sup>263</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Gaúchos e beduínos: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 102.

<sup>264</sup> Paisagem sonora é o “conjunto de sons, musicais ou não, que fazem parte da caracterização de um lugar determinado”. Para maior aprofundamento no tema ver: “A afinação do mundo” de R. Murray Schafer, São Paulo: UNESP, 2012.

concentração que exigem, o meu rapazito os toca na cítara davídica ou harpa, com sorriso nos lábios.<sup>265</sup>

No texto de padre Sepp, nota-se uma rica paisagem musical não só pelos estilos, mas também de destreza por parte de seus instrumentistas. Mesmo com o fim da experiência jesuítica nos aldeamentos da região de Sete Povos das Missões, o pendor musical dos índios Guarani se manteve. Como se percebe pelo texto do explorar Auguste de Saint-Hilaire, que visitou a redução de São Borja em 1821:

Fui hoje à missa durante a qual alguns meninos cantaram árias portuguesas, com voz muito boa e muita afinação. Os jesuítas, como os antigos legisladores, serviam-se da música para abrandar os costumes dos guaranis e para cativá-los. [...] Após o desaparecimento dos Jesuítas, o amor à música persistiu entre os guaranis, por assim dizer – sem mestres. E a aprendizagem da música tornou-os também soldados, como outrora fê-los cristãos.<sup>266</sup>

O registro de Saint-Hilaire evidencia que a região sul-rio-grandense as vésperas da independência política do Brasil ainda estava sob a influência do legado cultural missionário.

Padre Alonzo, em *A fonte*, entre outras atividades era professor de música, e é em suas aulas que se manifestam as mais importantes reflexões a respeito da música produzida em sua redução:

Entardecia e padre Alonzo terminava sua aula de música. Um dos estudantes tocara ao órgão, havia pouco, um prelúdio. Depois um grupo de instrumentos de arco executara uma sarabanda, e agora o índio Rafael ali estava a tocar na sua flauta a pavana dum compositor italiano. Junto da janela, Alonzo escutava. Havia no rosto do índio uma inefável expressão de tristeza - mas uma tristeza de imagem asiática - lustrosa, fixa, oblíqua. Parado no meio da sala, de sobrancelhas erguidas, testa pregueada, olhos fechados, ele soprava na flauta, como que esquecido do mundo.

---

<sup>265</sup> SEPP, Antônio. **Idem**, p. 247.

<sup>266</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Idem**, p. 126.

E a voz queixosa do instrumento parecia contar uma história. A melodia ora se desenrolava no ar como uma fita ondulante - e Alonzo tinha a impressão de ver a linha sonora escapar-se pela janela, avançar campo em fora, acompanhando docemente a curva das coxilhas - ora parecia um lento arabesco noturno. E aquela pavana, composta por um remoto compositor europeu e tocada por aquele índio missionário, despertava em Alonzo recordações também remotas.

[...]

Aqueles índios amavam a música. E com que talento a interpretavam! Que ouvido privilegiado tinham! Havia na redução excelentes organistas, harpistas, corneteiros e cravistas. Tocavam composições difíceis, e até trechos de ópera italiana. Os instrumentos em sua maioria eram fabricados na redução pelos próprios índios, dirigidos pelos padres.<sup>267</sup>

Essa descrição de Erico Verissimo sobre o ambiente musical das reduções jesuíticas tem o respaldo do testemunho da documentação da época (padre Ripario, 1637): “*Muitos [indígenas] já sabem muito bem compor música. Podem rivalizar com famosos compositores da Europa*”<sup>268</sup>.

Além da dimensão cultural da música produzida na zona reducional, Verissimo descreve a importância missionária dessa música:

A música havia sido e ainda era para os missionários um dos meios mais efetivos de catequização. Tocando seus instrumentos e cantando, eles se haviam aproximado pela primeira vez dos guaranis, desarmando-os espiritual e fisicamente e conquistando-lhes a confiança e a simpatia. No princípio a música fora a linguagem por meio da qual padres e índios se entendiam. E não teria sido porventura a música a língua do Paraíso - o primeiro idioma da humanidade? Por meio da música os jesuítas induziam os índios ao estudo, à oração e ao trabalho. Era ao som de música e cânticos que eles iam para a lavoura, aravam a terra, plantavam e colhiam - e era sempre debaixo de música que voltavam para a redução ao anoitecer. A música era por assim dizer o veículo que levava aquelas almas a Cristo.<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 58.

<sup>268</sup> PREISS, Jorge Hirt. **A música nas missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII**. Porto Alegre: Martins, 1988, p.21.

<sup>269</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 58-59.

A variedade sonora que se encontra na narrativa de Erico Verissimo é uma resultante das condições históricas das missões inacianas na América do Sul, pois elas em si mesmas estavam repletas de elementos musicais<sup>270</sup>.

Além da música instrumental, Verissimo descreve a riqueza da música vocal, em especial nos rituais religiosos:

Quando a procissão passava ao som de cânticos, as aves guinchavam e sacudiam as asas, os animais urravam, e do chão se erguia um perfume de manjericão silvestre esmagado. [...] A catedral reverberava à luz da manhã, como uma fortaleza impávida cujas paredes fossem de ferro em brasa. O ar enchia-se de sinos e das vozes de todas as criaturas de Deus - aves, feras e homens. Flores e asas e bandeiras de todas as cores tremulavam nos arcos de triunfo.<sup>271</sup>

A paisagem musical de *A fonte*, portanto, descreve “*a união da música europeia à tendência artística dos índios... tendência essa que constitui um dos episódios marcantes da história da conquista do Continente de São Pedro*”<sup>272</sup>.

Moysés Vellinho, no entanto, dizia que “os índios se destacavam, nas artes mecânicas, por singular capacidade de imitação, um dos traços reveladores de sua irredutível infantilidade, e por uma difusa aptidão para a música, ainda que incapazes de acrescentar uma só nota às que aprendiam”<sup>273</sup>. Portanto, não via o trabalho pedagógico dos jesuítas como sendo realmente eficaz. Os índios não aprendiam, apenas eram adestrados para executarem algumas tarefas.

Verissimo também mostra a influência do padrão cultural e estético europeu sobre o padrão indígena ao relatar a visita de padre Alonzo na oficina da missão:

Alonzo foi ver o que estavam modelando os escultores e ali passou uma hora.

O índio Francisco, que nascera e se educara na missão, era um escultor consumado. Havia talhado muitas imagens, algumas das quais se achavam

<sup>270</sup> WERLANG, Géron. *A música como elemento de conquista em O tempo e o vento*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Passo Fundo: Universidade Federal de Passo Fundo, v.9, nº 1, jan/jun 2013, p.193.

<sup>271</sup> VERRISSIMO, Erico. *Op. cit.*, p. 64.

<sup>272</sup> WERLANG, Géron. *Idem*, p.193.

<sup>273</sup> VELLINHO, Moysés. *Op. cit.*, p. 84.

nas igrejas de outras reduções... Alonzo ficou a observá-lo por alguns momentos. Francisco esculpia a imagem dum Senhor Morto. Os outros escultores índios em geral davam à face das figuras os seus próprios característicos fisionômicos: **olhos oblíquos, zigomas salientes, lábios grossos**. Havia pouco um índio esculpira um **Menino Deus índio com um cocar de penas na cabeça**. Mas o Cristo Morto de Francisco, com sua face alongada e suas feições semíticas, lembrava estranhamente, na sua simplicidade dramática, certas imagens do século XI, que Alonzo vira em igrejas da Europa. Era surpreendente como aquele índio conseguira dar uma expressão de dor e ao mesmo tempo de paz ao rosto do Filho do Homem<sup>274</sup> (Grifo do autor).

Nesse trecho, padre Alonzo fica admirado com a habilidade artística dos indígenas, que conseguiam manter uma boa qualidade estética e técnica de suas obras se mantendo em pé de igualdade com os mestres jesuítas da Europa. Ele percebe que em seu processo criativo o Guarani deixava sua marca nativa em suas esculturas sacras. Essa intervenção artística dos Guarani nos moldes europeus de sua simbologia cristã pode ser percebida com a introdução de elementos de seu cotidiano como a folha de alcachofra, as flores campestres e os frutos da terra como o milho.<sup>275</sup> A essa incorporação de elementos nativos na arte barroca da região missioneira foi denominada de “*barroco crioulo*” por Armindo Trevisan<sup>276</sup>.

Naturalmente toda a produção artística dos indígenas funcionou como estratégia de evangelização, em que eles eram cooptados não somente pela escultura, mas também pela música, pelos sermões, pela arquitetura das igrejas, pelo ceremonial das prescrições e outros ritos sagrados.

A leitura que se pode fazer da escultura e das igrejas revela que a suntuosidade e o esplendor representavam a reverência que se colocava nas coisas de Deus. As igrejas jesuíticas possuíam um esplendor interior

---

<sup>274</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 55.

<sup>275</sup> BOFF, Claudete. **A imaginária Guarani: o acervo do Museu das Missões**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002, p. 132.

<sup>276</sup> Armindo Trevisan (1933) é um poeta, teólogo, crítico de arte brasileiro. Sobre o conceito de “barroco crioulo” ver: TREVISAN, Armindo. **A escultura dos Sete Povos**. Porto Alegre: Movimento, 1978.

arrebatador, características do Barroco. Todos os investimentos que pudessem ser feitos para conquistar adeptos ao cristianismo deveriam ser efetivados.<sup>277</sup>

Sob a orientação direta desses padres, os índios mais habilidosos confeccionavam obras com um elevado potencial pedagógico servindo de instrumento espiritual de conversão.

Nas reduções, as imagens foram pensadas para utilização nos altares. Se observarmos atentamente sua postura, veremos que elas se relacionam entre si, têm gestos entrosados umas com as outras. Pretendem envolver a mente e os sentidos e, consequentemente, favorecer o arrebatamento e persuadir o espírito para as coisas de Deus... A imagem era usada na catequese como um reflexo do mundo celeste. Ela reforçava a pregação evangélica, transmitindo aquilo que a Bíblia fazia através da escrita. Venerar uma imagem era venerar a pessoa que nela estava representada e, consequentemente, seguir seus passos.<sup>278</sup>

A arte missioneira deve ser apreciada dentro desse quadro referencial de evangelização, onde tudo que existe (templos, casamentos, escolas, festas etc.) visava tornar o cristianismo a religião predominante e oficial da América.

Os missionários, por necessidade de subsistência, precisam de um arcabouço teológico-espiritual que os motive e os alimente em sua incumbência. No caso do cristianismo o motor que tem levado as pessoas a deixarem suas casas e partirem a lugares desconhecidos é a Grande Comissão que Jesus confiou a seus seguidores: “*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*”<sup>279</sup>.

Os jesuítas que vieram para a América, portanto, não estavam apenas interessados na prosperidade temporal de sua missão. Dentro dessa visão utópica, a vida missionária era apenas um momento de transição entre um presente necessário e um

---

<sup>277</sup> BOFF, Claudete. **Idem**, p. 105.

<sup>278</sup> BOFF, Claudete. **Ibidem**, p. 94-95.

<sup>279</sup> BÍBLIA. Mateus. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, 28:19.

futuro ideal. Ela existia, segundo, por exemplo, o padre Ludovico Muratóri, com o objetivo de “anunciar o Santo Evangelho e implantar a única e verdadeira religião de Jesus Cristo”<sup>280</sup>.

Foi com esse espírito missionário que em uma tarde de 1750, na hora do crepúsculo, que padre Alonzo parou no centro da praça da missão e, contemplando a catedral, “sonhou de olhos abertos com o Mundo Novo”<sup>281</sup>, abrindo os seus pensamentos para a obra que a Companhia de Jesus procurava realizar na América.

Criada no contexto do movimento reformador católico estimulado pelo Concílio de Trento (1545-1563), a ordem jesuítica (*Societas Iesu*, S.J.) foi fundada em 1534 e aprovada pelo papa Paulo III em 1540. Seus membros além de realizarem os três votos religiosos comuns às demais ordens (castidade, pobreza e obediência) acrescentaram um quarto (submissão total ao papa) fazendo com que passassem a ser considerados “uma espécie de vanguarda da Reforma católica”<sup>282</sup>. Esse quarto voto foi estabelecido com o objetivo de oferecer apoio espiritual ao papado, que estava sendo atacado nos fundamentos de sua autoridade moral e administrativa pelo movimento da Reforma protestante<sup>283</sup>.

O seu mentor espiritual, o basco Inácio de Loyola (1491-1556), após ter entrado em contato com a *Vida de Jesus* de Ludolfo de Saxônia (1300-1378) e a *Legenda aurea* de Jacopo Varazze (1228-1298) decidiu servir a Deus junto aos infiéis. Além disso, “los hechos de San Francisco y Santo Domingo, que se le presentan con toda la gloria de la fama religiosa, le incitan a la imitación, y a medida que los va leyendo se siente con fuerzas para competir con ellos en renunciamiento y rigor”<sup>284</sup>.

---

<sup>280</sup> MURATÓRI, Ludovico Antonio. **O cristianismo feliz nas missões jesuíticas**. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom Bosco, 1993, p. 17.

<sup>281</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 64.

<sup>282</sup> RAINFAS, Ronaldo (dir.). **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000, p. 126.

<sup>283</sup> LENZENWEGER, Josef et al. **História da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 239.

<sup>284</sup> RANKE, Leopold von. **Historia de los papas**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1988, p. 89.

Como fruto de sua experiência com Deus, Loyola publicou a obra *Exercícios espirituais*<sup>285</sup> (1548), que apresenta instruções práticas sobre como melhor exercer a fé cristã através de orações e exames de consciência semanais.

Os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio tinham aspectos universais, facilmente adaptados a outros métodos e orientações. Esta novidade fez com que conseguisse incrível sucesso. Comparada com outras práticas postas em uso na época, como os escapulários, o rosário, e outras manifestações de piedade, Os *Exercícios* de Santo Inácio suplantaram as expectativas.<sup>286</sup>

Apesar de seu método apostólico flexível a Companhia de Jesus foi estruturada dentro de uma rígida hierarquia militar, tendo como primeiro ponto a obediência total ao Superior Geral, chefe supremo da ordem. Com o passar do tempo, os jesuítas contagiaram a sociedade com sua ética eficaz, introduzindo uma “seiva nova”<sup>287</sup> nas entradas da Igreja Católica. Além disso, sua visão universal de evangelização permitiu a sua acomodação prática dentro dos diferentes Estados por onde se estabeleceram.

A instalação dos jesuítas em Portugal e em seus domínios ultramarinos foi bem rápida, logo após a sua oficialização pelo papa. No Brasil, o primeiro grupo de inacianos veio com a equipe do primeiro governador geral da colônia Tomé de Souza (1503-1579), sob a liderança do padre Manuel da Nóbrega (1517-1570). Desse modo pode-se afirmar que a colonização e a evangelização caminharam juntas, pois “a expansão ocidental caracterizou-se pela bifrontalidade: por um lado, incorporavam-se novas terras, sujeitando-as ao poder temporal dos monarcas europeus; por outro, ganhavam-se novas ovelhas para a religião e para o papa”<sup>288</sup>.

Em sua carta de 1500, Pero Vaz de Caminha (1450-1500) já deixava claro o envolvimento do Estado com a propagação do evangelho ao aconselhar o rei a cuidar

<sup>285</sup> As atividades dos *Exercícios* estão divididas em quatro partes ou semanas correspondentes, onde na primeira deve-se considerar e contemplar os pecados; na segunda, deve-se pensar na vida de Cristo nosso Senhor até o Dia de Ramos; na terceira, deve-se refletir na paixão de Cristo nosso Senhor; e finalmente na quarta, meditar na ressurreição e ascensão de Cristo, fazendo as orações devidas. Ver: LOYOLA, Inácio. **Exercícios espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 12.

<sup>286</sup> SEBE, José Carlos. **Os jesuítas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 44.

<sup>287</sup> SEBE, José Carlos. **Idem**, p. 44.

<sup>288</sup> SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 32.

da salvação dos indígenas asseverando *que faria isso “com pouco trabalho... [pois] esta gente é boa e de boa simplicidade”*<sup>289</sup>.

O processo colonizador português no Brasil, portanto, contou com a atuação do papado e do reino português, “*unidos pela cultura, pela fé e por interesses econômicos*”<sup>290</sup>. Por sua vez, o mesmo ocorreu na colonização espanhola que também visava conquistar o Novo Mundo a qualquer preço, substituindo as crenças originais dos indígenas pelo cristianismo católico. Segundo Laura de Mello e Souza, “*tornou-se lugar comum afirmar que a religião forneceu os mecanismos ideológicos justificatórios da conquista e colonização da América*”<sup>291</sup>.

Essa forte motivação político-religiosa ocorrida no seio da conquista da América, se deve ao próprio processo de formação de Portugal e Espanha ao longo da Guerra de Reconquista (711-1492), quando o Estado e a Igreja se uniram contra a dominação muçulmana na península Ibérica. “*O pensamento medieval que visualizava na teocracia papal e em sua aliança com os príncipes da cristandade (padroado) o instrumento eficaz para propagar o reino de Deus na terra*”<sup>292</sup> fizeram com que a cruz (Igreja) e a espada (Estado) fossem aliadas na dominação dos povos indígenas.

Com a chegada da expansão ibérica na região platina, evangelizar e civilizar o indígena eram objetivos a serem conseguidos dentro de um espírito cruzadista “*que ainda imperava tanto na Espanha como em Portugal, transposto agora para as novas terras que se descobriram e povoavam*”<sup>293</sup>. Para o indígena a chegada dos ibéricos significou o fim de sua maneira de viver, cabendo aos que conseguiram se adaptar apenas minimizar suas perdas.

É dentro desse quadro político-missiológico que se deve entender o *sonho de olhos abertos* de padre Alonzo. Para ele, transformar “*um índio pagão num cristão*”<sup>294</sup> não era

<sup>289</sup> CORTESÃO, Jaime. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Livraria Editora Livros de Portugal Ltda., 1943, p. 233.

<sup>290</sup> SEBE, José Carlos. **Ibidem**, p. 51.

<sup>291</sup> SOUZA, Laura de Mello. **Idem**, p. 32.

<sup>292</sup> DALCIM, Ignacio. **Op. cit.**, p. 29.

<sup>293</sup> KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 97.

<sup>294</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 65.

apenas uma questão de ordem política ou econômica. Era o primeiro passo para o estabelecimento de uma nova ordem de coisas. Para Alonzo um dia

Os povos não mais seriam governados por senhores de terras e nobres corruptos. Seria a sociedade prometida nos Evangelhos, o mundo do Sermão da Montanha, um império teocrático que havia de erguer-se acima das nações, acima de todos os interesses materiais, da cobiça, das injustiças e das maquinações políticas. Um mundo de igualdade que teria como base a dignidade da pessoa humana e seu amor e obediência a Deus. Nesse regime mirífico o homem não mais seria escravizado pelo homem. Não haveria mais exaltados e humilhados, ricos e pobres, senhores e servos. Que direito tinha uma pessoa de se apossar de largas extensões de terra? A terra, Deus a fizera para todos os homens. O que era de um devia ser de todos, como nos Sete Povos. Todas as criaturas tinham direito a oportunidades iguais.<sup>295</sup>

Essa representação elaborada por Erico Verissimo encontra eco na matriz platina, pois segundo Manoelito de Ornellas “*a Companhia de Loyola era antes de tudo a Companhia de Jesus*”<sup>296</sup>, isto é, a ordem jesuítica era cristã em sua essência, ela “*acolhia em suas fileiras, na época da conquista, homens de todas as nacionalidades, unidos pela Fé comum e impulsionados pelo mesmo sentimento de solidariedade cristã*”<sup>297</sup>.

A matriz lusitana chama de “vigorosa determinação” o trabalho realizado pelos jesuítas na busca de salvar os indígenas, embora reconheça que as controvérsias que se desenvolveram durante esse trabalho tenham sido “*desencadeadas pelo rijo apostolado que as milícias de Santo Inácio empreenderam corajosamente a sombra da selva americana*”<sup>298</sup>.

O viajante francês Louis Antoine de Bougainville (1729-1811) ao visitar a região missionária também confirma o esforço do trabalho jesuítico para cumprir sua missão:

---

<sup>295</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 65.

<sup>296</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Idem**, p. 103.

<sup>297</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Ibidem**, p. 102.

<sup>298</sup> VELLINHO, Moysés. **Op. cit.**, p. 51.

Los jesuitas comenzaron con el valor de los mártires y una paciencia verdaderamente angélica... Los obstáculos fueron infinitos, las dificultades renacían a cada paso; el celo triunfó de todo, y la dulzura de los misioneros trajo bosques..., de una nación bárbara, sin costumbres y sin religión, hicieron un pueblo dulce, educado, exacto observador de las ceremonias cristianas.<sup>299</sup>

Quanto às acusações levantadas contra os jesuítas Ornellas afirma:

Entre as inumeráveis calúnias de que foram alvo os jesuítas, assegurava-se que viviam como príncipes no seu Império do Paraguai, engolfados em todas as sensualidades proibidas a seus conversos. Nada seria mais monstruoso que supor aqueles Missionários movidos por outro impulso que não o do dever para com Deus e para com o próximo.<sup>300</sup>

Erico Verissimo através da voz narrativa de padre Alonzo reconhece que “os jesuítas [foram] obrigados a usar [de] meios aparentemente ignóbeis”, que também foram obstinados e implacáveis, mas que exerceram “uma ditadura justa” sobre suas comunidades como fiadores de uma Revolução em Nome de Deus<sup>301</sup>. Para Alonzo “o fim era bom [e] todos os meios para chegar a ele seriam necessariamente lícitos”<sup>302</sup>.

A imagem que se depreende da representação feita por Erico Verissimo em *A fonte* é de um paraíso natural, onde se desenvolveu uma cultura eclética, em parte guarani, em parte espanhola, gerando uma sociedade baseada no ideário cristão de respeito, amor e solidariedade. Nessa sociedade medrou uma ordem política, econômica, artística, religiosa e social baseada no modelo dos antigos cristãos, mantendo uma submissão à Coroa espanhola através dos impostos, mas que contava com a administração coletiva de seus *cabildos* indígenas<sup>303</sup>.

---

<sup>299</sup> BOUGAINVILLE, Louis Antoine de. *Viaje alrededor del mundo*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1946, p. 106.

<sup>300</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Op. cit.**, p. 100.

<sup>301</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 65-66.

<sup>302</sup> VERRISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 66.

<sup>303</sup> BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN. *Regina. Ibidem*, p. 60.

### 3.3 Co yvy oguereco yara

Os europeus que começaram a se instalar no Continente de São Pedro a partir do século XVI não encontraram uma terra vazia. Assim como os demais colonizadores, o português deu aos habitantes nativos a denominação de índios, mesmo que depois tenham percebido diferenças linguísticas, religiosas e sociais entre eles.

A população indígena do atual território brasileiro, em 1500 variava entre 1.100.000, segundo os estudos de Julian Steward (1959) e 4.277.547, segundo as pesquisas de William Denevan (1976). Por sua vez, a população indígena no atual Rio Grande do Sul em 1500 era de 95.000 nativos conforme os estudos de John Hemming (1978)<sup>304</sup>.

Quanto aos índios que habitavam a futura região sul-rio-grandense foi registrada pela primeira vez pelo nome de Guarani, em 1528, na carta de Luiz Ramires, tripulante da expedição do veneziano Sebastião Caboto a serviço da coroa espanhola entre 1526 e 1530<sup>305</sup>.

O povo Guarani entendia a sua terra como “*um espaço de passagem, um espaço de vivência cultural*”<sup>306</sup>. Esse espaço era formado por conjuntos territoriais nomeados de *guára*<sup>307</sup>, que por sua vez constituía um conjunto de *teko*<sup>308</sup>, que eram agrupamentos familiares chamados de *te’ýi*<sup>309</sup>. Os estudiosos sobre a cultura Guarani apontam a existência de 14 *guára*, subdivididas em várias *teko*.

Erico Verissimo dedicou especial atenção ao índio missionário em sua representação histórica sobre as origens do Rio Grande do Sul. Eles são descritos não como “bárbaros”, mas como habitantes de uma terra sofisticada de cultura europeizada. Através da ação dos evangelhos, os padres não criaram apenas uma

---

<sup>304</sup> MELATTI, Julio Cesar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2014, p. 44-46.

<sup>305</sup> BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na própria terra: presença guarani e estados nacionais**. Florianópolis: EdUFSC e Chapecó: Argos, 2010, p. 13.

<sup>306</sup> BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Idem**, p. 16.

<sup>307</sup> **Guára** era o espaço vital definido a partir de limites naturais como os rios, as montanhas, o mato etc. Os europeus o chamavam de província.

<sup>308</sup> **Teko** era o modo de ser, o modo de estar, a lei, a cultura, o costume, o lugar onde se dão as condições que possibilitam o modo de ser Guarani.

<sup>309</sup> **Te’ýi** era a família extensa, a tribo.

comunidade de cristãos nominais, mas também reais, em que práticas antigas são modificadas por outras moralmente mais aceitáveis, como por exemplo, o casamento.

Os índios sabem latim e espanhol, além da língua nativa. São artistas sensíveis, e habilidosos artesãos. O personagem Pe. Alonzo se declara comovido ao ouvir as interpretações musicais realizadas pelos Guarani.

Pois muitos desses chamados selvagens sabem, além da língua nativa, o latim e o espanhol, e são hábeis escultores, pintores, oleiros, ourives, tecelões, fundidores de bronze, e músicos. Um destes dias, escutando um sexteto de índios que tocava com sentimento e correção peças dum compositor bolonhês, fiquei de tal maneira comovido que não pude reprimir as lágrimas.<sup>310</sup>

Finalmente na última parte do episódio *A fonte* surge a figura de Sepé Tiaraju (c.1723-1756), um dos personagens mais marcantes da história missionária. Considerado um herói popular do Rio Grande do Sul, *José Tiaraju* ou *Sepé Tiaraju* ou *Capitão Sepé* ou *São Sepé*, foi um alferes real e corregedor da missão de São Miguel, o que significa que desempenhou funções policiais de aplicação da justiça na comunidade e no exército. Sua trajetória aparece na historiografia oficial dentro do período de 1753 a 1756 no contexto da Guerra Guaranítica<sup>311</sup>.

Em seu romance, Erico Verissimo se valeu de duas vozes narrativas para fazer a sua representação dessa personalidade histórica. A primeira é a do menino Pedro Missionário que apresenta os aspectos míticos e legendários de Sepé. A segunda é a do padre Alonzo, que realiza um contraponto em relação à admiração nutrida por Pedro e às visões que ele afirmava ter de Tiaraju.

Desde o momento em que travara conhecimento da existência de Sepé, Pedro passou a declarar sua profunda simpatia pelo homem e pelo guerreiro que ele lhe demonstrava ser:

---

<sup>310</sup> VERISSIMO, Erico. *Op. cit.*, p. 56.

<sup>311</sup> A **Guerra Guaranítica** (1754-1756) foi um conjunto de conflitos bélicos ocorridos entre os índios Guarani e as tropas portuguesas e espanholas no contexto de execução do Tratado de Madrid de 1750. Os indígenas eram contrários aos novos limites de fronteiras estabelecidos, pois teriam que abandonar suas terras na região de Sete Povos das Missões. Sepé Tiaraju foi um dos líderes da resistência Guarani.

Sempre que podia, Pedro entrava furtivamente na cela do padre, tomava o punhal nas mãos, acariciava-o, experimentava-lhe a ponta, punha-o na cinta e imaginava-se um guerreiro como o corregedor, o alferes real Tiaraju, que era o homem que ele mais admirava na redução. **Gostava de vê-lo empuhar o arco e frechar aves em pleno voo, dar tiros de mosquete, manejar a lança montado num cavalo a todo o galope, e gritar ordens para os soldados...** Ficava de respiração alterada quando via o alferes nos dias de procissão todo metido no seu uniforme de guerreiro de Espanha, pistolas e espada na cintura, cavalgando seu belo ginete... Pedro ficava-se ali na cela a imaginar essas coisas<sup>312</sup> (Grifo do autor).

Erico Verissimo introduziu a figura de Sepé Tiaraju de uma forma que prepara a mente de seus leitores para a percepção de suas qualidades heroicas, pois ele pretende corroborar a visão da matriz platina sobre o guerreiro Guarani:

... o índio Sepé Tiaraju, de **porte varonil, fronte alta e bronzeada**, vestido de calções de ouro e blusa azul, com cinto e talim negros, **arma rutilante ao sol** e um **vistoso escudo** de fundo branco com uma grande cruz dourada<sup>313</sup> (Grifo do autor).

A maneira de Manoelito de Ornellas descrever o porte de Sepé o torna digno de respeito e autoridade. Através da admiração de Pedro Missionário, Erico Verissimo transmite esses mesmos elementos da historiografia da matriz platina. Por sua vez, através de padre Alonzo, ele apresenta aspectos mais objetivos da personalidade de Sepé Tiaraju, como sua liderança natural e suas poucas habilidades artísticas:

Desde o primeiro momento o corregedor José Tiaraju se erguera como um **chefe natural** daqueles guerreiros indígenas. Alonzo nunca chegara a penetrar bem a alma daquele belo homem de rígida postura marcial, parco de palavras e de gestos. **Não estava Sepé entre os índios que revelavam vocação para a música, para a escultura, para a pintura ou para a dança**, mas possuía evidentemente outros talentos. **Sabia ler e escrever com fluência**, tinha habilidade para a mecânica e conhecia a doutrina cristã melhor que muitos brancos letrados que se jactavam de serem bons católicos. Ninguém melhor

---

<sup>312</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 72.

<sup>313</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Tiaraju**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 38.

que ele domava um potro ou manejava o laço; poucos podiam ombrear com ele no conhecimento e trato de terra; e aquela guerra mostrara que **ninguém o suplantava como chefe militar e guerrilheiro.**<sup>314</sup> (Grifo do autor).

Através da voz de padre Alonzo, Verissimo também descreve suas habilidades em tempos de paz:

Em tempos de paz, muitas vezes Alonzo ficara surpreendido ante as sentenças que o alferes real pronunciava, na qualidade de corregedor de seu povo. **Resolvia problemas judiciários com um equilíbrio e um senso de justiça** que fariam inveja aos magistrados das cortes europeias. **Sabia exprimir-se com precisão e economia de palavras**, e nas suas sábias sentenças Alonzo vislumbrava às vezes **uma pontinha de ironia**, o que o deixava a pensar nas ricas reservas mentais daquela raça considerada pelos brancos inferior e bárbara.<sup>315</sup> (Grifo do autor).

Apesar de reconhecer o talento administrativo de Sepé, Alonzo ficava com sua mente europeia procurando entender se a sua raça poderia realmente ser considerada “*inferior e bárbara*”.

A figura histórica de Sepé Tiaraju foi trabalhada por Erico Verissimo a partir de quatro perspectivas importantes, que também despontam na historiografia sul-rio-grandense: sua coragem, sua fé religiosa, sua resistência e seu sacrifício<sup>316</sup>.

O aspecto de sua *coragem* é apresentado quando Sepé comandando uma tropa de índios enfrenta os membros da comissão demarcadora dos limites do Tratado de Madrid de 1750. Nessa ocasião ele se posicionou contra os portugueses afirmando que eles não tinham o direito tomar-lhes aquelas terras que haviam sido dadas por Deus e por São Miguel<sup>317</sup>. Fez isso por estar munido de um ofício enviado pelo governador de

<sup>314</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 82.

<sup>315</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 82.

<sup>316</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Sepé Tiaraju: muito além da lenda**. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2006, p. 32.

<sup>317</sup> PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. **Anais da Província de São Pedro**. Petrópolis: Editora Vozes & Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978, p. 76.

Buenos Aires que ordenava a fortificação da região das missões e desautorizava o avanço lusitano. Sem saber que o Tratado de Madrid invalidava esse ofício, Sepé conseguiu intimidar a comissão demarcadora fazendo-a recuar. Diante desse confrontamento, Sepé se consagrou como o guia da resistência ao tratado assinado pelos reis ibéricos.

À frente desses rebeldes achava-se o corregedor Sepé Tiaraju. Bradara ele **corajosamente** em face dos representantes de Portugal e Espanha que Deus e São Miguel haviam dado aquelas terras aos índios; e que se a comissão e os soldados espanhóis quisessem entrar nelas, seriam bem recebidos, mas que os portugueses, esses jamais poriam o pé naqueles campos<sup>318</sup> (Grifo do autor).

Verissimo descreve a coragem e a audácia de Sepé ao enfrentar os portugueses, mas demonstrando sua gentileza e benevolência diante dos castelhanos. Percebe-se desse modo a simpatia que Erico Verissimo nutria por Tiaraju e pela matriz platina, por extensão.

O aspecto de sua fé é trabalhado durante a Guerra Guaranítica, quando Sepé foi trazido a presença do capitão-general Gomes Freire de Andrade<sup>319</sup>, responsável pela demarcação do Tratado de Madrid. Diante de seus oficiais, Andrade está cercado de grande pompa, fardado “*com galões e dragonas dourados*”<sup>320</sup>, símbolos de sua nobreza e autoridade. Sepé, porém, sem se deixar amedrontar diante de todo o aparato lusitano montado ao seu redor, aproxima-se de cabeça erguida e brada: “*Bendito seja o Santíssimo Sacramento*”<sup>321</sup>.

Diante da autoridade lusitana, Sepé recebeu a ordem de beijar-lhe a mão em sinal de submissão, mas prontamente responde: “*Beijar a mão do teu general? A troco de quê? Pensas acaso que estou na terra dele e não na minha?*”<sup>322</sup> Chamado de bárbaro

<sup>318</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 78.

<sup>319</sup> **Antônio Gomes Freire de Andrade** (1685-1763) foi um nobre (Conde de Bobadela) militar e administrador português, que se tornou o responsável pela demarcação dos novos limites de fronteira estabelecidos pelo Tratado de Madrid de 1750.

<sup>320</sup> ORNELAS, Manoelito. **Idem**, 1945, p. 69.

<sup>321</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 84.

<sup>322</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 84.

por Gomes Freire, Sepé se recusa não somente a reconhecer a sua autoridade, mas também a do próprio rei de Portugal. Demonstrando novamente altivez, Sepé pronuncia a frase que se tornou emblemática na história missionária: *Esta terra tem dono (Co yvy oguereco yara)*<sup>323</sup>, reafirmando novamente que ela havia sido dada por Deus e pelo arcanjo São Miguel ao povo Guarani.

Essa terra, segundo Manoelito de Ornellas, lhe era cara porque nela Tiaraju sentia “a beleza cromática de sua paisagem... por onde correra no lombo de seu cavalo tão rápido como a ema nas vertigens das caças. Nenhuma outra terra lhe poderia reservar, como aquela, tantas lembranças de uma liberdade descuidada”<sup>324</sup>.

Erico Verissimo ao exaltar a fé católica do personagem histórico Sepé Tiaraju busca descrevê-lo como um herói espiritual, incorporando a função do arcanjo São Miguel na defesa da cristandade do território sagrado das missões do Tape. Não à toa Pedro Missionário afirmou: “José Tiaraju é o arcanjo São Miguel”<sup>325</sup>.

O aspecto de sua resistência diante do inimigo é demonstrado no momento em que Sepé é preso juntamente com outros cinquenta e seis companheiros ao atacar o Forte de Rio Pardo. Conseguindo enganar os seus guardadores, foge desarmado e completamente “nu, no lombo despido de um cavalo tão rápido como o pensamento, [correndo], coxilha acima, canhada abaixo”<sup>326</sup> até voltar a se reunir com seus companheiros de luta.

Erico Verissimo, em sua narrativa, dá contornos míticos a essa libertação:

Poucos dias depois da Páscoa, no ano de 1754, caíra sobre a redução, com o peso duma clava, a notícia de que Sepé Tiaraju tinha sido aprisionado pelos inimigos. Alonzo viu então um negro desânimo tomar conta de sua gente a ponto de por alguns dias reduzi-la a um estado de absoluta apatia. E estava ela ainda a lamentar a perda do chefe quando uma tarde Pedro se pendurou na

<sup>323</sup> Sandra Jatahy Pesavento nos adverte de que os historiadores ao se referirem a esse episódio afirmam que Sepé **teria dito** tal frase, misturando o que se encontra nos documentos com o que foi transmitido pelo **ouvir dizer** popular. É interessante observar que Erico Verissimo não fez uso dessa frase em seu romance apesar de estar nos livros de história. Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Sepé Tiaraju: muito além da lenda**. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2006, p. 34.

<sup>324</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Ibidem**, 1945, p. 58.

<sup>325</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 84.

<sup>326</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Op. cit.**, 1945, p. 77.

corda do sino da igreja, fazendo-o soar num ritmo desesperado de alarma. Os índios correram para a frente do templo e, encarapitado no alto da torre, o menino gritou para baixo:

– Sepé Tiaraju está livre!

Contou-lhes que tinha tido **uma visão** em que o corregedor lhe aparecera montado num cavalo, a correr pelo meio dos soldados de Espanha e Portugal, que atiravam nele com suas pistolas e mosquetes, sem entretanto conseguir atingi-lo; e Sepé lançara-se ao rio, atravessara-o a nado, sumira-se no mato, na margem oposta, onde finalmente se reunira aos companheiros.

Uma semana depois chegava à missão um mensageiro contando que Sepé havia fugido; e a **narrativa dessa fuga coincidia com a visão de Pedro.**<sup>327</sup> (Grifo do autor).

Com essa fuga Sepé demonstrou sua audácia, astúcia e presença de espírito diante do inimigo lusitano, pois ele iludiu os guardas da prisão, correu, nadou e entrou mata adentro para chegar junto de seus companheiros.

E, por último, o aspecto de seu *martírio* se refere a sua morte ocorrida em sete de fevereiro de 1756 na Batalha de Caibaté. Travada no interior da cidade de São Gabriel, foi uma das mais sangrentas pelejas da Guerra Guaranítica, quando morreram mais de 1.500 índios. A morte de Sepé ganhou na literatura de Manoelito de Ornellas uma grandiosidade eloquente:

Sobrepondo-se a todos, a figura de Sepé Tiaraju é a do gênio da guerra. Sua lança, coberta de vermelho, embebe-se nos corpos portugueses, nos corpos espanhóis, levanta-se nos ares como uma bandeira rubra, deixa escorrer pelo cabo liso o sangue humano, ainda animado do calor da vida. As penas de seu cocar são rubras. Vermelhas as suas mãos. A cara rude do índio tem manchas róseas. Suas narinas dilatam-se e seus olhos fuzilam, dando à agilidade dos braços a certeza dos golpes mortais.

[...]

O campo está coberto de cadáveres. Mas os índios ficam reduzidos. Só Tiaraju parece, ele, só, conter o poderio esmagador da legião luso-espanhola.

---

<sup>327</sup> VERISSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 78.

[...]

Sepé luta como um ser sobrenatural. Mas chega-lhe pelas costas, um dragão português, que lhe joga um golpe profundo, de lança.

Sepé abraça-se ao pescoço do cavalo. E tenta retirar. Quase pendurado aos estribos, não resiste. Cai mais longe. Mas, o inimigo persegue-o de perto. [José Joaquim] Viana chega ao local onde o entrevero esmaece como a vida de Tiaraju e, do alto da sela de carona bordada, despeja sua pistola sobre o corpo já quase inerte de Sepé.<sup>328</sup>

Ornellas dá uma dramaticidade comovente a morte de Sepé ao descrevê-la como uma oferta sendo oferecida em holocausto em favor de seu povo. Sepé não só morreu, mas deu sua vida em favor de seu povo e de sua terra.

Por sua vez, Erico Verissimo amplia essa descrição oferecendo uma dimensão mística de sua morte:

– José Tiaraju morreu, padre.

– Morreu? Quem te disse?

– Eu vi.

[...]

– Vi o combate. O alferes foi derrubado do cavalo por um golpe de lança. Vi quando ele quis erguer-se e um homem... um general... de cima do cavalo varou-lhe o peito com uma bala.

[...]

– Disseste que estavas conversando com o corregedor.

– Estava.

[...]

– Onde estava ele quando te falou?

– Lá em cima. A alma de Sepé subiu ao céu e virou estrela. Alonzo largou a cabeça do menino, que fez meia-volta e se encaminhou para a janela, puxando

---

<sup>328</sup> ORNELLAS, Manoelito. **Op. cit.**, p. 120-121.

o padre docemente pela manga da sobretúnica. Ergueu o dedo e mostrou o crescente:

– Deus botou também na testa da noite um lunar como o de São Sepé.

– São Sepé? - repetiu o padre, meio estonteado.<sup>329</sup>

Dessa forma, a figura histórica de Sepé recebe de Erico uma perspectiva que visa consolidar sua imagem de guerreiro destemido, carismático e astucioso digna de ser venerada no futuro pelas pessoas. Foi através das visões de Pedro Missionário que Veríssimo fez as associações religiosas que deram um “*contorno fantasioso da personagem [de Sepé]: heroico, guerreiro, vitorioso no combate do mal*”<sup>330</sup>. Ele deixou de ser o capitão Sepé, guerreiro invencível das guarnições indígenas, para se transformar em São Sepé, protetor dos oprimidos.

No sul do Brasil, segundo Sandra Jatahy Pesavento, a figura de Sepé Tiaraju ainda “*nos assombra*”<sup>331</sup>. Sua expressão histórica, desde os longínquos tempos missionários até os dias de hoje, tem gerado polêmicas e debates historiográficos. Para alguns ele não passa de um elemento estranho à cultura gaúcha; para outros, ele se tornou um santo popular (sem a chancela da Igreja Oficial), mas consagrado pela imaginação popular.

Durante a década de 1950 do século passado, o major João Carlos Nobre da Veiga propôs a construção de um monumento a Sepé. No entanto, apesar de toda a popularidade de Sepé, o projeto recebeu a rejeição do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, através do parecer elaborado por Moysés Vellinho, Othelo Rosa e Afonso Guerreiro Lima. Tal decisão correspondia a posição da matriz lusitana que rejeitava qualquer possibilidade de considerar Sepé um brasileiro digno de tal honraria.

Já se disse, com graça e propriedade, que Sepé Tiaraju é um fantasma na história rio-grandense. Realmente não pode haver lugar para ele na galeria dos

---

<sup>329</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Op. cit.**, p. 86-87.

<sup>330</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Idem**, p. 44.

<sup>331</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Ibidem**, p. 7.

nosso campeadores legítimos. Além de pertencer a uma área histórico-política que não é a nossa, ele fez suas armas em campo inimigo.<sup>332</sup>

Segundo Moysés Vellinho, Sepé não pertence ao universo gaúcho, pois não pertenceu ao mundo lusitano. Para ele, o que motiva a insistência de alguns em mantê-lo nos quadros dos personagens sul-rio-grandenses é porque “*somos gente de lágrima fácil*”<sup>333</sup> que se deixa seduzir pelas circunstâncias sentimentais de sua vida e morte.

Para ele, os que acreditam que a “civilização rio-grandense” marchou de oeste para leste, originando-se, portanto, na região missioneira, se “*esquecem que a nossa tradição,..., só tem vinculações culturais com aqueles que a construíram em nome da causa luso-brasileira*”<sup>334</sup>. Desse modo não podem ser considerados gaúchos os que viveram a serviço de outra bandeira, senão a lusitana.

Erico Verissimo, ao iniciar o seu romance histórico sobre a origem do Rio Grande do Sul, justamente a coloca em uma missão jesuítica, posicionando-se contra esse pensamento político-cultural, dando a entender que as origens gaúchas têm sua semente no oeste, nas terras missioneiras.

Hoje, Sepé Tiaraju foi declarado Herói Guarani Missionário Rio-Grandense<sup>335</sup>, sendo o dia sete de fevereiro, data de sua morte, como dia de comemoração de sua memória. Desse modo a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul incluiu no Calendário Oficial de Eventos do Estado uma festividade singular de sua história.

Neste capítulo realizou-se uma análise do episódio *A fonte* buscando entender a representação feita por Erico Verissimo sobre a região de Sete Povos das Missões. Em virtude do que foi apresentado, percebe-se que Verissimo tem uma visão simpática ao trabalho dos padres jesuítas. Eles são descritos como dedicados instrutores da cultura europeia para os índios Guarani, onde o ambiente administrativo é descrito como sendo de um alto padrão moral visando o desenvolvimento de uma comunidade

<sup>332</sup> VELLINHO, Moysés. **Op. cit.**, p. 116.

<sup>333</sup> VELLINHO, Moysés. **Idem**, p. 116.

<sup>334</sup> VELLINHO, Moysés. **Ibidem**, p. 116.

<sup>335</sup> Lei nº 12.366 de autoria do deputado estadual Frei Sérgio Görgen do PT-RS e assinada pelo governador Germano Rigotto em 03 de novembro de 2005.

igualitária e democrática. Verissimo apresenta também uma paisagem musical de alta qualidade artística, onde os índios possuem uma aptidão quase natural para a música europeia tanto profana quanto sacra.

Por sua vez, quanto à representação dos índios Guarani, Verissimo ora os descrevia como cordatos, ora como resistentes à liderança jesuítica. Para John Manuel Monteiro “*o maior desafio que o historiador dos índios enfrenta não é a simples tarefa de preencher um vazio na historiografia mas, antes, a necessidade de desconstruir as imagens e os pressupostos que se tornaram lugar-comum nas representações do passado brasileiro. Há, desde longe, um binômio clássico que opõe um tipo de índio resistente a um outro tipo de índio colaborador*”<sup>336</sup>.

Verissimo os descreveu como pessoas inseridas em uma cultura europeizada, que aprendiam o latim e o espanhol. Quanto à resistência indígena, ela foi apresentada no momento em que explode a Guerra Guaranítica, quando os Guarani se rebelaram contra o Tratado de Madrid, que reorganizou as fronteiras entre portugueses e espanhóis na região de Sete Povos das Missões.

Erico Verissimo no episódio *A fonte* valoriza o trabalho missionário realizado em Sete Povos das Missões, colocando essa região como a fonte das raízes étnicas e culturais de seu Rio Grande do Sul.

---

<sup>336</sup> MONTEIRO, John Manuel. Armas e armadilhas: história e resistência dos índios. In: NOVAES, Adauto. (org.). **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 239.

## Considerações Finais

*A História é o mais belo romance [...] que o homem vem compondo desde que aprendeu a escrever.*

*Monteiro Lobato*

A presente dissertação buscou trabalhar as relações possíveis entre o *texto narrativo ficcional* e o *texto narrativo historiográfico* dentro do episódio *A fonte*, do romance histórico *O continente*, da trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. Sua intenção original foi o de colaborar com o diálogo entre a Literatura e a História no processo de construção do conhecimento histórico, não tendo com isso a pretensão de esgotar a complexidade que o tema possui.

Embora o *texto narrativo histórico* e o *texto narrativo ficcional* estejam em áreas de atuação diferenciadas, ambos demonstram possuir características comuns que indicam um mesmo interesse de estudo: registrar, expressar e explicar as experiências humanas em seu ambiente social.

Trabalhar o *texto ficcional* do romance histórico como fonte de pesquisa histórica foi significativo no sentido em que, esse gênero literário tem despertado no público não familiarizado com a literatura acadêmica interesse pelos estudos históricos. Com sua linguagem atrativa, estimulante e acessível, ele tem permitido uma leitura crítica da história e, por vezes, realizar por esse caminho uma análise que nem sempre os historiadores profissionais conseguem construir.

Ler, portanto, a história pela intermediação do romance histórico constitui-se em uma experiência enriquecedora, na medida em que a pesquisa pode manter um relacionamento dialético com as verdades do objetivo e do subjetivo, do real e do imaginário, do material e do poético com que sua fonte lhe permitiu realizar. Assim, livros, leituras e leitores estão sempre interagindo para a construção de uma visão crítica e democrática da realidade social.

Localizado esteticamente dentro do *romance de 30*, Erico Verissimo procurou registrar e documentar em sua obra ficcional a realidade social e política de sua época.

Tal preocupação foi uma das principais marcas dos autores de sua geração como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado.

Inserido também dentro do debate historiográfico sul-rio-grandense travado entre a matriz lusitana e a matriz platina, Veríssimo procurou dialogar com ambas em seu episódio *A fonte*. Ao eleger a região missionária como espaço pioneiro para iniciar sua trilogia, e colocar o índio miscigenado Pedro Missionário como personagem originador do povo gaúcho, Erico Veríssimo demonstrou que aceitava a matriz platina como gênese da formação do Rio Grande do Sul. No entanto, ele dialogou com a matriz lusitana ao unir Pedro com Ana Terra, de origem portuguesa. Desse modo, a matriz platina simbolizada por Pedro Missionário e a matriz lusitana representada por Ana Terra configuram respectivamente a fonte ética e cultural do Rio Grande do Sul.

No episódio *A fonte*, Veríssimo não só construiu uma relação entre os debates historiográficos de seu tempo, fazendo uso de uma representação verossímil da história gaúcha, mas procurou também estabelecer uma harmonização entre as duas matrizes historiográficas rivais. Essa tentativa de conciliação ocorreu no momento histórico em que o Rio Grande do Sul buscava se firmar politicamente diante da nação brasileira, pois entre 1930 e 1954, um gaúcho – Getúlio Vargas – dominou o seu cenário político. Portanto, o episódio *A fonte*, em *stricto sensu*, e a trilogia *O tempo e o vento*, em *lato sensu*, evocam o passado sul-rio-grandense com o objetivo de traçar uma trajetória histórica, que possa ser agregadora ao restante da história da Nação.

Através da força narrativa de seu romance histórico, Erico Veríssimo conseguiu a proeza de tornar a sua versão ficcional do passado gaúcho mais conhecida do que a dos textos historiográficos de sua época. Essa recepção excepcional junto ao grande público e a crítica especializada se devem aos recursos literários adotados pelo romancista, como a mescla de personagens reais com fictícios e o uso de uma datação cronológica precisa dentro da trama, além de sua cuidadosa pesquisa histórica. Assim, não é incomum se dizer, que *O tempo e o vento* se tornou o documento de identidade (ou o RG, Registro Geral) do Rio Grande do Sul.

Por meio de sua tessitura narrativa, Veríssimo evidenciou a capacidade que os textos ficcionais têm em construir afinidades com a realidade, de modo a registrar em suas entranhas as sensibilidades, as experiências e as razões reais ou imaginárias das personalidades históricas.

Assim sendo, pode-se afirmar que o texto narrativo ficcional é um documento histórico no sentido em que foi produzido dentro de um contexto social e temporal. Desse modo, ele torna-se uma reflexão das inquietudes e dos valores de sua geração. Verissimo soube captar com sua sensibilidade estética o momento histórico em que estava mergulhado, conseguindo imprimir uma obra emblemática de seu Estado.

Apesar de grandemente estudado no cenário acadêmico, alguns aspectos da vida e da obra de Erico Verissimo podem ainda receber a atenção dos pesquisadores, como, por exemplo, a sua trajetória pessoal, o desenvolvimento e a formação ideológica de suas obras ou seu posicionamento político em relação à ditadura civil-militar de 1964.

Erico Verissimo afirmava não ser seu autor favorito, mas soube auscultar o interior de seus leitores, mantendo durante toda a sua carreira autoral um diálogo fecundo com eles, que se refletiu na vendagem de seus livros. Foi durante décadas um dos raros escritores brasileiros a viver de seu ofício, conquistando o mérito de ter revelado o sul do Brasil aos brasileiros.

Embora fosse por natureza avesso à luta político-partidária, Verissimo ao longo de sua vida, procurou lutar contra a clausura das ideias conservadoras, a inépcia do autoritarismo e a expressão de qualquer tipo de violência. Através do que ele chamou de “humanismo socialista”, defendia uma postura de vida, que se voltasse para uma sociedade em que o homem não seria mais escravizado pelo homem e em que todas as criaturas tivessem oportunidades iguais. Portanto, com sua ficção ele desenvolveu uma cosmovisão perpassada de princípios estéticos, éticos e morais voltados para a valorização do ser humano.

Erico Verissimo deixou uma obra literária significativa, que tem se mantido viva na imaginação de seus leitores e que nem o tempo e o vento poderão levar...

## Bibliografia

### Fontes

- ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e beduínos: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
- VELLINHO, Moysés. **Capitania d'El-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.
- VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento: O continente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

### Livros

- ARISTÓTELES, **Poética**, São Paulo: Edipro, 2011.
- AVELINO, Yvone Dias. FLÓRIO, Marcelo. BARREIRO FILHO, Roberto Coelho. **Olhares cruzados: cidade, história, arte e mídia**. Curitiba: Editora CRV, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.
- BÍBLIA. Mateus. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOFF, Claudete. **A imaginária guarani: o acervo do Museu das Missões**. Santo Ângelo: Centro de Cultura Missioneira, 2005.
- BORDINI, Maria da Glória. & ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- \_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.
- BOUGAINVILLE, Louis Antoine de. **Viaje alrededor del mundo**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1946.
- BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (orgs.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: UFRJ e FGV, 1998.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na própria terra: presença guarani e estados nacionais**. Chapecó: Argos. Florianópolis: EDUFSC, 2010.
- BRITES, Olga. **Infância, trabalho e educação: a Revista Sesinho (1947-1960)**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**, São Paulo: T. A Queiroz / Publifolha, 2000.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: o escritor e seu tempo**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.). **O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. **História do Rio Grande do Sul em suas origens missionárias**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CORTESÃO, Jaime. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Livraria Editora Livros de Portugal Ltda., 1943.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

DALCIM, Ignacio. **Breve história das reduções jesuítico-guaranis**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

DALCIN, Ignacio. **Em busca de uma terra sem males**. Porto Alegre: Edições Est/Palmarinca, 1993.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

ESCRIVÁ, José María Plaza. **São Miguel das Missões: arte e cultura dos Sete Povos**. São Leopoldo: Editora UNISINOS e Porto Alegre: Delphi, 2011, p.18.

ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FRESNOT, Daniel. **O pensamento político de Erico Verissimo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

FURLOG, Guilhermo. **Misiones e sus pueblos de guaranis**. Buenos Aires: Balmes, 1962.

GONÇALVES, Robson P. (org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria, RS: UFSM & Bauru, SP: EDUSC, 2000.

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz & Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HAUBERT, Maxime. **Índios e jesuítas no tempo das missões**. São Paulo: Companhia das Letras & Círculo do Livro, 1990.

HORELLAOU-LAFARGE, Chantal & SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia : Ateliê Editorial, 2010.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: IMS, 2003.

- KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Livre, 1982.
- LENZENWEGER, Josef et. al. **História da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- LIMA, Alcides. **História popular do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.
- LOYOLA, Inácio. **Exercícios espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- LUGON, Clovis. **A república “comunista” cristã dos guaranis: 1610-1768**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.
- MARTINS, Wilson. **Modernismo**. Coleção *A literatura brasileira, volume VI*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
- MASINA, Léa et al. (org.). **A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- MELATTI, Julio Cesar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2014.
- MONDONI, Danilo. **Os expulsos voltaram: os jesuítas novamente no Brasil (1842-1874)**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MONTEIRO, John Manuel. **Armas e armadilhas**. In: NOVAES, Adauto. *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MURATÓRI, Ludovico Antonio. **O cristianismo feliz nas missões jesuíticas**. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom Bosco, 1993.
- NETO, Miranda. **A utopia possível: missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- ORNELLAS, Manoelito de. **Tiaraju**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.
- PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. KHOURY, Yara Maria Aun. VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jathay et al. **Érico Veríssimo: o romance da história**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Sepé Tiaraju: muito além da lenda**. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A revolução farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.
- \_\_\_\_\_. **RS: história & história cultural**, Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. **Anais da Província de São Pedro**. Petrópolis: Editora Vozes & Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978

PREISS, Jorge Hirt. **A música nas missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII**. Porto Alegre: Martins Livraria Editora, 1988.

RANKE, Leopold von. **Historia de los papas**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

RODRIGUES, José Honório. **O continente do Rio Grande**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

SEBE, José Carlos. **Os jesuítas**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SEPP, Antônio. **Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1980.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAIFAS, Ronaldo. (dir.) **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VERISSIMO, Erico. **Fantoches**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

\_\_\_\_\_. **Galeria fosca**. São Paulo: Editora Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Solo de clarineta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Um certo Henrique Bertaso & Artigos diversos**. São Paulo: Globo, 1996.

SEVCENKO, Nicolau, **Literatura como missão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VEYNE, Paul. **História e historicidade**. Lisboa: Gradiva Publicações, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

## Artigos

CAPRARO, André Mendes. **História e literatura: proximidades na fronteira**. [http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Caprar0/Historia\\_e\\_Literatura\\_-\\_Andre\\_Caprar0.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Caprar0/Historia_e_Literatura_-_Andre_Caprar0.pdf). Acesso em 23/02/14.

COLLOR, Lindolfo. **A história e o Instituto Histórico**. Revista do IHGRGS. Porto Alegre: Livraria do Globo, Ano I, II trimestre, 1921.

MAESTRI, Mário. **História e romance histórico: fronteiras**. Revista Novos Rumos, nº 36, 2002.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Saberes e sabores ou conversas sobre história e literatura**. Revista História e Perspectivas, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, nº 53, jan-jun 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. Revista História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, nº 14, 2003.

PIMENTEL, Samarkandra P. S. **Considerações acerca do romance histórico**. Revista Espéculo de Estudios Literarios de la Universidad Complutense de Madrid, 2010. <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero44/romanhis.html>. Acesso em 23/02/2014.

VERISSIMO, Erico. **O romance de um romance**. Revista Lanterna Verde, julho-1944.

WERLANG, Géron. **A música como elemento de conquista em O tempo e o vento**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Passo Fundo: Universidade Federal de Passo Fundo, v.9, nº 1, jan/jun 2013.

ZILBERMAN, Regina. **Erico Verissimo: artista, intelectual e pensador brasileiro**. Caxias do Sul: Revista Antares - Letras e Humanidades, nº 3, jan-jun de 2010.

## **Dissertações e Teses**

DEUSCHLE, Agnes Hübscher. **Figurações do indígena na ficção rio-grandense**. Dissertação de mestrado em literatura. Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

MARINELLO, Adiane Fogari. **Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi**. Dissertação de mestrado letras. Universidade de Caxias do Sul, 2005.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória (1940 e 1972)**. Tese de doutorado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

SILVA, Elza Elizabeth Maran da. **Pensando as fronteiras e as identidades na obra de Erico Verissimo: O continente (1949)**. Dissertação de mestrado em história. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

SOUZA, Elaine Rosa de. **“Gota de orvalho, na coroa dum lírio: joia do tempo”: Erico Verissimo - trajetória, obra e questões de gênero**. Tese de doutorado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

TORRES, Luiz Henrique. **Historiografia sul-rio-grandense: o lugar das missões jesuítico-guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)**. Tese de doutorado em história. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

## Anexos

### Anexo 1: Obras representativas do romance de 30.

Ano	Obra	Autor	Categoria
1928	<b>A bagaceira</b>	José Américo de Almeida	Regionalista
1930	<b>O quinze</b>	Rachel de Queiroz	Regionalista
1932	<b>Menino de engenho</b>	José Lins do Rego	Regionalista
1933	<b>Os corumbás</b>	Amando Fontes	Regionalista
1934	<b>São Bernardo</b>	Graciliano Ramos	Regionalista
1934	<b>Banguê</b>	José Lins do Rego	Regionalista
1935	<b>Caminhos cruzados</b>	Erico Verissimo	Urbana
1935	<b>Jubiabá</b>	Jorge Amado	Regionalista
1935	<b>Fronteira</b>	Cornélio Penna	Psicológica
1935	<b>Os ratos</b>	Dyonélio Machado	Urbana
1936	<b>Mar morto</b>	Jorge Amado	Regionalista
1936	<b>A luz do subsolo</b>	Lúcio Cardoso	Psicológica
1937	<b>Capitães de areia</b>	Jorge Amado	Regionalista
1937	<b>O amanuense Belmiro</b>	Cyro dos Anjos	Psicológica
1937	<b>Mundos mortos</b>	Octávio de Faria	Psicológica
1938	<b>Vidas secas</b>	Graciliano Ramos	Regionalista
1938	<b>Olhai os lírios do campo</b>	Erico Verissimo	Urbana
1943	<b>A quadragésima porta</b>	José Geraldo Vieira	Urbana
1943	<b>Fogo morto</b>	José Lins do Rego	Regionalista
1949	<b>O tempo e o vento</b>	Erico Verissimo	Regionalista

Fonte: o autor.

## Anexo 2: Edições das obras de Erico Verissimo durante os anos de 1930

Ano	Título	Edição	Impressão	Tiragem
1932	Fantoches	Primeira		1.500
1933	Clarissa	Primeira		7.000
1935	Caminhos cruzados	Primeira	Primeira	2.000
1935	A vida de Joana d'Arc	Primeira	Primeira	2.500
1936	As aventuras do avião vermelho	Primeira	Primeira	5.000
1936	Os três porquinhos pobres	Primeira	Primeira	5.000
1936	Rosa Maria no castelo encantado	Primeira	Primeira	5.000
1936	Meu ABC	Primeira	Primeira	5.500
1936	Música ao longe	Primeira	Primeira	2.500
1936	Um lugar ao sol	Primeira	Primeira	3.500
1937	Caminhos cruzados	Primeira	Segunda	2.000
1937	Os três porquinhos pobres	Primeira	Segunda	5.500
1937	Música ao longe	Primeira	Segunda	3.000
1937	As aventuras de Tibicuera	Primeira	Primeira	5.000
1938	As aventuras do avião vermelho	Segunda	Segunda	10.000
1938	Rosa Maria no castelo encantado	Primeira	Segunda	10.000
1938	O urso com música na barriga	Primeira	Primeira	11.500
1938	Olhai os lírios do campo	Primeira	Primeira	4.000
1938	Olhai os lírios do campo	Primeira	Segunda	2.500
1938	Olhai os lírios do campo	Primeira	Terceira	3.500
1938	Olhai os lírios do campo	Primeira	Quarta	4.000
1939	Caminhos cruzados	Primeira	Terceira	3.000
1939	Música ao longe	Primeira	Terceira	3.000
1939	Clarissa	Segunda	Primeira	3.000
1939	Um lugar ao sol	Primeira	Segunda	3.000
1939	As aventuras de Tibicuera	Primeira	Segunda	5.000
1939	Olhai os lírios do campo	Primeira	Quinta	3.000
1939	Olhai os lírios do campo	Segunda	Primeira	3.000
1939	Olhai os lírios do campo	Segunda	Segunda	5.000
1939	A vida do elefante Basílio	Primeira	Primeira	10.000
1939	Outra vez os três porquinhos	Primeira	Primeira	10.000
1939	Viagem à aurora do mundo	Primeira	Primeira	6.000
1939	Aventuras no mundo da higiene	Primeira	Primeira	10.000
1939	Aventuras no mundo da higiene	Primeira	Segunda	10.000

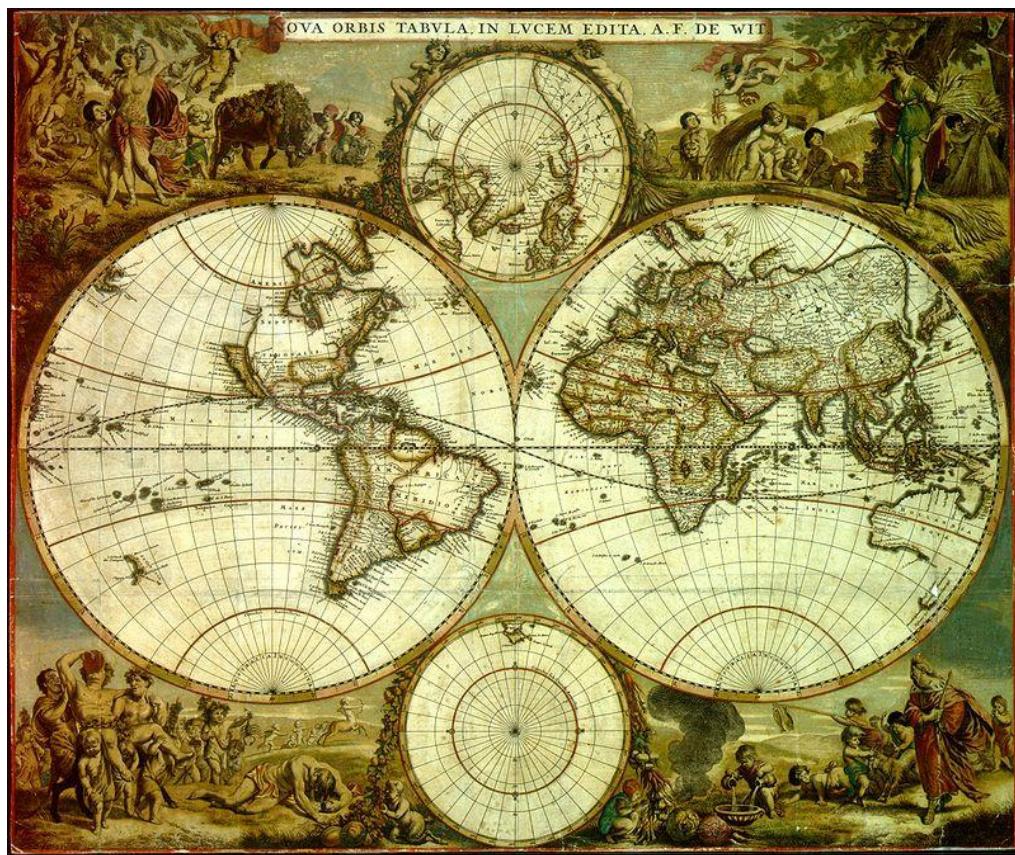
Fonte: CHAVES, Flávio Loureiro. (org.) **O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972, p. XVI-XIX.

### Anexo 3: Cronologia de fundação das missões jesuítico-guarani

Fundação	Missão	Localização	Localização atual	População (1765)
1609	Nossa Senhora de Loreto	Rio Paranapanema	Argentina	2.393
1609	Santo Inácio (Mini)	Rio Paranapanema	Argentina	3.141
1614	Itapuã ou Encarnação	Rio Paraná	Paraguai	4.542
1620	Nossa Senhora da Conceição	Rio Uruguai	Argentina	2.872
1622	Corpus Christi	Rio Paraná	Argentina	4.342
1625	Yapeyú (Santos Reis)	Rio Uruguai	Argentina	7.715
1625	São Francisco Xavier	Rio Uruguai	Argentina	1.311
1631	São Carlos (Panambi)	Rio Uruguai	Argentina	2.265
1632	Santa Maria da Fé	Rio Uruguai	Paraguai	3.945
1633	Santa Maria Maior	Rio Uruguai	Argentina	1.375
1637	Apóstolos (Cruz Alta)	Rio Uruguai	Argentina	2.048
1639	São Tomé (Jaguari)	Rio Uruguai	Argentina	1.954
1657	Santa Cruz (La Cruz)	Rio Uruguai	Argentina	3.197
1659	Santo Inácio (Guaçu)	Rio Paraná	Paraguai	1.985
1660	Sant'ana	Rio Paraná	Argentina	4.161
1660	São José	Rio Uruguai	Argentina	2.037
1665	Candelária	Rio Paraná	Argentina	2.879
1672	San Tiago	Rio Paraná	Paraguai	2.711
1675	Jesus Maria	Rio Paraná	Paraguai	2.278
<b>1675</b>	<b>São Miguel Arcanjo</b>	<b>Rio Piratini</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>2.861</b>
<b>1688</b>	<b>São Nicolau</b>	<b>Rio Piratini</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>4.028</b>
<b>1690</b>	<b>São (Francisco de) Borja</b>	<b>Rio Uruguai</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>2.733</b>
<b>1691</b>	<b>São Lourenço</b>	<b>Rio Piratini</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>1.185</b>
<b>1696</b>	<b>São João Batista</b>	<b>Rio Piratini</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>3.923</b>
1696	Santa Rosa	Rio Paraná	Paraguai	1.934
1704	Santos Mártires	Rio Uruguai	Argentina	1.688
1706	Santíssima Trindade	Rio Paraná	Paraguai	2.633
<b>1707</b>	<b>Santo Ângelo</b>	<b>Rio Piratini</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>2.473</b>
<b>1720</b>	<b>São Luiz Gonzaga</b>	<b>Rio Piratini</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>2.207</b>
1740	São Cosme (e Damião)	Rio Paraná	Paraguai	2.223

Fonte: NETO, Miranda. *A utopia possível: missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 186-187.

**Anexo 4: Nova Orbis Tabula in Lucem Edita, Frederick de Wit (c.1665).**



<http://digitalcollections.lib.washington.edu/cdm/ref/collection/maps/id/14> acesso em 22/04/2016.

## Anexo 5: Obras completas de Erico Verissimo

### 1- Ficção

#### Romance urbano

- ✓ Clarissa, 1933.
- ✓ Caminhos Cruzados, 1935.
- ✓ Música ao Longe, 1935.
- ✓ Um Lugar ao Sol, 1936.
- ✓ Olhai os Lírios do Campo, 1938.
- ✓ Saga, 1940.
- ✓ O Resto É Silêncio, 1942.
- ✓ Noite, 1954.

#### Romance histórico

- ✓ O Tempo e o Vento – O Continente, 1949 – volume 1, volume 2.
- ✓ O Tempo e o Vento – O Retrato, 1951 – volume 1, volume 2.
- ✓ O Tempo e o Vento – O Arquipélago, 1961-1962 – volume 1, volume 2, volume 3.

#### Romance político

- ✓ O Senhor Embaixador, 1965.
- ✓ O Prisioneiro, 1967.
- ✓ Incidente em Antares, 1971.

#### Contos

- Fantoches, 1932.
- As Mão de Meu Filho, 1942.
- O Ataque, 1959.
- Galeria Fosca, 1987.

### Obras infantis

- ❖ As Aventuras do Avião Vermelho, 1936.
- ❖ Os Três Porquinhos Pobres, 1936.
- ❖ Rosa Maria no Castelo Encantado, 1936.
- ❖ O Urso com Música na Barriga, 1938.
- ❖ A Vida do Elefante Basílio, 1939.
- ❖ Outra Vez Os Três Porquinhos, 1939.

### Obras juvenis

- ❖ A Vida de Joana d'Arc, 1935.
- ❖ Meu ABC, 1936.
- ❖ As Aventuras de Tibicuera, 1937.
- ❖ Viagem à Aurora do Mundo, 1939.
- ❖ Aventuras no Mundo da Higiene, 1939.

## **2- Não ficção**

### Narrativas de viagem

- Gato Preto em Campo de Neve, 1941.
- A Volta do Gato Preto, 1946.
- México, 1957.
- Israel em Abril, 1969.

### Memórias

- O Escritor Diante do Espelho, 1966.
- Um Certo Henrique Bertaso, 1972.
- Solo de Clarineta I, 1973.
- Solo de Clarineta II, 1976.

### Ensaio literário

- Brazilian Literature: An Outline, 1945.

### Ensaio publicitário

- Rio Grande do Sul, 1973.

## **3- Traduções**

### Romances

- *O Sineiro (The Ringer)*, Edgar Wallace, 1931.
- *O Círculo Vermelho (The Crimson Circle)*, Edgar Wallace, 1931.
- *A Porta das Sete Chaves (The Door with Seven Locks)*, Edgar Wallace, 1931.
- *Classe 1902 (Jahrgang 1902)*, Ernst Glaeser, 1933.
- *Contraponto (Point Counter Point)*, Aldous Huxley, 1934.
- *E Agora, Seu Moço? (Kleiner Mann, Was nun?)*, Hans Fallada, 1937.
- *Não Estamos Sós (We Are Not Alone)*, James Hilton, 1940.
- *Adeus Mr. Chips (Goodbye Mr. Chips)*, James Hilton, 1940.
- *Ratos e Homens (Of Mice and Men)*, John Steinbeck, 1940.
- *O Retrato de Jennie (Portrait of Jennie)*, Robert Nathan, 1942.
- *Mas Não se Mata Cavalo? (They Shoot Horses, Don't they?)*, Horace McCoy, 1947.
- *Maquiavel e a Dama (Then and Now)*, W. Somerset Maugham, 1948.
- *A Pista do Alfinete Novo (The Clue of the New Pin)*, Edgar Wallace, 1956.

### Contos

- *Psicologia (Psychology)*, Katherine Mansfield, 1939.
- *Felicidade (Bliss)*, Katherine Mansfield, 1940.
- *O Meu Primeiro Baile (Her First Ball)*, Katherine Mansfield, 1940.

Fonte: organização feita pelo autor.

